

FACULDADE DE LETRAS/UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

HUMBERTO SOARES DA SILVA

**O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO:
CONFRONTO ENTRE O PORTUGUÊS E O ESPANHOL**

Rio de Janeiro, 2006

**O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO:
CONFRONTO ENTRE O PORTUGUÊS E O ESPANHOL**

por

Humberto Soares da Silva

Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas – área de Língua Portuguesa – apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientação: Maria Eugênia Lamoglia Duarte.

Rio de Janeiro, 1º semestre de 2006

DEFESA DE DISSERTAÇÃO

SOARES DA SILVA, Humberto. *O parâmetro do sujeito nulo: confronto entre o português e o espanhol*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2006. 117 p.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2006

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Maria Eugênia Lamoglia Duarte (UFRJ)

Profa. Dra. Mary Aizawa Kato (IEL/UNICAMP)

Profa. Dra. Leticia Rebollo Couto (Letras Neolatinas/UFRJ)

Prof. Dr. Celso Vieira Novaes (Linguística e Filologia/UFRJ) – suplente

Profa. Dra. Célia Regina dos Santos Lopes (Letras Vernáculas/UFRJ) – suplente

SOARES DA SILVA, Humberto. *O parâmetro do sujeito nulo: confronto entre o português e o espanhol*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2006. 117 p.

RESUMO

A partir do quadro de Princípios e Parâmetros e da Teoria Variacionista, investiga-se a representação do sujeito pronominal em duas variedades do espanhol: a fala de Madri e a de Buenos Aires. Os *corpora* utilizados para a análise fazem parte do *Macrocorpus de la norma lingüística culta de las principales ciudades de España y América*. Parte-se da hipótese de que, como as duas variedades apresentam um paradigma flexional “funcionalmente rico” (Roberts, 1993), exibem as propriedades de uma língua românica de sujeito nulo prototípica: preferência pelo sujeito nulo em todos os contextos e ausência de sujeito pronominal pleno com o traço [- animado]. Os resultados confirmam as hipóteses, revelando mais semelhanças do que diferenças entre as variedades analisadas, mas permitem afirmar que há vários matizes de comportamento das línguas de sujeito nulo em relação ao parâmetro do sujeito nulo. Deve haver uma escala contínua, que vai desde [- sujeito nulo] até [+ sujeito nulo], na qual essas línguas podem ser localizadas, pois é difícil classificar as línguas apenas pelas marcações positiva e negativa do parâmetro. A comparação desses resultados com outros, sobre o português europeu e o brasileiro, permite localizar as duas variedades do espanhol e as duas do português em diferentes pontos dessa escala.

SOARES DA SILVA, Humberto. *O parâmetro do sujeito nulo: confronto entre o português e o espanhol*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2006. 117 p.

ABSTRACT

Based on the Principles and Parameters framework and the Variationist Theory, this work investigates the representation of null referential subjects in two varieties of Spanish: one spoken in Madrid and one in Buenos Aires. The samples used for the analysis come from *Macrocorpus de la norma lingüística culta de las principales ciudades de España y América*. The hypothesis underlying the analysis is that, since both varieties present a “functionally rich” verb inflectional paradigm (Roberts 1993), they will exhibit the properties of prototypical romance null subject languages: preference for null subjects, regardless of the syntactic context, and absence of [-animate] overt pronominal subjects. The results confirm our hypothesis, revealing that the varieties analyzed show more similarities than differences, but allows one to postulate that null subject languages do not behave equally. There seems to be a *continuum* along which they can be placed or, in other words, it seems to be difficult to classify languages according to a positive or negative setting of the parameter. The comparison between our results and others obtained for varieties of Portuguese makes it possible to place such varieties in different points of that *continuum*.

SUMÁRIO

ÍNDICE DE FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS	9
AGRADECIMENTOS	12
INTRODUÇÃO – TEMAS E OBJETIVOS	
ORGANIZAÇÃO DAS PARTES DO TRABALHO	13
CAPÍTULO 1 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	
A GRAMÁTICA GERATIVA E A SOCIOLINGÜÍSTICA	16
1.1 – A TEORIA GERATIVA	16
1.1.1 – A Gramática Universal	17
1.1.2 – O quadro de Princípios e Parâmetros	18
1.1.3 – O parâmetro do sujeito nulo	19
1.1.4 – O Princípio “Evite Pronome”	21
1.2 – A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA	22
1.2.1 – Variação e mudança	23
1.2.2 – A análise da variação na sintaxe	24
1.2.3 – Os fatores extralingüísticos	25
1.3 – A TEORIA DA LINGUAGEM	27
CAPÍTULO 2 – O SUJEITO PRONOMINAL E O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO O PORTUGUÊS E O ESPANHOL	28
2.1 – O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O PORTUGUÊS EUROPEU	28
2.1.1 – O sujeito nulo no português europeu	28
2.1.2 – A mudança paramétrica em progresso no português do Brasil	33
2.1.3 – A hierarquia referencial atuando no processo de mudança	37
2.1.4 – A comparação entre o português brasileiro e o europeu	38
2.2 – OS PRONOMES PESSOAIS EM ESPANHOL	39
2.2.1 – O quadro pronominal do espanhol	40

2.2.2 – O sujeito pronominal em espanhol	41
2.2.3 – O pronome <i>usted(es)</i>	44
2.2.4 – A ambigüidade	45
2.2.5 – O pronome neutro <i>ello</i>	46
2.2.6 – A representação do sujeito pronominal em espanhol	47
2.2.7 – Estudos variacionistas sobre o espanhol da América	49
2.3 – A NATUREZA DO SUJEITO PLENO E O LICENCIAMENTO DO NULO	50

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DE ANÁLISE: OS GRUPOS DE FATORES

HIPÓTESES	52
3.1 – INFORMAÇÕES SOBRE AS AMOSTRAS	52
3.2 – METODOLOGIA	53
3.3 – GRUPOS DE FATORES	55
3.3.1 – A variável dependente	55
3.3.2 – As variáveis independentes	55
3.3.2.1 – <i>A posição do sujeito</i>	55
3.3.2.2 – <i>A pessoa gramatical do sujeito</i>	56
3.3.2.3 – <i>A desinência número-pessoal do verbo</i>	57
3.3.2.4 – <i>O tempo e o modo verbais</i>	61
3.3.2.5 – <i>A forma verbal</i>	62
3.3.2.6 – <i>A transitividade verbal</i>	62
3.3.2.7 – <i>A estrutura do sintagma complementador (SC)</i>	63
3.3.2.8 – <i>Os elementos adjuntos ao sintagma flexional</i>	64
3.3.2.9 – <i>Elementos entre o especificador do sintagma flexional e o verbo</i>	65
3.3.2.10 – <i>A função sintática da oração</i>	66
3.3.2.11 – <i>As condições de referência</i>	67
3.3.2.12 – <i>O traço semântico do sujeito</i>	69
3.3.2.13 – <i>A oração: declarativa x interrogativa</i>	69
3.3.2.14. <i>As variáveis sociais</i>	70
3.4 – HIPÓTESES	71

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS RESULTADOS

A COMPARAÇÃO COM O PORTUGUÊS	72
------------------------------------	----

4.1 – RESULTADOS GERAIS	72
4.1.1 – O pronome neutro	74
4.1.2 – O sujeito posposto	76
4.2 – ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL	80
4.2.1 – O sujeito nulo em Madri	82
4.2.1.1 – <i>A pessoa gramatical</i>	82
4.2.1.2 – <i>As condições de referência</i>	84
4.2.1.3 – <i>A oração: declarativa x interrogativa</i>	88
4.2.1.4 – <i>A faixa etária do informante</i>	89
4.2.1.5 – <i>Os elementos entre o especificador de SF e o verbo</i>	89
4.2.1.6 – <i>A forma verbal</i>	90
4.2.1.7 – <i>Comentários</i>	91
4.2.2 – O sujeito nulo em Buenos Aires	92
4.2.2.1 – <i>As condições de referência</i>	92
4.2.2.2 – <i>A pessoa gramatical</i>	95
4.2.2.3 – <i>A faixa etária do falante</i>	96
4.2.2.4 – <i>Os elementos entre o sintagma complementador e o flexional</i>	97
4.2.2.5 – <i>Os elementos entre o especificador de SF e o verbo</i>	98
4.2.2.6 – <i>A função sintática da oração</i>	98
4.2.2.7 – <i>A estrutura do sintagma complementador</i>	99
4.2.2.8 – <i>A desinência número-pessoal</i>	100
4.2.2.9 – <i>O gênero do informante</i>	102
4.2.2.10 – <i>Comentários</i>	102
4.3 – O PORTUGUÊS E OS RESULTADOS PARA O ESPANHOL	103
CAPÍTULO 5 – CONCLUSÃO	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS – TEXTOS CITADOS	110
ANEXO I	116
ANEXO II	117

ÍNDICE DE FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS

FIGURAS

Figura 1A – Conjuntos	18
Figura 2A – A escala de referencialidade de Cyrino, Duarte & Kato (2000)	38
Figura 3A – Representação estrutural do SC dos exemplos (35) a (39)	64
Figura 4A – A escala de referencialidade de Cyrino, Duarte & Kato (2000)	74
Figura 4B – Escala contínua para o parâmetro do sujeito nulo	104
Figura 5A – Escala contínua para o parâmetro do sujeito nulo	109

TABELAS

Tabela 2A – Expressão do sujeito pronominal x pessoa e número (PE)	29
Tabela 2B – Expressão do sujeito segundo a pessoa gramatical (PE)	29
Tabela 2C – Segunda pessoa em declarativas e interrogativas (PE)	30
Tabela 2D – Sujeito nulo segundo o tipo de oração no português europeu	31
Tabela 2E – O paradigma flexional do verbo em três momentos do PB	34
Tabela 2F – O quadro pronominal nominativo (sujeito) do espanhol	41
Tabela 3A – Distribuição comum para as amostras de todas as cidades	53
Tabela 3B – Distribuição dos inquéritos do <i>corpus</i> utilizado neste trabalho ..	53
Tabela 3C – Distribuição dos dados coletados das falas dos informantes	54
Tabela 3D – Distribuição dos dados (incluindo os entrevistadores)	54
Tabela 3E – Paradigma pronominal (nominativo) de Madri e Buenos Aires	56
Tabela 3F – Desinências número-pessoais em espanhol	58
Tabela 4A – Representação do sujeito pronominal em espanhol	72
Tabela 4B – Animacidade do sujeito de terceira pessoa em Madri	72
Tabela 4C – Animacidade do sujeito de terceira pessoa em Buenos Aires	73
Tabela 4D – Sujeitos pospostos em oposição a nulos e antepostos	77
Tabela 4E – Ocorrências e taxas de sujeito nulo em Madri e Buenos Aires	80
Tabela 4F – Grupos de fatores selecionados em ordem de relevância	81

Tabela 4G – Sujeito pronominal nulo em Madri e Buenos Aires	81
Tabela 4H – Sujeito nulo de acordo com a pessoa gramatical em Madri	82
Tabela 4I – Sujeito nulo: pessoa gramatical x desinência (em Madri)	83
Tabela 4J – Sujeito nulo segundo o padrão sentencial em Madri	84
Tabela 4L – Sujeito nulo: oração declarativa x interrogativa (em Madri)	88
Tabela 4M – Elementos entre o especificador de SF e o verbo (em Madri)	90
Tabela 4N – Sujeito nulo de acordo com a forma verbal em Madri	91
Tabela 4O – sujeito nulo segundo o padrão sentencial em Buenos Aires	92
Tabela 4P – Sujeito nulo segundo a pessoa gramatical em Buenos Aires	96
Tabela 4Q – Sujeito nulo segundo a adjunção a SF em Buenos Aires	97
Tabela 4R – Elementos entre especificador de SF e verbo (Buenos Aires)	98
Tabela 4S – Sujeito nulo x função sintática da oração (em Buenos Aires)	99
Tabela 4T – Sujeito nulo segundo a estrutura de SC em Buenos Aires	100
Tabela 4U – Sujeito nulo de acordo com a desinência em Buenos Aires	100
Tabela 4V – Sujeito nulo: pessoa gramatical x desinência (Buenos Aires) ...	101
Tabela 4X – Sujeito nulo segundo o gênero do informante em Buenos Aires	102
Tabela 4Z – Taxas de sujeitos nulos no português e no espanhol (fala culta)	103
Tabela IA – Sujeito posposto segundo o tipo de desinência	116
Tabela IB – Sujeito posposto de acordo com o tempo e o modo verbal	116
Tabela IC – Sujeito posposto segundo a oração: assertiva x interrogativa ...	116
Tabela ID – Sujeito posposto x estrutura do sintagma complementador	116
Tabela IIA – Sujeito nulo de acordo com o tempo verbal em Madri	117
Tabela IIB – Sujeito nulo x adjunção ao sintagma flexional (em Madri)	117
Tabela IIC – Oração: declarativa x interrogativa (em Buenos Aires)	117
Tabela IID – Sujeito nulo segundo a forma verbal em Buenos Aires	117

GRÁFICOS

Gráfico 2A – Sujeito nulo através de sete períodos	33
Gráfico 3A – Mudança lingüística	70
Gráfico 3B – Variação estável	70
Gráfico 4A – Sujeito nulo segundo a faixa etária do informante em Madri	89
Gráfico 4B – Sujeito nulo de acordo com a faixa etária em Buenos Aires	96

Dedico este trabalho à Professora **Maria Maura da Conceição Cezário**. Seu apoio inicial foi determinante para que eu pudesse chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Em primeiríssimo lugar, à Professora **Maria Eugênia Lamoglia Duarte**, cuja orientação ultrapassa (e muito!) os limites deste trabalho.

À Professora **Célia Regina dos Santos Lopes**, primeiramente por ter-me apresentado à minha orientadora e também pelos conhecimentos passados, tanto nas aulas da graduação e do Mestrado como em conversas informais.

À Professora **Dinah Callou**, pelas proveitosas aulas no Mestrado, por todo o apoio dado e pela disponibilização das amostras de fala utilizadas neste trabalho.

Aos professores do PEUL, especialmente (mas não só) **Cristina Abreu Gomes**, **Helena Gryner** e **Vera Lúcia Paredes Silva**.

A todos os colegas bolsistas do PEUL.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, pelo apoio técnico e financeiro quando necessário.

Aos professores do Mestrado: **Mônica Nobre**, de Vernáculas; **Celso Novaes** e **Humberto Menezes**, de Lingüística (além dos já citados acima).

Às professoras da graduação, principalmente **Ana Flávia Gerhardt** e **Josane Moreira**, de Português; **Consuelo Alfaro** e **Leticia Rebollo Couto**, de Espanhol.

Aos professores de Português do Ensino Médio **Sandra** e **Cláudio Valente**, que me ajudaram a ativar o gosto pela língua portuguesa.

Às professoras de Matemática **Andréa Nívea** (do Ensino Fundamental), **Miriam** (do primeiro grau) e **Maria** (do segundo grau), responsáveis por boa parte do meu desempenho em pesquisas sobre variação lingüística.

Às colegas da faculdade de Letras da UFRJ **Joyce dos Santos** e **Juliana Marins** (entre outros), por toda a ajuda dispensada e pela grande amizade.

A toda a minha família, principalmente minha tia **Renata** e minha mãe.

Ao eterno amigo **Alexander Leandro**, parceiro e companheiro em todos os momentos, pela paciência, pela paciência, pela paciência e pelas palavras encorajadoras.

INTRODUÇÃO

TEMA E OBJETIVOS

ORGANIZAÇÃO DAS PARTES DO TRABALHO

A observação do comportamento das línguas românicas, particularmente o italiano e o espanhol em relação ao inglês e ao francês, fornecem sem dúvida um forte elemento para o estabelecimento do quadro de Princípios e Parâmetros: princípios iguais para todas as línguas e parâmetros que, a depender de sua marcação positiva ou negativa, diferenciam línguas. O parâmetro do sujeito nulo, pela maior facilidade e clareza de observação, é o que mais tem recebido contribuições dos estudiosos. Pesquisas recentes sobre o português brasileiro (PB) revelam uma mudança na marcação do parâmetro do sujeito nulo (de uma língua [+ sujeito nulo] para uma língua [- sujeito nulo]) como consequência de reduções nos paradigmas pronominal e flexional.

A comparação desses estudos com análises do português europeu (PE) confirma a distância entre as duas variedades: a europeia e a brasileira. O PE se mantém como uma língua de sujeito nulo, enquanto o PB cada vez mais se afasta do que se poderia considerar uma língua de sujeito nulo prototípica, como se acredita serem o espanhol e o italiano. Como as análises do espanhol seguem, em geral, uma perspectiva funcionalista, não permitindo uma comparação com as análises para o português realizadas à luz das propriedades das línguas de sujeito nulo, este trabalho buscará investigar como se comporta o espanhol em relação ao parâmetro do sujeito nulo, através da análise de duas variedades: o espanhol de Madri e o de Buenos Aires.

Como mostram os trabalhos de Duarte (1993, 1995, 2003); Cyrino, Duarte & Kato (2000) e Kato & Duarte (2003), o sujeito, cada vez mais, é representado foneticamente, enquanto o uso do sujeito pronominal nulo diminui. O trabalho diacrônico de Duarte (1993), com base em peças de teatro de caráter popular dos séculos XIX e XX, permitiu observar o percurso da mudança na marcação do parâmetro do sujeito nulo pela qual passa o PB, de língua de sujeito nulo para língua de sujeito pleno, bem como estabelecer o período dos anos 30 do século XX como o momento em que a mudança se deixa observar nas peças analisadas.

O objetivo deste trabalho é investigar a representação do sujeito pronominal no espanhol peninsular e no americano (variedades de Madri e de Buenos Aires, respectivamente), para comparar com os resultados já obtidos para o PE e o PB, utilizando o quadro teórico de Princípios e Parâmetros e o da Teoria Variacionista. Por um lado, o trabalho fornecerá evidências do comportamento de uma língua de sujeito nulo. Por outro, poderá apontar diferenças entre as duas variedades analisadas, pois o quadro pronominal-flexional da variedade americana do espanhol também apresenta redução em relação à peninsular, como ocorre com o português, sem que tal redução, entretanto, comprometa o licenciamento e a identificação do sujeito nulo.

Espera-se, pois, encontrar, no espanhol, um comportamento mais semelhante ao do PE, língua de sujeito nulo, e, ao mesmo tempo, pequenas distinções entre as duas variedades decorrentes dos diferentes paradigmas. A análise permitirá determinar que fatores estruturais e sociais atuam no favorecimento do preenchimento do sujeito pronominal, supondo que esta seja a forma marcada (ou menos freqüente) no sistema do espanhol.

O trabalho se sustenta na Sociolingüística associada a pressupostos do quadro de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa (Chomsky, 1981), a que se tem referido como Sociolingüística Paramétrica (Kato, 1999a; Ramos, 1999; Duarte, 1999): o diálogo entre as duas abordagens permite distinguir uma mudança na gramática da língua (mudança paramétrica) de uma variação superficial¹. Segundo Tarallo & Kato (1989), as línguas, além de se distinguirem pela marcação em relação a um parâmetro (diferença qualitativa), podem diferenciar-se também pela freqüência com que as propriedades associadas a tal parâmetro aparecem (diferença quantitativa). No caso de um sistema em mudança, evidências quantitativas são extremamente importantes, como têm mostrado as análises sobre a representação do sujeito pronominal no PB.

Foram utilizados, para a coleta dos dados, as amostras de Madri (variedade européia) e de Buenos Aires (variedade americana) do *Macrocorpus de la norma lingüística culta de las principales ciudades de España y América*, que contém amostras da fala de 12 cidades (nove americanas e três espanholas). Utilizaram-se 12 entrevistas de cada cidade e foi definida uma quantidade máxima de 50 dados de

¹ Exemplos de outros trabalhos que se sustentam tanto na abordagem social quanto na teórica/estrutural: Moino (1987), Nunes (1990), Ramos (1992), Pagotto (1992) e Cyrino (1994).

cada entrevista para cada uma das três pessoas gramaticais. Os dados foram codificados segundo variáveis lingüísticas e sociais e submetidos ao pacote de programas VARBRUL, sendo cada localidade analisada em separado.

Esta Dissertação está organizada em cinco capítulos. O primeiro contém o detalhamento dos pressupostos teóricos. O segundo capítulo apresenta uma revisão de trabalhos já realizados sobre o português, além de uma descrição do quadro pronominal do espanhol.

O terceiro capítulo traz, com detalhes, a metodologia de análise e as hipóteses. Resultados e comentários sobre as análises qualitativas e de regra variável figuram no quarto capítulo, junto com a comparação entre as duas variedades do espanhol e as duas do português e a identificação da marcação de cada uma delas em relação ao parâmetro do sujeito nulo. O quinto capítulo conclui o trabalho.

CAPÍTULO 1

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS A GRAMÁTICA GERATIVA E A SOCIOLINGÜÍSTICA

1.1 – A TEORIA GERATIVA

A mente humana é organizada em faculdades, cada uma contendo princípios específicos. Aí se insere a faculdade da linguagem, que também tem seus princípios. Pela “metáfora da computação”, a mente é um sistema de processamento binário, como um computador (Novaes, 1996: 7).

O objeto de estudo da gramática gerativa é a representação mental do conhecimento de uma língua por parte de um indivíduo, a língua-I – interna, individual (Chomsky, 1986). O autor propõe que um conjunto finito de princípios dá conta de todas as sentenças de uma língua, assim como um sistema computacional, que opera com um conjunto finito de instruções (Gardner, 1985). O conhecimento que um falante tem de sua língua e a capacidade de produzir sentenças é a competência lingüística, que é o objeto de estudo da gramática gerativa – o termo **competência** não deve ser confundido com **desempenho**: este se refere ao uso que se faz daquele.

Como os princípios da competência lingüística não são conscientes, um falante não pode passá-los às gerações seguintes, o que, segundo Novaes (1996: 11), indica que tais princípios são inatos. Chomsky (1981 e 1986) usa o fenômeno da subdeterminação dos dados ou pobreza de estímulo para argumentar também que esses princípios são inatos. Segundo tal fenômeno, um falante tem conhecimentos de uma língua que não são inferidos dos dados, como o conhecimento das categorias vazias e o dos sintagmas abstratos.

Changeux (1979 e 1983) propõe que as sinapses (ligações entre os neurônios) não selecionadas pelo meio são eliminadas; sendo assim, o aprendizado consiste na eliminação de possibilidades. Enquanto a eliminação de sinapses é possível, a criação de novas não é, assim como não é possível fixar novos parâmetros da língua depois do “período crítico de aquisição de linguagem” (Lenneberg, 1967). Então, pode-se afirmar que os princípios da Gramática Universal

são geneticamente determinados e que os indivíduos nascem com as duas possibilidades (marcação positiva ou negativa) para cada parâmetro, eliminando uma delas ao ter contato com os dados da língua.

1.1.1 – A Gramática Universal

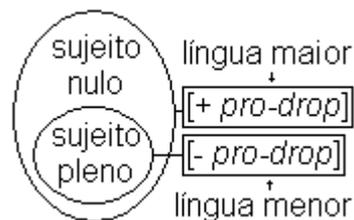
A Gramática Universal é um conjunto de princípios lingüísticos comuns a toda a espécie humana, já que é determinada geneticamente. De acordo com Raposo (1992), ela pode ser entendida como um órgão biológico, que se desenvolve até poder dar conta dos conhecimentos de um falante adulto sobre a sua língua. A Gramática Universal é, então, o estágio inicial da faculdade da linguagem, estágio esse que é igual para todos os indivíduos da nossa espécie.

Ela contém princípios invariáveis, como, por exemplo, o fato de toda oração projetar uma categoria sujeito (mesmo que essa posição não contenha carga fônica) ou a obrigatoriedade de todos os papéis temáticos projetados por um predador serem realizados (pelo menos na forma lógica). Esses princípios, abstratos, são rígidos e valem para todas as gramáticas, de qualquer língua humana. A realização concreta desses princípios depende dos parâmetros, que são variáveis, podendo assumir dois valores distintos, a depender da gramática de cada língua: podem estar marcados negativa ou positivamente (e é isso que distingue as diversas línguas humanas).

Como exemplo, pode-se citar, em relação ao princípio da projeção do sujeito, o parâmetro do sujeito nulo: as línguas podem ser [+ *pro-drop*], como a maioria das neolatinas, que admitem o sujeito nulo, ou [- *pro-drop*], como o inglês e o francês, em que “somente” o sujeito pleno é gramatical. Aspas foram usadas pelo fato de serem encontradas frases com sujeito apagado nessas línguas, embora marginais, já que, mesmo sendo expresso obrigatoriamente, o contexto pragmático pode eventualmente permitir a interpretação de um sujeito nulo. Em inglês, por exemplo, um garçom pode dizer para outro, apontando ou olhando para um cliente: **pro** *wants more coffee*.

Segundo o Princípio do Subconjunto, apresentado por Raposo (1992), o valor negativo de um parâmetro é subconjunto do positivo. Uma língua como o inglês, marcada negativamente em relação ao parâmetro do sujeito nulo [- *pro-drop*], só aceita o sujeito pleno (língua menor), enquanto uma língua marcada positivamente [+ *pro-drop*] aceita as duas realizações: o sujeito pode aparecer nulo ou pleno (língua maior).

Figura 1A – Conjuntos



Nestas, os sujeitos focalizados ou em situação de contraste, por exemplo, são necessariamente expressos foneticamente.

O mesmo parece acontecer com a expressão do objeto direto pronominal. O espanhol e o italiano, por exemplo, podem ser considerados línguas menores, com a marcação [- objeto nulo], já que o uso de um clítico acusativo evidenciando a realização fonética do objeto direto é obrigatório. O português, com a marcação [+ objeto nulo], seria uma língua maior, na qual encontramos tanto objetos nulos como objetos preenchidos.

De acordo com a citada teoria do Subconjunto, o português é considerado uma língua de sujeito nulo [+ *pro-drop*], por admitir o apagamento, o que é compatível com o que as gramáticas tradicionais pregam. Porém, inúmeros trabalhos mostram que as taxas de preenchimento do sujeito no português brasileiro são cada vez maiores: Novaes (1996: 67), por exemplo, encontrou, em um *corpus* oral constituído de cinco entrevistas de rádio e televisão, apenas 110 ocorrências de sujeito nulo em um total de 740 dados, o que equivale a 15% (embora o comportamento da escrita seja, como esperado, mais conservador). Estamos, então, diante de uma provável mudança na marcação do parâmetro: quando (e se) todos os sujeitos forem preenchidos no PB (respeitadas as condições pragmaticamente marcadas), teremos uma língua [- *pro-drop*], como o francês e o inglês.

1.1.2 – O quadro de Princípios e Parâmetros

Estudos sobre mudança lingüística com base na teoria de Princípios e Parâmetros contribuem para a definição e a redefinição dos princípios da Gramática Universal. Essa abordagem permite, ao relacionar propriedades de um mesmo parâmetro, prever os caminhos de uma mudança em curso. Berlinck (1989), Duarte

(1992), Lopes Rossi (1993) e Ribeiro (1995) afirmam que o PB perdeu a inversão livre, a propriedade fundamental das línguas [+ *pro-drop*] (Chomsky, 1981), comprometendo a estabilidade em relação ao parâmetro do sujeito nulo.

Isso permite fazer uma previsão de mais mudanças, relacionadas às outras propriedades típicas das línguas [+ sujeito nulo]. Com a perda do princípio, supõe-se que o sujeito pleno substituirá, cada vez mais, o sujeito nulo. A “experiência detonadora”² da criança na aquisição terá cada vez menos sujeitos nulos e, como os parâmetros são acionados pela experiência positiva, espera-se que cada geração vá fazendo, gradativamente, reanálises até que o parâmetro seja refixado, passando a ter a marcação negativa: [- sujeito nulo].

1.1.3 – O parâmetro do sujeito nulo

Por ser a linguagem um sistema computacional mental, a preocupação dos gerativistas vai além dos elementos perceptíveis. Ela atinge também as categorias vazias, elementos que não aparecem na forma fonética. A representação do sujeito, tema teste trabalho, pode dar-se por uma categoria vazia: o sujeito nulo.

Em relação ao parâmetro do sujeito nulo, Novaes (1996: 35, entre outros) apresenta a visão intuitiva de que o apagamento é autorizado pela marca de concordância entre o sujeito e o verbo (Chomsky, 1981; Rizzi, 1988) – e vem daí a idéia de que uma morfologia forte ou rica licencia o sujeito nulo. Chomsky (1981), porém, identifica outras propriedades para as línguas de sujeito nulo, que acompanham o apagamento do pronome, permitindo que se faça uma lista de propriedades associadas ao parâmetro do sujeito nulo (essas propriedades caracterizam uma língua [+ *pro-drop*]; a ausência delas, uma língua [- *pro-drop*]). Abaixo, encontra-se uma lista das propriedades do parâmetro do sujeito nulo, acompanhadas de sentenças gramaticais em italiano (língua de sujeito nulo), retiradas de Chomsky (1981):

a) sujeito nulo pronominal

(1) _____ Ho trovato il libro.

b) inversão livre do sujeito

² “*triggering experience*” (Lightfoot, 1991)

(2) Ha mangiato Giovani.

c) movimento longo de qu- (sujeito)

(3) L'uomo [che_i mi domando [chi _____i abbia visto]].

d) pronomes resumptivos (de retomada) vazios em orações subordinadas

(4) Eco la ragazza_i [che mi domando [chi crede [che _____i possa SV]]].

e) violações aparentes do filtro “*that-trace*”

(5) Chi_i credi [*che* _____i partirà].

Roberts (1993) associa o parâmetro do sujeito nulo também à reestruturação, fenômeno que se manifesta de três maneiras: movimento longo de objeto, seleção de auxiliar e subida de clítico, exemplificados em (6), (7) e (8), respectivamente. As sentenças em italiano mostram que a reestruturação está presente nessa língua, que é [+ sujeito nulo]; já em francês, uma língua [- sujeito nulo], a reestruturação é agramatical, como mostram os exemplos abaixo de cada frase do italiano. Os seis exemplos são de Novaes (1996: 57):

(6) Le nuove case_i si cominceranno di costruire _____i.

*Les nouvelles maisons_i se commenceront à construire _____i.

(7) Piero **ha/è** voluto venire con noi.

*Pierre **est** voulu venir avec nous.

(8) Gianni lo_i vuole [fare _____i].

*Jean le_i veut [faire _____i].

A partir de comparações do inglês com as línguas românicas de sujeito nulo, concluiu-se que o que licenciaria a não expressão fonética do sujeito seria uma morfologia verbal “rica” (Chomsky, 1981: 241). A referência do pronome apagado, segundo o autor, só poderia ser recuperada pelo morfema número-pessoal ligado ao verbo. No caso de a língua ter uma morfologia flexional verbal “pobre”, sem uma quantidade suficiente de desinências distintivas, a expressão do pronome seria necessária para que ele pudesse ser interpretado.

A partir do trabalho de Huang (1984), que encontrou sujeitos nulos em línguas como o chinês, que apresenta uma flexão pobre (o paradigma verbal nessa língua não possui marcas de modo, tempo, número e pessoa), novas hipóteses sobre o licenciamento do sujeito nulo tiveram que ser levantadas. De acordo com Jaeggli & Safir (1989), não é um paradigma rico ou forte o que licencia o apagamento do sujeito, mas um paradigma uniforme, constituído apenas de formas “derivadas” (com desinências) ou “não derivadas” (só com o radical). Um paradigma contendo, simultaneamente, formas derivadas e não derivadas, segundo os autores, não licencia o sujeito nulo.

O espanhol e o italiano, por exemplo, têm altos índices de sujeito nulo. A expressão do sujeito é uma opção marcada, funcional, usada em situações de ênfase e contraste ou para desfazer ambigüidade. Segundo Rizzi (1988: 15), “dada a existência de uma opção pronominal zero, em línguas como o italiano, a forma expressa será limitada aos casos nos quais é necessária, isto é, quando o sujeito pronominal, tendo valor focal ou contrastivo, deve ser enfatizado (evidentemente, um elemento nulo não pode indicar ênfase)”³.

Roberts (1993) acrescenta que, além de uma morfologia uniforme, o sujeito nulo também pode ser licenciado por um paradigma verbal “funcionalmente rico”. Segundo o autor, um paradigma funcionalmente rico admite uma desinência <∅> e um sincretismo (uma mesma forma para duas pessoas gramaticais diferentes). Havendo muitos sincretismos, a riqueza funcional se perde e o sujeito nulo deixa de ser licenciado.

1.1.4 – O Princípio “Evite Pronome”

Chomsky (1981) e Rizzi (1988: 15) deixam claro que, nas línguas românicas de sujeito nulo, seu apagamento é uma obrigação, não uma opção. Segundo Duarte (1995: 29), “a opção parece ficar por conta do uso pronome pleno quando a interpretação estiver comprometida”. É o que ocorre no espanhol e no italiano e, exceto pelas orações relativas, no português europeu.

No português do Brasil, o sujeito nulo não é uma obrigação: é uma opção, que favorece o sujeito pleno. O preenchimento do pronome não é um uso

³ “given the existence of a zero pronominal option, in languages like Italian, the overt form will be limited to the cases in which it is necessary, i. e., when the pronominal subject, being focal or contrastive must bear stress (evidently, the zero element cannot bear stress)” (Rizzi, 1988: 15)

estigmatizado, não comprometendo a aceitação da sentença pelos falantes brasileiros. Por esse motivo, o trabalho de Duarte (1995) é sustentado na hipótese de que o português brasileiro perdeu o Princípio “Evite Pronome”, indo em direção às línguas [- sujeito nulo] ou [- *pro-drop*] (de sujeito pleno).

1.2 – A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolingüística vem romper com a dicotomia sincronia/diacronia. A língua passa a ser vista como heterogênea e a variação é considerada ordenada. O princípio da “heterogeneidade ordenada” (Weinreich, Labov & Herzog, 1968), presente em todas as línguas naturais⁴, permite estabelecer um contínuo entre as variedades, atestando diferenças mais quantitativas do que qualitativas.

A Sociolingüística Variacionista parte do pressuposto de que toda variação é sistemática e previsível. Sendo assim, a heterogeneidade de uma língua é motivada por fatores. Weinreich, Labov & Herzog (1968) apontam a necessidade de um controle sistemático dos fatores que favorecem o uso de cada variante: “certamente não basta apontar a existência ou a importância da variabilidade: é necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão”.

Os fatores favorecem ou desfavorecem o uso de formas equivalentes semanticamente, que coexistem em um momento na língua. As variantes, que concorrem para uma mesma função, podem manter-se estáveis ou uma pode tender a desaparecer, sendo substituída gradativamente pela outra, quando há uma mudança em progresso. A Sociolingüística identifica o grau de estabilidade da variação, podendo identificar a existência ou não de uma mudança em curso e até prever os estágios seguintes da mudança.

Os fatores que podem condicionar o emprego das formas variantes são de dois tipos: lingüísticos (internos ao sistema da língua) e extralingüísticos (externos ao sistema da língua). Os fatores lingüísticos incluem os contextos gramaticais: fonológicos, morfo-sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais. Os extralingüísticos, traços inerentes ao falante (como etnia, gênero e idade), características sócio-geográficas e circunstâncias do ato de fala.

⁴ “as línguas naturais (...) são manifestações espontâneas da capacidade de linguagem, ou seja, não foram construídas ‘pelo’ homem, foram construídas ‘com’ o homem. Pelo contrário, as **línguas artificiais** foram arquitetadas deliberadamente por uma pessoa ou por um pequeno grupo de pessoas, num tempo relativamente curto e, portanto, não se desenvolveram espontaneamente numa comunidade de falantes” (Mira Mateus & Villalva, 2006: 15)

1.2.1 – Variação e mudança

A mudança, que faz parte da dinâmica de todas as línguas naturais, pressupõe variação: “nem toda variação e heterogeneidade envolve mudança, mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade” (Weinreich, Labov & Herzog, 1968). Relacionando a variação com a mudança, é possível observar estágios intermediários entre dois momentos da evolução de uma língua, o que permite determinar o gatilho, que é o que desencadeia uma mudança. Se uma forma inovadora surge e entra em variação com uma antiga, é possível (mas não obrigatório) que isso leve a uma mudança na língua, o que é mais facilmente constatado se forem controlados os fatores sociais envolvidos.

Uma mudança lingüística envolve cinco questões, que estão inter-relacionadas: fatores condicionantes (que favorecem ou desfavorecem a mudança), transição (entre o estágio inicial e o final de uma mudança), encaixamento (toda mudança na língua é consequência de alguma mudança anterior e, como efeito, gera mais mudanças encaixadas), implementação (os contextos que uma mudança atinge) e avaliação (da forma inovadora, por parte dos falantes). O estudo integrado de todas elas permite uma visão mais ampla do fenômeno. Nessa perspectiva, torna-se possível estabelecer razões ou fatores lingüísticos para uma mudança.

É o que ocorre no caso do preenchimento do sujeito no PB, cuja tendência foi detectada por Duarte (1993): essa mudança em curso teria sido causada pela redução no paradigma flexional, que passou de cinco para três desinências número-pessoais. E tal redução no paradigma seria uma consequência do uso generalizado de **você** e **a gente**, que passaram a concorrer com **tu** e **nós**, respectivamente, porém associados a verbos sem a marca flexional distintiva. Se esse fenômeno do Brasil for comparado com o que já aconteceu em outras línguas (como o francês e o inglês), pode-se afirmar que há uma regularidade nesse tipo de mudança: a redução do paradigma leva, de fato, uma língua em direção ao preenchimento do sujeito.

As mudanças não são instantâneas: gradativamente, uma nova variante vai atingindo cada vez mais indivíduos e mais estruturas. Uma maneira de verificar essa transição gradual é observar os fatores sociais, principalmente a idade, de acordo com a hipótese do tempo aparente (ver a seção 1.2.3). Segundo essa hipótese, cada faixa etária ou geração representa um estágio diferente da língua, sendo a

forma inovadora pouco freqüente na fala dos mais velhos e mais freqüente nas faixas etárias mais jovens.

No caso do preenchimento do sujeito pronominal no português do Brasil, Duarte (1995) observa que o sujeito nulo resiste mais na fala dos mais velhos e dos mais escolarizados. Por outro lado, os mais novos e de baixa escolaridade tendem a expressar foneticamente o sujeito com mais freqüência (ou usar mais a forma inovadora). Além disso, o fato de o preenchimento do sujeito não ser negativamente avaliado pela comunidade contribui para acelerar o processo.

1.2.2 – A análise da variação na sintaxe

Os primeiros estudos na perspectiva variacionista foram sobre fenômenos fonológicos, o que se deve muito à maior facilidade em encontrar um grande número de dados para análise: “numa amostra de fala encontram-se mais sons/fonemas do que qualquer outra entidade lingüística” (Paredes Silva, 1996). O sucesso dos estudos sobre variação fonológica motivou os sociolinguistas a investigar a variação na sintaxe, utilizando os mesmos métodos de análise (Silva-Corvalán, 1986). Surgiu, então, um problema: no nível sintático, como observou Lavandera (1984), formas diferentes devem ter, necessariamente, significados diferentes, não sendo maneiras diferentes de dizer a mesma coisa, ou seja, não sendo variação.

Lavandera (1984), então, propõe o conceito de “comparabilidade funcional”. Tal conceito é um enfraquecimento da noção de equivalência semântica. Sua perspectiva permite considerar as frases em (9), de Paredes Silva (1996), como variantes da mesma variável:

(9) O trem chegou./Chegou o trem.

Apesar da diferença (semântica) de foco, pode-se perceber uma equivalência funcional entre as duas sentenças acima. Elas apresentam um mesmo processo (chegar), relacionado a uma mesma entidade (o trem). Sendo assim, a análise variacionista pode aplicar-se a variações de ordem, como (9), de voz (ativa ou passiva) e de outros fenômenos sintáticos (como a representação do sujeito pronominal, tema deste trabalho), que podem ser controladas por fatores condicionantes.

1.2.3 – Os fatores extralingüísticos

Em relação à variável **gênero**, Paiva (1996: 69) considera que as diferenças lingüísticas na fala de homens e mulheres são mais evidentes no léxico. Essas diferenças são menos acentuadas nas sociedades ocidentais. Outras sociedades, por outro lado, podem apresentar um vocabulário feminino e um masculino.

O primeiro estudo com referência a esse fator é o de Fischer (1958), sobre a variação entre as terminações verbais *-ing* e *-in*, do inglês. Essa variação corresponde a uma diferença de avaliação: a primeira forma é prestigiada; a segunda, desprestigiada. O autor conclui, então, que a forma de prestígio é mais utilizada pelas mulheres, o que coincide com outros trabalhos sociolingüísticos, posteriores, como os de Wolfran (1969) e Scherre (1985).

Em estudos variacionistas sobre fenômenos que estão passando por mudança, alguns trabalhos apontam as mulheres como as favorecedoras da forma inovadora, enquanto outros assinalam que os homens são inovadores. Uma observação mais atenta desses estudos permite perceber que a mulher se mostra inovadora quando a variante inovadora é de prestígio e se mostra conservadora quando a forma inovadora é desprestigiada (Paiva, 1996: 71). Sendo assim, pode-se afirmar que os homens favorecem as formas de baixo prestígio, enquanto as mulheres tendem a utilizar mais as formas prestigiadas.

A diferenciação entre os gêneros, porém, é influenciada por outros fatores: Labov (1972) observa que essa diferença é maior na linguagem mais formal, tendo menos força em estilos de fala menos cuidados. As classes sociais mais altas diminuem a força da distinção, que é mais visível nas classes mais baixas. A interação entre o gênero e a idade revela uma maior variação nas faixas etárias mais avançadas (Kemp, 1979), enquanto na fala dos mais jovens é pouco evidente ou, até mesmo, como mostra Scherre (1986), ausente.

O efeito da variável **escolaridade**, segundo Votre (1996: 77), é menos direto nas entrevistas gravadas (que servem de *corpus* de análise para a maioria das investigações variacionistas), sendo mais atuante na escrita. O fato de a escola dar ou não ênfase no ensino da forma padrão de certos fenômenos também influencia na atuação da escolaridade. A concordância, por exemplo, é mostrada exaustivamente nas aulas de Português, o que gera uma avaliação negativa ao uso

da não concordância, enquanto o uso de artigo diante de substantivo próprio ou possessivo não é estigmatizado por não ser alvo de correção no ensino da língua, o que faz com que a variável escolaridade seja mais atuante na concordância do que no uso do artigo nos contextos citados acima.

A **idade** está estreitamente relacionada à mudança lingüística. Os falantes mais jovens tendem a usar mais as formas inovadoras, enquanto os falantes das faixas etárias mais avançadas são mais conservadores, como mostra Naro (1996: 82), referindo-se à fala carioca. Tomando como verdade que a aquisição da linguagem se encerra no início da puberdade e que, a partir daí, a língua do indivíduo se torna estável, pode-se considerar que cada faixa etária representa um momento da língua, ou um dos estágios de sua evolução.

O controle da variável idade permite que se detecte uma mudança através do estudo de tempo aparente. Segundo Naro (1996: 82), a fala de um adulto corresponde ao estado de sua língua quando tinha cerca de 15 anos de idade. Sendo assim, a fala de uma pessoa com 60 anos representa a língua em uso 45 anos antes do registro.

O primeiro estudo de tempo aparente foi o de Gauchat (1905), que observou que, numa aldeia suíça, os mais velhos usavam a palatal [λ], enquanto os mais jovens preferiam [y] e os da faixa etária central usavam as duas formas. O pesquisador concluiu que o fone [λ] estava desaparecendo. Hermann (1929), 25 anos depois, atestou o quase desaparecimento do som na mesma aldeia, confirmando, então, a previsão de Gauchat (1905).

Em fenômenos de variação estável a idade também atua. Porém, em vez de haver uma gradação, com os mais jovens favorecendo uma forma e os mais velhos outra, o que se observa é o favorecimento de uma das variantes nas faixas centrais (que representam a idade em que os indivíduos, em sua maioria, estão concorrendo para o mercado de trabalho) e de outra nas faixas extremas, tendo os falantes mais idosos um comportamento próximo ao dos mais jovens. Assim, a variável idade pode revelar mudança da seguinte maneira: haverá mudança em curso se os mais jovens favorecerem mais a forma inovadora, sendo esta ligeiramente menos favorecida em cada faixa etária seguinte, até a faixa mais velha, a mais conservadora; não haverá mudança se as faixas etárias extremas tiverem um comportamento semelhante entre si e diferente das faixas etárias mediais.

1.3 – A TEORIA DA LINGUAGEM

Segundo Paredes Silva (1988 e 2003), a variação tem motivações funcionais. Os grupos de fatores permitem estabelecer os contextos que favorecem ou desfavorecem cada variante. A autora mostra que a realização do sujeito depende da previsibilidade do seu referente: a necessidade de expressão fonética é maior quanto menos previsível for a informação.

As propriedades dos parâmetros do quadro de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981) da Gramática Universal auxiliam as investigações de caráter variacionista no levantamento das hipóteses e no estabelecimento dos grupos de fatores. Da mesma forma, as tendências identificadas pelas pesquisas variacionistas ajudam a determinar ou atualizar as propriedades características dos parâmetros em questão. Os resultados encontrados nos estudos sobre o sujeito pronominal, por exemplo, têm contribuído para uma rediscussão sobre quais são as propriedades das línguas de sujeito nulo (Kato, 2000b; Barbosa, Duarte & Kato, 2005; Duarte, 2004; Kato & Duarte, 2005).

CAPÍTULO 2

O SUJEITO PRONOMINAL E O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO O PORTUGUÊS E O ESPANHOL

2.1 – O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O PORTUGUÊS EUROPEU

2.1.1 – O sujeito nulo no português europeu

Para Roberts (1993), um paradigma com uma desinência zero e um sincretismo seria funcionalmente rico, capaz de licenciar e identificar sujeitos nulos. O paradigma da flexão verbal do português europeu apresenta dois sincretismos: a desinência <Ø>, para a segunda e a terceira pessoas do singular, e a desinência <-m>, para a segunda e a terceira pessoas do plural. Duarte (1995) levanta a hipótese de que a existência de até dois sincretismos (associados a formas extras) não comprometeria a riqueza funcional, já que o português europeu se caracteriza como uma língua positivamente marcada em relação ao parâmetro do sujeito nulo.

A análise de Duarte (1995) comprova que o sujeito nulo, de fato, é preferido em Portugal. Se a afirmação sobre a possibilidade de um paradigma com dois sincretismos licenciar o sujeito nulo for verdadeira, o sujeito nulo será a opção não marcada (em termos de frequência), aparecendo na maior parte dos dados, para todas as pessoas gramaticais, independentemente da desinência utilizada. A **Tabela 2A**⁵, retirada também de Duarte (1995 e no prelo), sustenta a validade dessa informação:

⁵ As tabelas de Duarte (1995) apresentadas nesta seção, com exceção da **Tabela 2D**, não incluem os dados de sujeito pronominal que pertencem a orações coordenadas não iniciais quando tal sujeito é correferente ao da oração coordenada anterior, como na frase **a**. A autora excluiu tais dados de sua análise pelo fato de existirem sujeitos nulos, nesse mesmo contexto, até em línguas de sujeito pleno. O sujeito nulo, nesse caso, então, não é uma propriedade das línguas [+ *pro-drop*], não servindo para diferenciar as marcações positiva e negativa em relação ao parâmetro do sujeito nulo.

a) Fui à cabine, ____ telefonei, ____ conheci a voz do pai, ____ não tornei a perguntar mais nada. (IB1)

Tabela 2A – Expressão do sujeito pronominal x pessoa e número (PE)

REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO PESSOA E NÚMERO	NULO		PLENO		TOTAL	
	OCO.	%	OCO.	%	OCO.	%
PRIMEIRA DO SINGULAR	248	59%	173	41%	421	100%
PRIMEIRA DO PLURAL	86	61%	54	39%	140	100%
SEGUNDA DO SINGULAR	82	75%	28	25%	110	100%
SEGUNDA DO PLURAL	19	68%	9	32%	28	100%
TERCEIRA DO SINGULAR	205	72%	80	28%	285	100%
TERCEIRA DO PLURAL	98	74%	34	26%	132	100%
TOTAL GERAL	738	66%	378	34%	1116	100%

Os resultados também apontam a primeira pessoa como a que tem a maior taxa de sujeitos plenos. Essa não é uma característica exclusiva do português europeu: em seu estudo sobre o italiano, que também é uma língua de sujeito nulo, Duranti & Ochs (1979) afirmam que o falante, ao se inserir na conversa, usa majoritariamente um pronome sujeito expresso. O exemplo a seguir, do trabalho de Duarte (1995), exemplifica esse fato no português de Portugal:

- (1) O mato é constituído normalmente de espécies muito lenhosas, de combustibilidade muito grande, de modo que dá-se com muita facilidade uma propagação de qualquer pequeno foco de incêndio que surja, até uma faúlha que caia da chaminé onde se esteja a cozinhar, ou uma... **Eu** não acredito muito na ponta de cigarro, mas... (IS4)

Como se vê na **Tabela 2A**, as porcentagens de nulos e plenos de cada pessoa do singular são muito próximas às obtidas para as correspondentes pessoas do plural. Sendo assim, os resultados puderam ser analisados de acordo somente com a pessoa gramatical, desconsiderando o número. Esses resultados estão listados na **Tabela 2B**, de Duarte (1995):

Tabela 2B – Expressão do sujeito de acordo com a pessoa gramatical (PE)

SUJEITO PESSOA	NULO		PLENO		TOTAL	
	OCORRÊNCIAS	%	OCORRÊNCIAS	%	OCO.	%
PRIMEIRA	334	60%	227	40%	561	100%
SEGUNDA	101	73%	37	27%	138	100%
TERCEIRA	301	73%	114	27%	417	100%

A análise não mostrou grandes diferenças nos percentuais de sujeito nulo entre a segunda pessoa direta (**tu**) e a indireta (**você**), que tiveram, respectivamente, 70% e 77% dos dados levantados com o sujeito nulo. Isso mostra que não há uma relação direta entre a desinência mais ou menos distintiva e o apagamento ou o preenchimento do sujeito pronominal. Os exemplos (2), (3) e (4), de Duarte (1995), que mostram alguns sujeitos nulos de primeira, segunda e terceira pessoa, respectivamente, associados à desinência <Ø>, evidenciam essa falta de relação:

- (2) [...] se amanhã como magistrado ____ **viesse** a verificar que ____ **tinha** errado ou que ____ **tinha** julgado mal, sobretudo se ____ **tivesse** julgado mal em prejuízo de alguém... Hoje ____ **gostava** de ser magistrado porque ____ estou convencido que ____ talvez **evitasse** mais injustiças como magistrado do que as que ____ posso evitar como advogado. (IS5)
- (3) Por exemplo, nesse trabalho que ____ **apresentou** sobre poesia, ____ **é** capaz de me dizer o que ____ **aproveitou** do contato com os alunos?
- (4) ...agora não há dúvida nenhuma que se ____ **for** de facto um indivíduo responsável na produção, ____ **tem** de se incomodar porque ____ **não é** apoiado naquela parte de stocks de existências, de fornecimento, etc. (I5)

Duarte (1995) levantou também a hipótese de que o tipo de oração (declarativa ou interrogativa) influiria na representação do sujeito de segunda pessoa. Os percentuais para cada tipo de oração estão na **Tabela 2C**. As interrogativas privilegiam o sujeito nulo e as declarativas, o pleno:

Tabela 2C – Segunda pessoa em declarativas e interrogativas (PE)

REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO ORAÇÃO	NULO		PLENO		TOTAL	
	OCO.	%	OCO.	%	OCO.	%
DECLARATIVA	49	67%	24	33%	73	100%
INTERROGATIVA PARCIAL	11	73%	4	27%	15	100%
INTERROGATIVA GLOBAL	41	82%	9	18%	50	100%

Em relação ao tipo sintático da oração, as relativas são as que apresentam os menores percentuais de sujeito nulo. Na primeira e na terceira pessoas a preferência é pelo preenchimento. A **Tabela 2D** (Duarte, 1995) dá os percentuais de sujeitos nulos segundo o tipo sintático da oração:

Tabela 2D – Sujeito nulo segundo o tipo de oração no português europeu

PESSOA	COORDENAD A	INICIAL⁶	COMPLETIVA	ADVERBIAL	RELATIVA
PRIMEIRA	96%	52%	60%	68%	30%
SEGUNDA	100%	72%	56%	91%	60%
TERCEIR A	96%	67%	69%	67%	39%

O fato de as relativas terem índices tão baixos de sujeitos nulos se daria porque, na maioria dos casos, o antecedente do sujeito da relativa tem outra função sintática na oração principal, como mostram (5) e (6), ou aparece num contexto anterior à oração principal, como em (7). Quando o referente não é esperado (havendo outro candidato para a referência do sujeito), como nesses casos, a expressão fonética do pronome é favorecida (Calabrese, 1986). Ao contrário, sendo correferente ao sujeito da oração principal, o sujeito da relativa é nulo, como mostra o exemplo (8), a seguir, de Duarte (1995).

- (5) ...uma conversa que a gente teve sobre o Visconti_i, [em que precisamente ele_i era apresentado com exemplos dos outros filmes]... (GS3)
- (6) ...mas nós é que estamos sempre a dar justificações ao público_i, [que ele_i por vezes já não aceita]. (IM3)
- (7) Os bombeiros_i são geralmente poucos. *Os montes muitas vezes não têm estradas* [que eles_i possam... onde eles_i possam facilmente acercar-se do fogo]... (IS4)
- (8) O corredor_i vive as corridas desde o primeiro dia [que ______i chega]. (IM1)

Independentemente do tipo de oração, um antecedente em outra função sintática ou a presença de um elemento de referência disjunta interveniente

⁶ Foram rotuladas como “iniciais” as coordenadas iniciais, as coordenadas não iniciais com sujeito de referência disjunta ao da coordenada inicial, as independentes e as matrizes.

dificultam a identificação do sujeito nulo (Calabrese, 1986). Portanto, nesses casos, a expressão de um pronome lexical é favorecida. É o que mostram os exemplos seguintes, de Duarte (1995):

- (9) Acho um acto de egoísmo ter filhos_i [...] porque nós não lhes_i perguntamos [se **eles**_i querem nascer] (GM5)
- (10) Bem, o homem_i não teve culpa. Atravessa-se-lhe_i um homem_j à frente do carro, **ele**_i parou de repente. (IB4)
- (11) ...ele_i quer pescar tudo, quer sempre arranjar taças. E ______i tem tido sorte com isso porque ______i já teve três e eu inda só tive uma, que foi nesse concurso. *A certa altura vem uma onda, era um dia de, de chuva* e **ele**_i apanhou um banho terrível, ficou todo molhado e não conseguia sair lá de cima, não é? (GB1)

Em (9), o antecedente do sujeito **eles** é o clítico **-lhes**, que tem função sintática diferente de sujeito: a de objeto indireto. No exemplo (10), além de o antecedente **-lhe** ter outra função sintática, há um elemento interveniente: **um homem**, assinalado com o índice **j**. O antecedente do pronome **ele**, em (11), tem a mesma função sintática, mas está em um contexto anterior à oração precedente (há orações entre o antecedente e o sujeito considerado), o que também favorece o preenchimento da posição (assinalada com negrito).

Também se mostrou relevante, na análise de Duarte (1995), a animacidade do referente. Os referentes com o traço [+ animado] apresentam 69% de suas ocorrências com o sujeito nulo. Com o traço [- animado], esse índice sobe para 93% (66 de um total de 71 dados).

Nenhum fator social se mostrou favorecedor ao preenchimento ou ao apagamento do sujeito na análise de Duarte (1995) para o português europeu. A única consideração que se pode fazer é em relação ao uso de **a gente** em substituição a **nós**, que ocorre mais entre os falantes com nível básico de escolaridade. Entretanto, isso não influi na opção por sujeito nulo ou pleno, já que a desinência utilizada não se mostrou um grupo de fatores relevante.

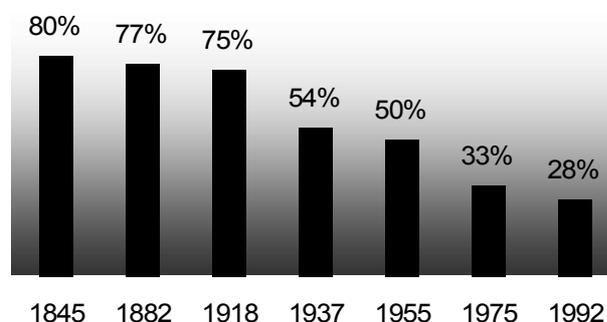
Com esse estudo, Duarte (1995) conclui que a presença de até dois sincretismos no paradigma flexional (um deles com a desinência <Ø>) ainda mantém a riqueza funcional proposta por Roberts (1993), permitindo o licenciamento e a identificação do sujeito nulo. A preferência pelo apagamento do pronome nas

três pessoas gramaticais atesta que o português europeu se comporta como uma língua de sujeito nulo, mas esse comportamento não é uniforme em relação às três pessoas gramaticais. Na primeira pessoa, há um índice mais baixo de sujeitos nulos, o que reforça a afirmação de Duranti & Ochs (1979) sobre a existência de uma tendência à expressão do sujeito de primeira pessoa até em línguas de sujeito nulo.

2.1.2 – A mudança paramétrica em progresso no português do Brasil

Os resultados da investigação de Duarte (1993) apresentam evidências para a hipótese de que o português brasileiro está atualmente passando por uma mudança paramétrica: de uma língua de sujeito nulo para uma língua de sujeito pleno. A origem da mudança no sentido do preenchimento, ainda segundo Duarte (1993, 1995 e 2003), é o enfraquecimento do sistema flexional número-pessoal do verbo, que pôde ser observado em textos de peças de teatro escritas nas áreas urbanas, particularmente do Rio de Janeiro, por volta dos anos 30 do século XX (essas peças revelam o abandono dos pronomes **tu** e sua substituição por **você**⁷); por volta do último quartel do século, o pronome **a gente** começa a concorrer com **nós** (Lopes, 2003). No **Gráfico 2A**, adaptado de Duarte (1993), baseado numa pesquisa diacrônica com peças de teatro brasileiras⁸, observa-se a evolução do percentual de sujeitos nulos em sete períodos diferentes dos séculos XIX e XX:

Gráfico 2A – Sujeito nulo através de sete períodos



⁷ Os autores que mantêm o uso de **tu** são considerados "resistentes" (Duarte, 1993), o que, para Lopes (2003), é a prova de que **voce** se pronominalizou e deixou de ser exclusivo do tratamento menos familiar. O uso de **tu** retorna nas peças mais recentes (de 1992), mas já aparece sem a marca de concordância <-s>.

⁸ Peças de caráter popular utilizadas como *corpus*: *O noviço* (Martins Pena, 1845), *Como se fazia um deputado* (França Jr., 1882), *O simpático Jeremias* (Gastão Tojeiro, 1918), *O hóspede do quarto nº 2* (Armando Gonzaga, 1937), *Um elefante no caos* (Millôr Fernandes, 1955), *A mulher integral* (Carlos E. Novaes, 1975) e *No coração do Brasil* (Miguel Falabella, 1992).

Observam-se apenas duas reduções significativas nos percentuais de sujeitos nulos. A primeira (a partir de 1937) corresponde ao período em que se passa a preferir os pronomes **você** e **vocês** a **tu** e **vós**; a segunda ocorre a partir de 1975, época da implementação do uso de **a gente**. Esses novos pronomes, usados com a desinência verbal não marcada <Ø>, causaram uma redução no número de oposições do paradigma verbal, como se pode ver na **Tabela 2E**, que representa o paradigma flexional do português brasileiro em três momentos:

Tabela 2E – O paradigma flexional do verbo em três momentos do PB

PESSOA	1º MOMENTO	2º MOMENTO	3º MOMENTO
1ª singular	(eu) falo	(eu) falo	(eu) falo
2ª singular	(tu) falas/(você) fala	você fala	tu fala/ você fala
3ª singular	(ele) fala	ele fala	ele fala
1ª do plural	(nós) falamos	(nós) falamos	(nós) falamos/ a gente fala
2ª do plural	(vós) falais	vocês falam	vocês fala(m)
3ª do plural	(eles) falam	eles falam	eles fala(m)

No primeiro momento, que corresponde às três primeiras barras do **Gráfico 2A**, havia seis morfemas número-pessoais distintivos. O paradigma apresentava, então, uma morfologia verbal “rica” (Chomsky, 1981: 241) e uma riqueza formal (Roberts, 1993). Por isso, os sujeitos eram preferencialmente nulos e o português brasileiro se comportava como uma língua [+ *pro-drop*].

No segundo momento, que se inicia por volta dos anos 30 (período que corresponde a uma queda nos sujeitos nulos de 75% para 54%), a forma **você** já ocupa o espaço de **tu** (deixando de ser exclusiva do tratamento menos íntimo e se tornando mais geral no tratamento familiar)⁹. Há dois sincretismos no paradigma: uma forma que serve para a segunda e a terceira pessoas do singular (representada pelo morfema <Ø>) e uma outra que serve para a segunda e a terceira do plural (representada pelo morfema <-m>). Como já foi dito, essa situação, segundo Duarte (1993), ainda mantém uma riqueza funcional, que explica os ainda altos índices de sujeitos nulos.

⁹ Se os dados da escrita nos anos 30 revelam esse comportamento, acredita-se que a fala urbana carioca já devia manifestar tal paradigma há mais tempo.

No terceiro momento (que corresponde ao último quartel do século passado), com a competição entre **a gente** e **nós**, chegando aquele a superar este na última peça, o limite de sincretismos estabelecido por Duarte (1993), com base em Roberts (1993), é ultrapassado¹⁰ e a língua deixa de se comportar como sendo de sujeito nulo. Restam apenas quatro morfemas distintivos e, em algumas variedades da língua (em que a forma **a gente** já se generalizou), apenas três ou, ainda, nas variedades em que se associa a desinência <Ø> também à segunda e à terceira pessoas do plural, apenas duas. E, nos tempos verbais em que não existe diferença flexional entre a primeira e a terceira pessoas do singular, como o pretérito imperfeito, por exemplo, não há desinência distintiva em certas variedades do PB.

Exemplos de Duarte (2003), extraídos das amostras do PEUL, evidenciam essa mudança na fala popular. Nos fragmentos (12) a (14), tem-se sujeitos de referência definida preenchidos e, em (15), sujeito de referência arbitrária ou indefinida. Tais preenchimentos são incompatíveis com línguas de sujeito nulo:

- (12) **Eu** nasci aqui em Inhaúma e aqui nessa casa **eu** moro tem trinta e um anos.
Trinta e um anos que **eu** moro aqui. **Eu** morei numa outra casa. (Nad 1980)
- (13) **Vocês** são muito jovens. **Vocês** acham que **vocês** podem mudar o mundo.
- (14) **Meu marido** conhece o Brasil quase todo, porque **ele** trabalhava no Instituto Nacional de Migração. Então **ele** viajava muito. (Nad 1980)
- (15) **A gente** tem que seguir o que **a gente** sabe e da forma que **a gente** foi criado.
(Leo 1980)

Resultados sincrônicos de Duarte, tanto para a fala culta (Duarte, 1995) quanto para a fala popular (Duarte, 2003), revelam percentuais muito baixos de sujeitos nulos de primeira e segunda pessoas, independentemente de a desinência ser mais ou menos saliente, mostrando-se a terceira como mais resistente. A hipótese de Duarte (1995) é que, nos estágios iniciais da mudança, a maior ou menor saliência fônica deve ter atuado no sentido de licenciar ou inibir o sujeito nulo¹¹; no entanto, à medida que a mudança progride, esse efeito se perde e todo o

¹⁰ Entende-se por **sincretismo**, aqui, a “identidade morfológica entre **duas** unidades lingüísticas funcionalmente diferentes (...)” [grifo meu] (Houaiss, 2001: 2577 – verbete **sincretismo**, 8).

¹¹ Sobre línguas que só licenciam o sujeito nulo associado a certas formas verbais (que têm marcação de pessoa), ver o que Borer (1989) diz sobre o hebraico.

paradigma é afetado. Prova disso é o fato de que, mesmo com os indivíduos que usam a desinência <-mos>, o pronome **nós** é mais expresso do que nulo.

Essas evidências não estão em consonância com os índices apontados na análise de Novaes (1996), para quem os tempos verbais e as pessoas que têm a flexão mais rica são os fatores que favorecem a resistência do sujeito nulo. Sua observação mostra que, no pretérito perfeito do indicativo, a primeira pessoa do singular – a única que tem sempre uma marca flexional distintiva de pessoa nesse tempo verbal: **(eu) falei, você falou, ele falou, a gente falou/(nós) falamos, vocês falaram, o pessoal falou/eles falaram** – é a que privilegia o sujeito nulo (21 dos 35 dados de sujeito nulo nesse tempo verbal, coletados de cinco entrevistas de rádio e televisão gravadas pelo autor, ou 60%, são de primeira pessoa do singular) – semelhante resultado foi encontrado para o presente. Foram encontrados, ainda, embora marginais, alguns dados de sujeito nulo em outras pessoas gramaticais, cujo referente, segundo o autor, só pode ser recuperado pelo contexto.

Novaes (1996) conclui, então, que, no pretérito perfeito e no presente do indicativo, a primeira pessoa do singular, por possuir marca bem distintiva, favorece o apagamento. Porém, curiosamente, também no pretérito imperfeito, tempo que não distingue morfologicamente a primeira e a terceira pessoa do singular, a primeira pessoa se mostrou a mais favorável ao apagamento. Novaes (1996: 72) soluciona isso dizendo que “na impossibilidade da recuperação do conteúdo do sujeito via flexão ou contexto, o sujeito seria sempre de 1ª pessoa”.

O que autorizaria o apagamento do sujeito, então, seria a possibilidade de recuperação do seu conteúdo através de uma flexão verbal distintiva de pessoa e a possibilidade de recuperação pelo contexto. Esses dois processos de recuperação do sujeito nulo correspondem, respectivamente, a dois tipos de categoria vazia: “pro” e “variável”. No seguinte exemplo, retirado de Novaes (1996: 75), o primeiro sujeito nulo (categoria vazia em negrito) é um “pro” pronominal (identificado pela flexão) e o segundo é uma variável (resultado de movimento e sujeito às restrições de ilhas sintáticas):

Falante B: **cv** Sou rubro-negro doente. (“pro” – recuperado pela flexão do verbo)

Falante A: Então **cv** está de alma lavada... (recuperado somente pelo contexto)

De fato, os resultados de Duarte (1995, 2003) mostram que o sujeito nulo ainda é recuperado por flexão (em índices cada vez mais baixos) e ainda ocorre quando seu antecedente está na oração anterior e tem a mesma função sintática (a de sujeito)¹². Além disso, a ocorrência mais rara de sujeito nulo em ilhas sintáticas, como é o caso das relativas, interrogativas e adverbiais, deve servir de evidência de que o sujeito nulo que ainda se encontra no português brasileiro é do tipo variável, como já apontava Figueiredo Silva (1994). Os índices obtidos em análises de amostras estratificadas segundo a metodologia variacionista são, entretanto, cada vez mais baixos. Os sujeitos nulos do tipo variável resistem mais do que os sujeitos nulos do tipo “pro”, o que pode estar relacionado a propriedades de língua orientada para o discurso do português do Brasil (Kato & Duarte, 2003).

Uma consequência dessa mudança em curso no Brasil é o aparecimento dos chamados sujeitos “deslocados à esquerda” (Duarte, 1995: 6). A ausência total dessas estruturas no espanhol (Rivero, 1980), no italiano (Duranti & Ochs, 1979) e no PE (Duarte, 1987; Vasco, 1999), que são línguas [+ *pro-drop*], e a alta frequência no francês falado (Barnes, 1986; Blanche-Benveniste, 1993), língua [- *pro-drop*], evidenciam que o PB está, de fato, se afastando das propriedades das línguas românicas de sujeito nulo (espanhol, italiano, português europeu) e se aproximando do francês, que admitia o sujeito nulo e passou por uma mudança motivada, entre outros fatores, por neutralizações no paradigma flexional, sendo hoje uma língua negativamente marcada em relação ao parâmetro do sujeito nulo. Segundo Duarte (1995), essa estrutura ‘já está perfeitamente “encaixada” no sistema’.

2.1.3 – A hierarquia referencial atuando no processo de mudança

Conforme o item anterior, as maiores taxas de sujeito pleno no português brasileiro são encontradas para a primeira pessoa, independentemente do tempo verbal e da saliência fônica. Isso pode ser explicado pela hierarquia de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte & Kato (2000: 59), que dá conta de

¹² ‘Ao que tudo indica, à medida que a flexão perde a propriedade de identificar um sujeito nulo, um antecedente sintaticamente acessível no contexto discursivo ainda pode fazê-lo. Uma evidência de que nossas ocorrências de sujeito nulo estão cada vez mais associadas a essa forma resistente de identificação está na relevância do “grau de conexão discursiva”, proposto por Paredes Silva (1988, 2003, entre outros), em análises sobre a expressão do sujeito pronominal: quanto mais estreita a conexão entre o sujeito e seu antecedente maior a chance de um sujeito nulo.’ (Duarte, 1995)

processos de mudança que envolvem a pronominalização. Na **Figura 2A**, é apresentada uma sistematização esquemática dessa hierarquia de referencialidade:

Figura 2A – A escala de referencialidade de Cyrino, Duarte & Kato (2000)



De acordo com a figura, os itens mais referenciais (representados na extrema direita) seriam a primeira e a segunda pessoa, que têm inerentemente os traços [+ nome], [+ humano] e [+ específico]. A mudança em direção aos sujeitos pronominais preenchidos atinge primeiramente esses itens. A terceira pessoa estaria num ponto abaixo por conter itens com os traços [+ humano] e [- humano] e os traços [+ específico] e [- específico].

Daí, o preenchimento do sujeito começa pela primeira e pela segunda pessoa, atingindo a terceira pessoa a partir dos referentes [+ humano] e [+ específico]. Embora já predominem os sujeitos plenos com os traços [- humano] e [- específico], é aí que os índices de sujeitos pronominais nulos são mais altos. Os sujeitos não argumentais, no extremo esquerdo do contínuo, são os mais resistentes à pronominalização por um expletivo lexical.

Seria esperado, com o processo de mudança, o aparecimento de um expletivo lexical – tal como o *il*, desenvolvido no francês, e o *ello*, que surgiu na variedade de Santo Domingo (República dominicana) do espanhol (Henríquez Ureña, 1939; Kany, 1969 *apud* Fernández Soriano, 1999). Mas, embora o português europeu tenha disponível o expletivo **ele** (marginal), o português brasileiro parece estar buscando outras formas de preencher a posição do sujeito não argumental, através de alçamentos de constituintes e outras construções de tópico (Duarte, 1999; Kato & Duarte, 2003). Isso parece indicar que a investigação do processo de mudança no PB trará importantes contribuições para o que se conhece sobre as propriedades ou efeitos geralmente associados ao parâmetro do sujeito nulo.

2.1.4 – A comparação entre o português brasileiro e o europeu

Com base nos resultados aqui apresentados, vê-se que no Brasil os sujeitos plenos superam os nulos em todos os contextos sintáticos e que, por isso, o PB não é mais uma língua de sujeito nulo, como era no início do século XX, de acordo com

Duarte (1993). A mudança em direção ao preenchimento do sujeito segue a escala de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte & Kato (2000), começando pelos sujeitos de primeira pessoa e atingindo por último o sujeito não referencial. A presença de construções com sujeito deslocado à esquerda no PB (Duarte, 1998) afasta ainda mais essa variedade das propriedades das línguas de sujeito nulo.

Parece certo que, no Brasil, a mudança começou a se implementar com as pronominalizações de **você** e **a gente**. Em Portugal, **você** ainda tem traços de pronome de tratamento (Lopes & Duarte, 2003), uma vez que guarda um grau de cortesia em oposição a **tu**, reservado ao trato familiar, e **a gente** ainda é uma forma raríssima para referência definida. Assim, a variedade europeia da língua exibe as propriedades e o comportamento de uma língua de sujeito nulo.

2.2 – OS PRONOMES PESSOAIS EM ESPANHOL

O pronome pessoal se refere a uma das pessoas participantes do ato de comunicação ou a algo ou alguém que não participe (Fernández Soriano, 1999: 1213). A primeira função é exercida pelos pronomes de primeira e de segunda pessoa, que são reversíveis: *yo* é “a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *yo*”; *tú* é “o indivíduo ao qual se dirige a presente instância de discurso que contém *tú*” (Benveniste, 1996 *apud* Fernández Soriano, 1999). Os pronomes de terceira pessoa referem-se a uma entidade que não participa do ato de comunicação, podendo estar presente no discurso ou na situação na qual se dá o ato de fala.

Os pronomes de primeira e segunda pessoa são dêiticos, mas os do plural podem retomar sintagmas nominais antecedentes, como mostram os exemplos de Fernández Soriano (1999), em que os pronomes pessoais sublinhados nas sentenças em (16), pronunciadas isoladamente, são interpretados como dêiticos, mas os das frases em (17) podem incluir em sua referência *Juan*, que será, nesse caso, seu antecedente. Os de terceira pessoa são “referenciais” (Fernández Soriano, 1999: 1214), pois retomam sintagmas nominais antecedentes, presentes no discurso. Em situações pragmaticamente marcadas, porém, os pronomes de terceira pessoa podem ser dêiticos.

(16) Vosotros no vais./Nosotros no vamos.

(17) Juan dijo que vosotros no vais./Juan cree que nosotros no vamos.

O antecedente de um pronome pessoal é sempre um substantivo próprio, um substantivo comum específico ou um outro pronome pessoal, como mostram, respectivamente, as frases (18), (19) e (20). Os pronomes pessoais, então, sempre retomam sintagmas nominais, com exceção dos neutros, que podem ter como antecedente uma proposição, como em (21). O pronome de segunda pessoa do singular, expresso ou nulo, pode não ter antecedente nem ser dêitico, como em (22), tendo referência genérica (arbitrária ou indeterminada), assim como o de terceira pessoa do plural, que só tem referência genérica quando é nulo, como em (23).

(18) Juan_i ha dicho que ha sido él_i.

(19) Ese chico_i ha dicho que ha sido él_i./– ¿Quieres cerveza_i? *– Sí la_i quiero.

(20) Ella_i no va a venir porque no la_i han invitado.

(21) [Me dijo que no iba a venir]_i y me enfadé por ello_i.

Me dijo [que no iba a venir]_i y no lo_i creí.

(22) Quando tú estás cansado, _____ piensas que el resto del mundo debería estar durmiendo.

(23) _____ Lllaman a la puerta. (genérico)/Ellos llaman a la puerta. (“referencial”)

2.2.1 – O quadro pronominal do espanhol

Todos os pronomes pessoais têm marcas de pessoa e número. A **Tabela 2F** mostra que os pronomes sujeito de terceira pessoa manifestam, também, flexão de gênero, por terem origem nos demonstrativos latinos. Os pronomes de primeira e segunda pessoa do plural também se flexionam em gênero, o que se deve à união do adjetivo *otro(a)* às formas primitivas *nos* e *vos*, que se deu no final do século XV (Fernández Soriano, 1999: 1220).

Tabela 2F – O quadro pronominal nominativo (sujeito) do espanhol

PESSOA GRAMATICAL	SINGULAR	PLURAL
PRIMEIRA PESSOA	<i>yo</i>	<i>nosotros/nosotras</i>
SEGUNDA PESSOA	<i>tú/vos</i> ¹³	<i>vosotros/vosotras/ustedes</i>
TERCEIRA PESSOA	<i>él/ella/ello</i>	<i>ellos/ellas</i>

A tabela acima, adaptada da tabela de Fernández Soriano (1999: 1219), mostra apenas os pronomes tônicos do caso nominativo, que funcionam como sujeito, os que interessam a esta Dissertação. Nela, percebe-se que o pronome de terceira pessoa do singular apresenta três gêneros: o masculino (*él*), o feminino (*ella*) e o neutro (*ello*). No espanhol peninsular se usa *vosotros* (masculino) e *vosotras* (feminino) para a segunda pessoa do plural, enquanto em todas as outras variedades de língua se usa *ustedes* (sem marca de gênero); além do mais, algumas variedades americanas do espanhol têm o pronome *vos* para a segunda pessoa do singular, usado no lugar de *tú*.

2.2.2 – O sujeito pronominal em espanhol

O espanhol, como língua de sujeito nulo, permite a omissão do pronome em orações finitas¹⁴. A língua se aproxima, em relação ao parâmetro do sujeito nulo, do italiano e se afasta do inglês, que é de sujeito pleno. Fernández Soriano (1999: 1224) atribui essa característica do espanhol à riqueza flexional:

El español permite omitir los pronombres de sujeto, esto es, junto a una oración como *Ella ha venido* existe la posibilidad de la paralela sin pronombre, *Ha venido* (...). Así, nuestra lengua difiere de otras, como el inglés, que sólo permiten, con verbos conjugados, construcciones en que el sujeto aparece expresado (*He saw her*). Esta posibilidad, que se da también en italiano y en otras lenguas no emparentadas, se ha puesto en relación con la riqueza que presenta el paradigma verbal, es decir, con el hecho de que la desinencia flexiva del verbo permita, por sí sola, distinguir entre las distintas personas gramaticales.

A possibilidade de apagamento do pronome existe em todas as pessoas gramaticais, e Fernández Soriano (1999) afirma que a mesma situação ocorre em

¹³ A forma singular **usted** não figura na tabela por ser exclusiva do tratamento formal.

¹⁴ A autora usa o verbo **permite**, que sugere um caráter opcional do sujeito nulo em espanhol. O que as análises mostram, porém, é que o espanhol **exige** a omissão do sujeito, permitindo sua expressão em casos especiais.

todos os tempos verbais, com exceção das formas impessoais. A autora mostra, com os seis exemplos a seguir, no presente do indicativo, o sujeito nulo em todas as pessoas gramaticais, salientando que os verbos das frases não são impessoais, já que selecionam um argumento (representado pelo sujeito nulo). Nesse caso, a flexão “contém em si” o sujeito, ou seja, a flexão tem traços pronominais, como afirmam também Secco (1988 *apud* Fernández Soriano, 1999) e Gili Gaya (1943 *apud* Fernández Soriano, 1999).

- (24) ____ Trabajo de nueve a cinco todos los días.
- (25) ____ Trabajas de nueve a cinco todos los días.
- (26) ____ TrabajaØ de nueve a cinco todos los días.
- (27) ____ Trabajamos de nueve a cinco todos los días.
- (28) ____ Trabajáis de nueve a cinco todos los días.
- (29) ____ Trabajan de nueve a cinco todos los días.

Os sujeitos nulos podem ser argumentais, como nos exemplos (24) a (29), ou expletivos – estes últimos nunca têm carga fônica no espanhol peninsular, como mostra o exemplo (30). Quanto aos sujeitos argumentais, os que interessam a esta Dissertação, Fernández Soriano (1999: 1225) afirma que sempre têm referência, ainda que possa ser indefinida, como nos exemplos em (31). Um pronome preenchendo a posição de sujeito nas mesmas sentenças de (31), como mostrado em (32), não pode ser interpretado como indefinido, ou seja, diferentemente do que ocorre com o português, em espanhol um sujeito de referência arbitrária nunca é expresso por um pronome de terceira pessoa.¹⁵

- (30) ____ Hay moscas en el jardín./ ____ Es necesario trabajar más.
- (31) ____ Lllaman a la puerta./ ____ Dicen que ha demitido el vicepresidente.
- (32) Ellos llaman a la puerta./Ellos dicen que ha demitido el vicepresidente.

¹⁵ Certas variedades hispano-americanas, porém, apresentam um comportamento diferente. Citando Henríquez Ureña (1939) e Kany (1969), Fernández Soriano (1999: 1244) dá exemplos da fala de Santo Domingo (República Dominicana). Em **a**, tem-se o pronome neutro *ello* funcionando como um expletivo; em **b**, funcionando como sujeito de referência arbitrária:

a) Ello hay dulce de ajonjolí.

b) Ello dicen que no es muy buena.

Os pronomes plenos com função de sujeito, em espanhol, só se referem a pessoas. Não há um pronome “não pessoal” de terceira pessoa que retome referentes não animados, como o *it*, do inglês, mostrado no exemplo (33). O exemplo (34), tradução do (33) para o espanhol, demonstra a obrigatoriedade de, em espanhol, permanecer nulo o sujeito que não se refere a uma pessoa.

(33) I have seen John's car_i. It_i has a very nice color.

(34) He visto el coche de Juan_i. ______i Tiene un color muy bonito.

Em espanhol, o sujeito pronominal é obrigatoriamente expresso em duas situações. Uma delas se caracteriza quando o sujeito é o foco oracional, com acento contrastivo – que não pode recair sobre um elemento sem conteúdo fonético (Rizzi, 1988: 15) –, como exemplificado em (35). A segunda situação ocorre quando ao pronome se associa um elemento adjetival, como em (36), ou apositivo, como mostra o exemplo em (37) – nesta situação, até o sujeito inanimado pode ser preenchido, como se vê nos exemplos em (38).

(35) – ¿Quién ha sido? – He sido yo_i./*_____ He sido.

(36) Tú_i **solo** lo hiciste/*_____ **Solo** lo hiciste.

Él_i **mismo** lo ha resuelto./*_____ **Mismo** lo ha resuelto.

(37) Tú_i, **que tienes dinero**/*_____, **que tienes dinero**, podrás venir.

(38) Tus observaciones_i son **todas** ellas_i falsas.

No es necesario encayolar este hueso_i. Se soldará él_i **solo/él**_i **mismo**.

Fernández Soriano (1999: 1227) afirma que o apagamento e a expressão do pronome sujeito não estão em variação livre. Em certos casos, o apagamento é obrigatório. É o que ocorre com o sujeito correferente ao sujeito da oração anterior (coordenada ou não), como mostram os exemplos abaixo:

(39) *Juan_i es mi vecino de al lado. Él_i es estudiante de matemáticas, pero él_i se interesa también mucho por la filosofía porque él_i tiene una nueva filosofía.

(40) *Yo_i me vestí y después yo_i fui a recoger a mi hijo, pero yo_i llegué tarde.

2.2.3 – O pronome *usted(es)*

As línguas neolatinas apresentam formas de tratamento, como os pronomes de cortesia *Lei* (do italiano) e *vous* (do francês), que derivam do próprio paradigma pronominal. O espanhol e o português contam com os pronomes *usted(es)* e **você(s)**, derivados dos sintagmas nominais *vuestra merced* e **vossa mercê**, respectivamente. Ao contrário do *Lei* e do *vous*, que vêm, respectivamente, de terceira e da segunda pessoas dos paradigmas do italiano e do francês, as formas de tratamento do português e do espanhol não faziam parte do quadro pronominal anteriormente.

O pronome *usted* é mais freqüentemente expresso do que os outros e guarda uma diferença: quando expresso logo após o verbo, como em (41), ou entre o verbo auxiliar e o principal, como em (42), não denota ênfase, contraste ou individualização – nessas posições, a presença de outros pronomes ou sintagmas nominais é agramatical em certos tempos verbais (que exibem seis morfemas distintivos, como será explicado adiante), como mostram (43) e (44), respectivamente. Quando em posição pré-verbal, o pronome *usted* tem caráter distintivo, assim como os outros pronomes pessoais, como mostram as frases em (45). Aparecendo no fim da oração, *usted*, assim como os outros pronomes e os sintagmas nominais, expressa contraste, o que pode ser visto em (46).

(41) Ya **ha cogido** usted las llaves.

(42) Se **irá** usted **acostumbrando** al clima paulatinamente.

(43) ***Habías** tú **afirmado** antes que no tenías interés en la cuestión.

***Habéis** **vuelto** vosotros **a hacer** lo mismo.

(44) ***Debe** Juan **seguir intentándolo**.

(45) Tú no **puedes** entrar aquí./Usted no **puede** entrar aquí.

(46) **Ha tenido** la culpa usted/Juan/ella (no yo).

Ha cogido las llaves usted/Juan/ella (no su hija).

O pronome de cortesia de segunda pessoa, *usted*, então, apresenta propriedades diferentes dos outros pronomes pessoais. Ele não é associado a uma marca flexional distintiva, uma vez que se combina com a desinência verbal <Ø>. Isso, entretanto, não impede que o pronome seja omitido: seu preenchimento só

ocorre quando há necessidade de o falante reforçar a sua atitude de respeito ou para desfazer uma interpretação ambígua, já que não há desinência distintiva (Fernández Soriano, 1999: 1235).

2.2.4 – A ambigüidade

Nem sempre o conteúdo do sujeito pronominal pode ser recuperado pela desinência. Em italiano, segundo Fernández Soriano (1999), a flexão verbal do subjuntivo não diferencia as três pessoas do singular e, como consequência, o pronome é obrigatoriamente expresso. É o que se vê no exemplo abaixo:

(47) E necessario que tu vada./*E necessario che ____ **vada**.

No espanhol falado em Santiago (na República Dominicana), os pronomes são majoritariamente explícitos, principalmente o *tú*. Alba (1982) associa as altas taxas de preenchimento nessa localidade à falta de distinção entre as desinências verbais, como consequência do debilitamento ou da perda das consoantes finais. Isso teria causado a neutralização das formas das três pessoas do singular e o pronome viria a suprir a ausência dessa distinção.

Os tempos verbais que não diferenciam morfologicamente a primeira e a terceira pessoas do singular favorecem o preenchimento do pronome. O preenchimento que não denota ênfase ou contraste se dá após o verbo, assim como foi visto na seção anterior, sobre o pronome *usted*. Porém, enquanto o pronome *usted* pode aparecer após o verbo em qualquer tempo verbal, a expressão dos outros pronomes nessa posição só é possível nos tempos verbais que neutralizam a primeira e a terceira do singular, como mostram as frases em (48) e (49):

(48) **Estaba yo sentada** oyendo las noticias cuando apareció tu hermana.

No **diría yo** tal cosa.

(49) No **podía ella imaginar** lo que su amante le tenía preparado.

Pobre don Luis, **hubiera él jurado** que no tenía tan poca fuerza.

Nos tempos verbais que exibem as seis desinências distintivas, a presença de um pronome imediatamente após o verbo é agramatical. Isso já foi mostrado em (43)

e também pode ser visto no exemplo (50), de Fernández Soriano (1999: 1237). Os pronomes do plural, seja qual for o tempo verbal, nunca podem aparecer nessa posição, como mostra (51), já que sempre estão associados a uma desinência número-pessoal.

(50) *Ya habré yo hecho el ejercicio cuando vengas.

(51) *Podríamos **nosotros** ocuparnos de eso.

Assim, conclui-se que um pronome em posição pré-verbal tem caráter distintivo. No fim da oração – havendo elementos entre o verbo e o pronome sujeito –, o pronome é contrastivo. Um pronome expresso imediatamente após o verbo é desambiguador.

2.2.5 – O pronome neutro *ello*

O pronome *ello* se refere a elementos neutros: proposições, como se pode ver em (52), e sintagmas nominais neutros, como na frase (53). Os dois exemplos, assim como as frases em (54), demonstram a função mais comum de *ello*, a de complemento de preposição. Desde o final do século XIX o uso de *ello* vem diminuindo, dando lugar aos demonstrativos neutros *esto* e *eso*.

(52) [París es muy cosmopolita]_i y es famosa por ello_i.

(53) Creo que hay algo_i para mí y vengo por ello_i.

(54) Me voy a dedicar a ello./Cuenta con ello./No quiero hablar de ello.

Ello nunca funciona como objeto direto, como mostra a agramaticalidade das frases em (55), a não ser que esteja acompanhado de *todo*, como em (56). Com função sujeito, o uso de *ello* é muito restrito. Aparece predominantemente posposto ao verbo *ser* em frases curtas, como mostram os exemplos em (57).

(55) *Le dije que volviera y no hizo ello./*No creo ello./*Me respondió ello.

(56) Deberíamos dejar **todo** ello para otra ocasión.

(57) ¿Qué **es** ello?/¿Qué **será** ello?/Aquí **fue** ello.

Na função de sujeito, *ello* nunca tem valor distintivo, não podendo, portanto, ser omitido como os outros pronomes pessoais. Nas frases (58a) e (59a), de Fernández Soriano (1999: 1244), o pronome *ello* retoma a proposição entre colchetes. Nas frases (58b) e (59b), sem o pronome neutro, o sujeito nulo não retoma a proposição, mas o sintagma nominal assinalado.

- (58) a. [La situación económica ha mejorado]_i y ello_i trae consigo un mayor poder adquisitivo.
- b. La situación económica_i ha mejorado y _____i trae consigo un mayor poder adquisitivo.
- (59) a. [Estamos en crisis]_i, pero ello_i no implica que no podamos afrontar el futuro con optimismo.
- b. Estamos en crisis_i, pero _____i no implica que no podamos afrontar el futuro con optimismo.

2.2.6 – A representação do sujeito pronominal em espanhol

O preenchimento do pronome na posição de argumento externo (pré-verbal), como visto nas seções anteriores, é enfático ou contrastivo, enquanto a ausência do pronome nessa posição, em espanhol, segundo Luján (1999), é “neutral”¹⁶ (nem enfática, nem contrastiva). O pronome só será neutral, quando pleno, em situações em que não puder ser omitido, o que ocorre quando é complemento de preposição ou conjunção (de coordenação ou subordinação). No caso do pronome sujeito, a tradição gramatical diz que seu preenchimento se dá “por motivos de ênfase (...) quando se quer ressaltar o papel do sujeito” (Real, 1973: 21).

Badía Margarit (1988: 364), porém, afirma que existem casos de sujeito pronominal pleno que não é enfático nem contrastivo. É o que ocorre, por exemplo, em *Te contaré lo que me sucedió. Yo trabajaba en aquella época...* Segundo Luján (1999: 1279), o pronome sujeito pode ser pronunciado para indicar referência distinta à do sintagma nominal anterior, como mostram os exemplos a seguir, da

¹⁶ O adjetivo **neutral** se refere a pronomes não enfáticos e que não expressam contraste ou individualização do referente, ou seja, seu preenchimento expressa neutralidade em relação a esses traços. O adjetivo **neutro** se refere a pronomes do gênero neutro. Os adjetivos **neutral** e **neutro** serão usados, em todo este trabalho, sempre segundo essa distinção de significados.

própria autora: na frase (60), *Juan* e *él* têm referências distintas (disjuntas); em (62), *Juan* e a categoria vazia são correferentes.

(60) Cuando Juan_i trabaja, él_i no bebe.

(61) Cuando Juan_i trabaja, _____i no bebe.

Além do fato apresentado acima, segundo o qual o sujeito nulo tem correferência com o sintagma nominal imediatamente anterior e o pleno, com um sintagma nominal mais distante, há a influência da “função paralela” (Luján, 1999: 1304). A função sintática do pronome nulo é a mesma do seu antecedente, enquanto o pronome pleno tem função sintática não paralela, ou seja, tem um antecedente com outra função. Como mostram os exemplos abaixo, a função paralela também atua nos pronomes tônicos objeto direto:

(62) Ana_i ama a Elsa, y _____i lo sabe./Ana ama a Elsa_i, y Delia la odia _____i.

(63) Ana ama a Elsa_i, y ella_i lo sabe./Ana_i ama a Elsa, y Delia la odia a ella_i.

A partir da leitura do texto de Luján (1999), conclui-se que o sujeito nulo e o sujeito pleno, em espanhol, estão em distribuição complementar, não constituindo variação. A expressão do sujeito pronominal, dependendo da posição, pode ser enfática, distintiva, contrastiva ou desambiguadora, enquanto a ausência do pronome é neutral em relação a esses traços. Além do mais, a não correferência com o sujeito da oração anterior ou a correferência com um elemento em outra função sintática implicam o preenchimento do pronome.

Diante de tais considerações, pode-se questionar a análise variável a que se propõe esta Dissertação. Ocorre que as gramáticas consultadas não contemplam as variedades do espanhol americano. Justifica-se, assim, esta Dissertação, que pretende ser o ponto de partida para uma pesquisa que examine as variedades do espanhol americano à luz do parâmetro do sujeito nulo e permita comparações com o português peninsular, brasileiro e africano.

2.2.7 – Estudos variacionistas sobre o espanhol da América

A partir dos anos 80 surgiram estudos sobre a expressão do sujeito pronominal na perspectiva funcionalista. O trabalho de Silva-Corvalán (1982) investiga a presença ou ausência do sujeito e sua posição em relação ao verbo no espanhol de uma comunidade do oeste de Los Angeles. A autora considerou relevantes quatro grupos de fatores: a mudança de referência, a ambigüidade, o *status* informacional e o número de argumentos do verbo.

Quanto à mudança de referência, a hipótese levantada por Silva-Corvalán (1982) é que um sujeito com a mesma referência do sujeito da oração anterior favorece o apagamento. Um sujeito com referência distinta do sujeito da oração anterior, ao contrário, favorece o preenchimento. Como se verá nesta Dissertação, a manutenção ou a mudança de referência, embora sejam importantes nos resultados de pesos relativos, não revelam diferenças percentuais significativas.

Outro trabalho (Bentivoglio, 1980) trata da expressão ou não expressão do sujeito de primeira pessoa em Caracas. Dentre os grupos de fatores sociais, apenas o sexo é relevante: os homens expressam mais o pronome do que as mulheres. Os grupos de fatores lingüísticos relevantes nesse trabalho são a mudança de referência, a ambigüidade, a troca de turno na conversa, o número gramatical e o tipo de verbo – sendo que os dois primeiros foram codificados da mesma maneira por Silva-Corvalán (1982), conforme descrito acima.

Quando há troca de turno, o informante tende a expressar mais o *yo*. Os resultados para o número gramatical revelam o plural como favorecedor do sujeito nulo, já que a desinência (que é <-mos> em todos os tempos verbais) nunca é ambígua e o pronome *nosotros*, que tem três sílabas, é mais extenso que *yo*. Quanto ao tipo de verbo, os de cognição, enunciação, percepção e volição favorecem a expressão fonética do pronome de primeira pessoa.

Também focando a primeira pessoa, o estudo de Morales (1980) identifica, no espanhol de Porto Rico, maior freqüência de sujeitos plenos do que em outras variedades do espanhol. É significativa, como nos outros trabalhos aqui apresentados, a atuação da mudança de referente, da ambigüidade, do tipo de verbo e da mudança de turno. Além disso, a autora identifica a atuação dos “matizes de tipo pragmático-estilístico”: quanto mais o falante se refere a si mesmo no discurso, maiores são as taxas de omissão do pronome *yo*.

2.3 – A NATUREZA DO SUJEITO PLENO E O LICENCIAMENTO DO NULO

Segundo Rizzi (1988) e Jaeggli & Safir (1989), as línguas de sujeito nulo têm *AGR* [+ pronominal], enquanto as línguas de sujeito pleno têm *AGR* [- pronominal]: com *AGR* [+ pronominal], a língua não projeta o especificador de TP; nas línguas de sujeito pleno, como o inglês, que têm o *AGR* [- pronominal], o especificador de TP é projetado, sendo representado por um pronome fraco (Kato, 1999b). Assim, nos casos em que o sujeito é, numa língua de sujeito nulo, expresso por um pronome, este pronome é forte, ou seja, o sujeito pleno pode ter naturezas diferentes. Em línguas de sujeito nulo, é forte e ocupa uma posição mais alta (a mesma ocupada pelo pronome forte nas línguas de sujeito pleno); em línguas de sujeito pleno, o pronome que aparece à esquerda do verbo é fraco, podendo ser duplicado por um pronome forte, geralmente na forma oblíqua (acusativo ou dativo) – então, expressar o sujeito numa língua de sujeito nulo equivale a dobrar o sujeito numa língua de sujeito pleno, como mostram os exemplos abaixo, de Kato (1999b):

(64) Lei parla Tagalog./ Parla Tagalog. (italiano: língua de sujeito nulo)

(65) Him, he speaks Tagalog./He speaks Tagalog. (inglês: língua de sujeito pleno)

Temos, então, representando o contraste **ênfase x não ênfase**, as oposições **sujeito pleno x sujeito nulo** (para línguas de sujeito nulo) e **sujeito dobrado x sujeito pleno** (para línguas de sujeito pleno). O PB parece não se enquadrar em nenhuma das duas possibilidades, já que convivem na língua ocorrências de sujeitos nulos e de sujeitos dobrados; essa aparente incoerência, porém, se explica pela mudança em curso que ocorre nessa variedade do português, de língua de sujeito nulo para língua de sujeito pleno, já que, segundo Roberts (1993 *apud* Toribio, 1994: 416), “na mudança de uma propriedade X para uma propriedade Y, uma língua deve demonstrar X e Y”. Se há tanto sujeitos nulos (como nas línguas de sujeito nulo) quanto sujeitos duplos (como nas línguas de sujeito pleno) no PB, pode-se dizer que os sujeitos plenos são de duas naturezas distintas: pronome forte (como nas línguas de sujeito nulo) e fraco (como nas línguas de sujeito pleno) – como esses dois tipos de pronomes são quase homófonos no PB, às vezes é difícil identificá-los:

(66) Às vezes, ____ saio tarde./ Às vezes eu saio tarde.

(67) **Eu**, às vezes, ____ saio tarde./**Eu**, às vezes, eu saio tarde.

Essa situação é semelhante à que ocorre no espanhol de Porto Rico, que, tal como o PB, ainda licencia expletivos nulos, mas não sujeitos referenciais nulos¹⁷ – por ter flexão [+ lexical] e [- pronominal], conforme Toribio (1994) –, o que indica que essa variedade do espanhol pode estar passando pela mesma mudança que está em progresso no PB. No espanhol da República Dominicana, que apresenta flexão [- lexical] e [- pronominal], o sujeito nulo não é licenciado, nem quando é expletivo. Os exemplos a seguir, de Toribio (1994: 422), mostram que o pronome *ello* preenche a posição de sujeitos de referência arbitrária e quasi-referenciais, como em (68), de sujeitos não referenciais, como em (69), além de aparecer em predicados inacusativos e existenciais, como em (70) e (71) – ver, também, nota 15:

(68) Ello lo **dijeron** por radio./Ello se **vende** arroz.

(69) Ello **parece** que no hay azúcar./Ello no **sería** malo estudiar.

(70) Ello **llegan** *guaguas* hasta allá.

(71) Ello **hay** muchos mangos este año.

O espanhol peninsular tem flexão [+ lexical] e [+ pronominal], segundo Toribio (1994). Por isso, segundo a autora, os sujeitos nulos são licenciados, tanto os referenciais como os expletivos.

* * * * *

Neste capítulo apresentou-se uma revisão bibliográfica sobre a representação do sujeito no português e no espanhol. Foi possível observar os quadros pronominal e flexional e comparar a natureza forte ou fraca do pronome pessoal em cada variedade. Foi com base nessas informações que se definiu a metodologia a ser aplicada à análise feita nesta Dissertação, apresentada no capítulo a seguir.

¹⁷ Kato & Duarte (2005) associam esse comportamento, no PB, às propriedades de língua orientada para o discurso, já que línguas de tópico não exibem expletivos lexicais.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA DE ANÁLISE: OS GRUPOS DE FATORES HIPÓTESES

3.1 – INFORMAÇÕES SOBRE AS AMOSTRAS

Para a análise do espanhol, os dados foram coletados do *Macrocorpus de la norma lingüística culta de las principales ciudades de España y América*¹⁸, que contém amostras da fala culta do espanhol de 12 cidades (nove variedades americanas: Buenos Aires, Caracas, Cidade do México, La Paz, Lima, San José de Costa Rica, San Juan de Porto Rico, Santafé de Bogotá e Santiago do Chile; três espanholas: Las Palmas de Gran Canaria, Madri e Sevilha), gravadas na década de 70. Esse *macrocorpus* é fruto do *Proyecto de estudio coordinado de la norma lingüística culta de las principales ciudades de España y de América*, que visa ao conhecimento da “unidade dentro da diversidade” (Samper Padilla, 1995). Para cada variedade, há 14 entrevistas (sete com informantes mulheres e sete com homens), realizadas com a intervenção de um entrevistador, com duração de 30 minutos cada (há quatro exceções em Buenos Aires: duas entrevistas com mulheres, durando 22 minutos cada, e duas com homens, uma com duração de 40 minutos e outra com 35 minutos).

De acordo com o texto introdutório que acompanha as amostras, por causa das dificuldades de toda transcrição, um *corpus* escrito derivado da fala não é o ideal para uma análise fonética, mas pode ser usado em estudos morfosintáticos, lexicais e semânticos. As entrevistas utilizadas para este trabalho passaram por transcrição ortográfica, não por transcrição fonética. Sendo assim, tomando como verdadeira a afirmação da introdução do *Macrocorpus*, a análise feita nesta Dissertação (que investiga fenômenos sintáticos) não deve apresentar problemas decorrentes da transcrição dos inquéritos¹⁹.

¹⁸ *Macrocorpus* disponibilizado pela professora Dinah Callou (Projeto NURC-RJ).

¹⁹ Além do mais, segundo Blanche-Benveniste & Jeanjean (1987: 119-27), Bentivoglio & Sedano (1993: 15) e López Morales (1994: 97-8), em estudos de caráter sintático a transcrição ortográfica leva vantagem sobre a fonética.

Para esta Dissertação, foram utilizadas as amostras de uma variedade europeia (Madri) e de uma americana (Buenos Aires). Essas duas amostras, juntas, têm 28 entrevistas, totalizando 14 horas de gravação. A distribuição dos falantes do *corpus*, por gênero e faixa etária, para cada localidade considerada, é a seguinte:

Tabela 3A – Distribuição comum para as amostras de todas as cidades

GERAÇÃO	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
I (ATÉ 40 ANOS)	2 sujeitos	2 sujeitos	4 sujeitos
II (40 A 55 ANOS)	3 sujeitos	3 sujeitos	6 sujeitos
III (MAIS DE 55 ANOS)	2 sujeitos	2 sujeitos	4 sujeitos
TOTAL	7 sujeitos	7 sujeitos	14 sujeitos

3.2 – METODOLOGIA

Para equilibrar as quantidades de falantes das três gerações, foram desconsideradas duas entrevistas da faixa central, uma com homem e uma com mulher (respectivamente: BA-06 e BA-08, de Buenos Aires; MA-05 e MA-08, de Madri). A coleta dos dados foi feita, então, com base em 24 inquéritos (12 de cada uma das cidades). A distribuição geral dos falantes (identificados pela sigla da cidade – MA para Madri e BA para Buenos Aires – e numerados de 01 a 14) é a demonstrada na **Tabela 3B**:

Tabela 3B – Distribuição dos inquéritos do *corpus* utilizado neste trabalho

CIDADE	FAIXA ETÁRIA	HOMEM	MULHER
MADRI, ESPANHA (MA)	ATÉ 40 ANOS	MA-01, MA-02	MA-03, MA-04
	DE 40 a 55 ANOS	MA-06, MA-07	MA-09, MA-10
	MAIS DE 55 ANOS	MA-11, MA-12	MA-13, MA-14
BUENOS AIRES, ARGENTINA (BA)	ATÉ 40 ANOS	BA-01, BA-02	BA-03, BA-04
	DE 40 a 55 ANOS	BA-05, BA-07	BA-09, BA-10
	MAIS DE 55 ANOS	BA-11, BA-12	BA-13, BA-14

De todas as entrevistas da **Tabela 3B**, foram colhidos dados, das falas dos entrevistados, que contêm sujeito pronominal de referência definida (nulo ou pleno). Para a coleta foi definida a quantidade de 50 dados de cada pessoa gramatical em cada inquérito (para equilibrar as quantidades de dados para cada pessoa

gramatical, localidade e informante, a coleta dos dados de cada pessoa gramatical parava assim que atingia o total de 50 dados²⁰). Foram computados 2134 dados, assim distribuídos:

Tabela 3C – Distribuição dos dados coletados das falas dos informantes

PESSOA GRAMATICAL	PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA	TOTAL
MADRI (MA)	597	68	482	1147
BUENOS AIRES (BA)	548	42	397	987
TOTAL	1145	110	879	2134

Como se vê na **Tabela 3C**, foram poucos os dados de segunda pessoa encontrados, assim como os dados que pertencem a orações interrogativas; então, decidiu-se buscar, também, os dados das falas dos entrevistadores (que foram identificados com um código diferenciado), considerando-se, para cada entrevista e pessoa gramatical, apenas o trecho compreendido entre o início do inquérito e o ponto onde a coleta original parou. Como todos os falantes são cultos, a inclusão da fala dos entrevistadores não compromete o resultado da análise, além de possibilitar uma investigação do uso de pronomes na segunda pessoa, particularmente em interrogativas. Somando, pois, os dados da fala dos entrevistadores aos dos entrevistados, obtém-se uma nova distribuição, com 3014 dados, mostrada na **Tabela 3D**:

Tabela 3D – Distribuição dos dados (incluindo os entrevistadores)

PESSOA GRAMATICAL	PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA	TOTAL
MADRI (MA)	646	366	582	1594
BUENOS AIRES (BA)	600	300	520	1420
TOTAL	1246	666	1102	3014

Todos os dados coletados foram codificados e submetidos ao pacote VARBRUL (de programas para MS-DOS indicados para a análise estatística informatizada de regras variáveis). Tomou-se com variável dependente o sujeito nulo ou expresso e como variáveis independentes os grupos de fatores lingüísticos e

²⁰ Em algumas entrevistas, foram encontrados menos de 50 dados relativos a alguma(s) pessoa(s) gramatical(is). Nesses casos, todos os dados foram considerados. Se a quantidade mínima de 50 dados fosse reduzida para manter o equilíbrio quantitativo, a quantidade total de dados não seria suficiente para fazer uma análise estatística confiável.

extralingüísticos explicitados no item seguinte. Evidentemente, os grupos de fatores sociais não se aplicam à fala dos entrevistadores.

3.3 – GRUPOS DE FATORES

3.3.1 – A variável dependente

A variável dependente é a forma de representação do pronome, que pode ser nulo ou pleno. Tendo em vista o objetivo do trabalho, o valor de aplicação na análise será o sujeito nulo (em oposição ao sujeito pleno). Encontrando as taxas de apagamento do pronome (gerais e por fatores), será possível observar o comportamento do espanhol em relação ao parâmetro do sujeito nulo: sendo uma língua [+ *pro-drop*], espera-se que a porcentagem geral de sujeitos nulos, para as duas variedades, supere amplamente a de pronomes expressos, que, segundo as gramáticas consultadas, ocorre em contextos marcados.

3.3.2 – As variáveis independentes

3.3.2.1 – A posição do sujeito

O sujeito pronominal pode aparecer anteposto ao verbo, como em (1), ou posposto, como em (2). Como a ordem verbo-sujeito do tipo VXS é uma propriedade associada a línguas positivamente marcadas em relação ao parâmetro do sujeito nulo, espera-se encontrá-la nos dados do espanhol, considerada uma língua de sujeito nulo prototípica. Naturalmente, este grupo não se aplica aos sujeitos pronominais nulos, como o exemplificado em (3).

- (1) Yo tengo referencias de una profesora que fue a enseñar creo que a la Universidad Z., fue a enseñar latín, me parece, o no recuerdo qué, y me dijo que realmente era impresionante lo bajo del nivel del alumnado. (BA-01)²¹

²¹ Por exibir *AGR* [+ pronominal] (ver seção 2.3, no capítulo anterior), as línguas de sujeito nulo, como se acredita ser o espanhol, não projetam a posição de especificador de TP (Kato, 1999b). Porém, com o intuito de facilitar a visualização dos exemplos, os sujeitos plenos serão sublinhados (yo) e os sujeitos nulos, representados por traços (____), assim como foi feito nos exemplos em português do capítulo anterior. Essa representação não reflete, necessariamente, a estrutura projetada.

- (2) Porque yendo todo el verano, pues, puedes sacar jugo un mes con otro de... de... de julio o junio, finales de junio, que me **suelo yo** ir siempre alrededor de San Pedro hasta finales de septiembre, compensa. (MA-09)
- (3) _____ **Creo** que depende de muchísimos factores. (MA-01)

3.3.2.2 – A pessoa gramatical do sujeito

Nas entrevistas de Madri, o pronome sujeito de segunda pessoa direta do singular que aparece é o *tú*, enquanto nas de Buenos Aires aparece o *vos* com a mesma função. A **Tabela 3E** mostra o paradigma pronominal (para o sujeito) das duas cidades. À tabela seguem os exemplos de cada pronome de segunda pessoa, para cada uma das localidades pesquisadas.

Tabela 3E – Paradigma pronominal (nominativo) de Madri e Buenos Aires

PESSOA GRAMATICAL	MADRI	BUENOS AIRES
PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR	<i>yo</i>	<i>yo</i>
SEGUNDA PESSOA DIRETA DO SINGULAR	<i>tú</i>	<i>vos</i>
SEGUNDA PESSOA INDIRETA DO SINGULAR	<i>usted</i>	<i>usted</i>
TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR	<i>él, ella</i>	<i>él, ella</i>
PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL	<i>nosotro s</i>	<i>nosotros</i>
SEGUNDA PESSOA DIRETA DO PLURAL	<i>vosotro s</i>	–
SEGUNDA PESSOA INDIRETA DO PLURAL	<i>ustedes</i>	<i>ustedes</i>
TERCEIRA PESSOA DO PLURAL	<i>ellos(as)</i>	<i>ellos(as)</i>

- (4) ¿Tú crees que la formación que se da hoy a los jóvenes es mucho mejor que antes? (MA-01)
- (5) Si usted quiere preguntar, procuraré contestarle. (MA-11)

- (6) C., como hoy es el cumpleaños de A., seguramente ____ saldréis esta noche, ¿no? (MA-03)²²
- (7) Porque ustedes antes servicio tendrían muchísimo, ¿verdad? (MA-13)
- (8) No, vos pensás mal, peor de lo que es en realidad la cosa. (BA-01)
- (9) Ahora esté... ¿usted habrá leído algunos ensayos acerca de lo porteño? (BA-02)
- (10) Ahora... actualmente ustedes se ocupan de las... tierras que quedan. (BA-14)

Com este grupo, que separa as pessoas gramaticais, pode-se investigar:

- a) se no espanhol a primeira pessoa tem as maiores taxas de sujeitos plenos, tal como Duranti & Ochs (1979) constataram em relação ao italiano;
- b) se se atesta a afirmação de Fernández Soriano (1999), de que o pronome *usted(es)* aparece pleno com mais freqüência que os outros;
- c) se o sujeito nulo predomina sobre o expresso em todas as pessoas gramaticais (situação típica de uma língua [+ *pro-drop*]).

O pronome *ello* não foi incluído na **Tabela 3E**. Segundo Fernández Soriano (1999), a ocorrência do pronome neutro *ello* em função de sujeito é raríssima. Por esse motivo, esse pronome será analisado em separado (caso apareça em função de sujeito), juntamente com os demonstrativos neutros *eso* e *esto*, com os quais varia, segundo a autora.

3.3.2.3 – A desinência número-pessoal do verbo

A **Tabela 3F** mostra o paradigma flexional do presente e do pretérito perfeito do indicativo do verbo *hablar* para as duas localidades analisadas. O pretérito perfeito não tem no seu paradigma número-pessoal o morfema <∅>, que é usado em todos os outros tempos verbais para a segunda pessoa indireta e a terceira do singular. Em alguns tempos verbais, a desinência <∅> também é associada à primeira pessoa do singular, fazendo com que o paradigma flexional tenha apenas

²² Não foi encontrado nenhum dado com o pronome *vosotros* expresso.

cinco oposições em Madri e quatro em Buenos Aires, onde não há desinência de segunda pessoa direta do plural.

Tabela 3F – Desinências número-pessoais em espanhol

MADRI			BUENOS AIRES		
PESSOA	PRESENTE	PERFEITO	PESSOA	PRESENTE	PERFEITO
YO	<i>hablo*</i>	<i>hablé*</i>	YO	<i>hablo*</i>	<i>hablé*</i>
TÚ	<i>hablas*</i>	<i>hablaste*</i>	VOS	<i>hablás*</i>	<i>hablaste*</i>
USTED	<i>hablaØ</i>	<i>habló</i>	USTED	<i>hablaØ</i>	<i>habló</i>
ÉL/ELLA	<i>hablaØ</i>	<i>habló</i>	ÉL/ELLA	<i>hablaØ</i>	<i>habló</i>
NOSOTROS	<i>hablamos*</i>	<i>hablamos*</i>	NOSOTROS	<i>hablamos*</i>	<i>hablamos*</i>
VOSOTROS	<i>habláis*</i>	<i>hablasteis</i> *	–	–	–
USTEDES	<i>hablan</i>	<i>hablaron</i>	USTEDES	<i>hablan</i>	<i>hablaron</i>
ELLOS(AS)	<i>hablan</i>	<i>hablaron</i>	ELLOS(AS)	<i>hablan</i>	<i>hablaron</i>

*Desinências exclusivas para apenas uma pessoa e um número gramatical.

O levantamento de todas as desinências utilizadas em cada tempo verbal permite o agrupamento delas em três tipos (que constituem os três fatores deste grupo): desinências exclusivas, desinências que se utilizam para referência a duas pessoas gramaticais e o morfema <Ø>, que é utilizado para três pessoas gramaticais diferentes. Fernández Soriano (1999) e Luján (1999) apresentam a ambigüidade como uma das causas da expressão fonética do sujeito, e este grupo de fatores permitirá investigar a influência da ambigüidade flexional na escolha entre o sujeito nulo e o pleno: as desinências exclusivas não são ambíguas, as que se utilizam para mais de uma pessoa gramatical sim. Estão listados a seguir os três fatores considerados, acompanhados das desinências agrupadas em cada fator e de exemplos de cada uma delas, retirados do *corpus*:

a) desinências exclusivas para uma pessoa gramatical

- de primeira do singular: <-o> (presente do indicativo), <-é> (pretérito perfeito do indicativo, na primeira conjugação, e futuro do presente do indicativo) e <-í> (pretérito perfeito do indicativo, na segunda e na terceira conjugações)

(11) ...no puedo... no puedo juzgarla porque en realidad no... no conozco, ¿no?
(BA-01)

(12) Bueno, no, pero entonces este... este ritmo así que yo ya... después cuando estaba estudiando las últimas materias... que yo cuando empecé con este ritmo me quedaban cuatro materias todavía para recibirme, tenía que ir a la facultad.
(BA-01)

(13) Que yo la conocí en la facultad. (BA-01)

- de segunda pessoa direta do singular: <-ste> (pretérito perfeito do indicativo) e <-s> (subjuntivo e demais tempos do indicativo)²³

(14) No, ahora ya te rehabilitaste. (BA-01)

(15) ¿Me puedes hablar un poco de tus estudios? (MA-01)

(16) Ahora tenés un coche muy lindo. (BA-01)

- de primeira pessoa do plural: <-mos> (para todos os tempos e modos)

(17) Tenemos hacienda vacuna y... también... hay que... cada cuatro meses hay que vacunarlas contra la aftosa, eso ya es por ley, es obligatorio... y después... qué sé yo... hay una serie de trabajos que hay que hacerlos, como marcar los animales... los machos castrarlos... porque hay un grupo de gentes que trabajan con cabañas... entonces... esté... se dedican... a... a... a la cría de reproductores... y otras... personas... entre las que nos contamos nosotros, trabajamos lo que se llama en cría.

- de segunda pessoa direta do plural: <-is> (existente apenas em Madri)

(18) ¿En Lérida estáis mejor o peor que los demás campamentos; que La Granja, Monte la Reina...? (MA-01)

²³ Além do pronome sujeito utilizado (*tú* e *vos*), a segunda pessoa direta do singular se diferencia, entre Madri e Buenos Aires, em relação à sílaba tônica (apenas no presente do indicativo). Em Madri, as formas verbais são paroxítonas; em Buenos Aires, oxítonas.

b) desinências que se utilizam para referência a duas pessoas do discurso

- a segunda indireta e a terceira pessoa do singular: <-ó> (pretérito perfeito)

(19) Y me gustó, es decir, no... no... veo que no... no... no es tan malo como yo pensaba, ¿no? (BA-01)

- a segunda pessoa indireta e a terceira pessoa do plural: <-ron> (pretérito perfeito do indicativo) e <-n> (subjuntivo e demais tempos do indicativo)

(20) Compraron las tres leguas de campo, se compraron en condominio. (BA-11)

(21) Todavía me estoy tocando los dedos porque me duelen. (BA-01)

c) morfema <∅>, utilizado para três pessoas gramaticais

- a primeira pessoa do singular (exceto no pretérito perfeito e no futuro do presente do indicativo), a segunda indireta e a terceira pessoa do singular

(22) No, tendría∅ que seguir con la facultad, pero tengo ganas de descansar un poquito ahora. (BA-01)

No português, as análises de regra variável não apontam qualquer relevância da desinência utilizada na expressão do sujeito pronominal. Acredita-se que, por ter sido muito reduzido o número de oposições no paradigma do português brasileiro, o licenciamento e a identificação do sujeito nulo tenham ficado comprometidos. Isso teria desencadeado uma mudança encaixada em direção ao preenchimento (que se implementou em todas as pessoas gramaticais).

No espanhol, há diferença entre as quantidades de oposições de Madri e Buenos Aires: como mostrado na **Tabela 3F**, no paradigma de Madri há seis morfemas distintivos e no de Buenos Aires, apenas cinco (ou quatro, nos tempos e modos em que o morfema <∅> é associado também à primeira pessoa do singular). A situação parece ser a mesma do PE, em que convivem duas formas para a segunda pessoa: há igualmente dois sincretismos, representados pela segunda

pessoa indireta e pela terceira pessoa, no singular e no plural. Pode-se dizer, pois, que temos um paradigma funcionalmente rico.

Pretende-se, pois, verificar se há alguma diferença entre as duas variedades analisadas em relação a este grupo de fatores.

3.3.2.4 – O tempo e o modo verbais

Os dados também foram codificados segundo o tempo e o modo do verbo, com exceção dos dados com verbo no imperativo, desconsiderados por apresentarem o sujeito apagado independentemente de ser a língua [+ *pro-drop*] ou [- *pro-drop*], não servindo para diferenciar as duas marcações em relação ao parâmetro do sujeito nulo. Em português, o comportamento em relação ao parâmetro estudado não é influenciado pelo tempo nem pelo modo verbal. Como no espanhol também há tempos verbais com menos oposições distintivas, pretende-se verificar se esses fatores são determinantes na escolha do sujeito nulo ou do sujeito preenchido (Oliveira, 2000).

Os dados com o verbo no subjuntivo, como exemplificado em (23), foram agrupados e separados dos dados no indicativo. Estes foram divididos nos cinco tempos verbais encontrados. Em (24), tem-se um exemplo com o verbo no pretérito imperfeito do indicativo; a frase em (25) exemplifica o pretérito perfeito do indicativo; em (26), tem-se o presente do indicativo; em (27), o futuro do presente; e o futuro do pretérito do indicativo é exemplificado em (28).

(23) Tal vez lo **siga** siendo. (BA-01)

(24) Bueno, probablemente el doctorado, aunque con el doctorado hay un inconveniente, que... tiene un plazo, ¿no?, para el plan en el que yo... en el cual **estaba** inscrito. (BA-01)

(25) Ahora, por ejemplo, estoy... esté... **estuve** charlando también con una chica que es fonoaudióloga, recibida así en la Universidad de Buenos Aires, y está haciendo el doctorado en una universidad privada también, en el W., que está ahí en... (BA-01)

(26) Ahora, cuándo me **voy** a poner a hacerlo creo... (BA-01)

(27) Algún día que me invites **iré** porque no... no conozco. (BA-03)

(28) Y otra carrera que **podría** hacer es la licenciatura en Administración que tiene bastante... tiene bastante aplicación y sí... y es bastante práctica. (BA-01)

3.3.2.5 – A forma verbal

A forma verbal foi codificada como simples, exemplificada em (29), ou complexa (locução verbal), exemplificada em (30). Para o PB, levantou-se a hipótese de que as formas complexas ainda favoreceriam o sujeito nulo, o que não se confirmou na análise de Duarte (1995). Pretende-se, então, observar o comportamento do espanhol em relação a este grupo de fatores.

(29) Incluso **sé** de algunos que dicen que hay algunas carreras que se hacen mejor ahora en las universidades privadas. (BA-01)

(30) Ahora esté... justamente el otro día **estaba hablando** con un colega que... así por una vinculación con una persona que tiene una universidad privada va a tener una ayudantía; y lo acompañé a tomar exámenes y me dijo que el nivel de exigencia era bastante... bastante imp... es decir, bastante interesante, ¿no?, el nivel de exigencia. (BA-01)

3.3.2.6 – A transitividade verbal

Os verbos são separados em quatro tipos. Há os verbos predicadores, que projetam um, dois ou três argumentos – como nos exemplos (31), (32) e (33), respectivamente –, e, ainda, os de ligação, como em (34). Os verbos de ligação (ou cópulas) não são predicadores, mas servem para hospedar as marcas de concordância que são obrigatórias a toda sentença e atribuir caso nominativo ao argumento externo.

(31) Él quiere que ____ **estudie**, quiere que me reciba, sí, fundamentalmente. (BA-04)
[alguien estudia – alguém estuda]

(32) ____ **Tengo un panorama así general**, pero no... (BA-01)
[alguien tiene algo – alguém tem algo]

(33) ¿Quiere que ____ **le sugiera un programa que se me acaba de ocurrir?** (BA-04)
[alguien le_i sugiere algo a alguien_i – alguém sugere algo a alguém]

(34) Ahí... esté... enumerando encontré el pedacito de mi corazón, ¿no?, si ____ no **fuera** abogado quizá me gustaría ser economista. (BA-02)

No português brasileiro, o comportamento do verbo de ligação **ser** se diferencia dos demais na realização do sujeito pronominal. Bravin dos Santos (2006) encontra nesse verbo um contexto de resistência do sujeito nulo na fala. Pretende-se verificar, então, no espanhol, se a transitividade verbal tem algum efeito no licenciamento e na identificação do sujeito nulo e se os verbos de ligação têm um comportamento diferente dos demais.

3.3.2.7 – A estrutura do sintagma complementador (SC)

O especificador do SC pode ser preenchido por um pronome relativo ou interrogativo – como mostram, respectivamente, os exemplos (35) e (36) – e seu núcleo, por uma conjunção (ou uma preposição, no caso das orações reduzidas, que não serão analisadas neste trabalho) – como nos exemplos (37) e (38); ou, então, ambas as posições podem estar vazias, no caso de sentenças raízes, como em (39). No português do Brasil, o SC vazio é um contexto em que o sujeito nulo ainda resiste. Espera-se que num sistema de sujeito nulo prototípico esse fator não seja atuante, exceto nas relativas.²⁴

(35) ¿Crees que estos jóvenes que hemos nombrado antes, están mejor preparados en el fondo que la preparación [_{sc}**que** teníamos nosotros en esa edad]? (MA-02)

(36) [_{sc}¿**Qué** opinas del amor tú?], ¿crees en él? (MA-04)

(37) Absoluta, total; al contrario, cuento con su pinchada [Risadas], me pincha todo el tiempo, él quiere [_{sc}**que** ____ estudie], que me reciba. (BA-04)

(38) Yo estoy en casa, pero al mismo tiempo, pues... no quiero que tampoco ellos se distraigan o estén pendientes de aquello; [_{sc}**aunque** quisiera yo verlo], pues, tampoco me... me dejan. (MA-09)

(39) [_{sc}¿Ø Me puede usted hablar sobre su profesión?] (MA-06)

²⁴ Cf. Duarte (1995), para o português europeu.

- (40) [_{SF} **La vida de estudiante**, ____ creo que _____i ya es bastante conocida de todo el mundo], ¿no?, en cuanto a... al sacrificio y también pues... la diversión que supone. (MA-01)
- (41) [_{SF} Ø ____ Terminó este año, si es que se aclara esta situación, ya que [_{SF} **actualmente** ____ estamos en huelga pendientes de unas reuniones de todos los colegios de las... escuelas técnicas y de arquitectos técnicos]]. (MA-01)

3.3.2.9 – Elementos entre o especificador do sintagma flexional e o verbo

A posição entre o especificador do sintagma flexional e o verbo pode estar vazia, como exemplificado em (42), ou preenchida. Ao contrário da presença de elementos nos dois grupos anteriores, um elemento nessa posição favorece o sujeito nulo no PB. Os elementos que podem aparecer são de três tipos: negação (como **no** e **nunca**) – exemplificada em (43) –, advérbio aspectual ou focalizador (como **já** e **ainda**; **só** e **também**) – exemplificado em (44) – e pronome clítico – como em (45).

- (42) No... sería así: si nosotros Ø contáramos el hecho de que un novillo se lo quiere llevar en el menor tiempo posible, bueno... de Santa Fe a... allí a Mendoza... este... puede ser un... un día de viaje... y después de... Mendoza son pocas horas hasta Los Andes. (BA-07)
- (43) Ahora, otras universidades ____ **no** sé decirte. (BA-01)
- (44) ____ **Ya** estoy haciendo una materia, que son prácticas en computación, que son cuatro horas por día de trabajo en... yo estoy en Teléfonos del Estado, en el centro de cómputos de Teléfonos del Estado, otra gente está en otros centros que es honor... es grat... sin sueldo, ¿no es cierto? (BA-04)
- (45) Entonces es conveniente... combinarlas y hacer una pequeña disertación sobre un tema; por ejemplo, yo ahora tomé... **me la** fabriqué yo la prueba objetiva... sobre... la *Silva a la agricultura* de Bello, ese sobrio, entonces hice una pregunta, la pregunta era: "¿Por qué Bello es un poeta... neoclásico?", pero en general. (BA-09)

Há, então, quatro fatores no grupo. De acordo com Duarte (1995), esses elementos, situados no interior do sintagma flexional, parecem ter um efeito

prosódico, intercambiando-se com o sujeito; assim, o sujeito nulo ainda mostra alguma resistência, no PB, na ocorrência de um desses elementos: **não vou**, **só vou**, **eu vou**. Embora o pressuposto básico é o de que o espanhol apresenta um comportamento de língua de sujeito nulo, não se espera atuação desses elementos no favorecimento do sujeito nulo.

3.3.2.10 – A função sintática da oração

Há cinco variantes:

a) oração não subordinada, que inclui as principais (46), as absolutas (47) e as coordenadas iniciais que não estão subordinadas a uma outra oração (48)

(46) Sí, yo quisiera [que usted me describa sus actividades durante... a lo largo del día]. (BA-13)

(47) Ah, sí, _____ me **considero** porteño. (BA-02)

(48) Yo ahora **divido** y hay unas que leen *El inglés de los güesos*. (BA-09)

b) oração subordinada completiva (tradicionalmente: substantiva)

(49) Mire, me parece [que varias veces usted me **dice** [que qué... qué (...) **señalaría yo**]]. (BA-05)

c) oração subordinada relativa (tradicionalmente: adjetiva)

(50) Claro, todo eso se terminó un poquito, y me vi con un ingreso bastante superior al [que normalmente yo tenía], ¿no? (BA-01)

d) oração subordinada adverbial anteposta ao verbo

(51) [Mientras yo dormía plácidamente] jugaban... en... al truco. (BA-03)

e) oração subordinada adverbial posposta ao verbo

(52) Es decir, por ejemplo, yo el año pasado di clases sobre un Rorschach... y que era de una joven de diecinueve años, estudiante universitaria, que tenía... bueno... que me la enviaban [para que yo le **hiciera** sicoterapia]. (BA-12)

Até mesmo no PE (língua de sujeito nulo), os resultados de Duarte (1995) mostram que somente com as relativas o índice de sujeitos expressos superou o de nulos (70% de pronomes de primeira pessoa expressos e 61% de terceira pessoa expressos). A autora levanta a hipótese de que a expressão de um sujeito numa relativa teria a finalidade de desambiguar a função do relativo **que** (que pode ser sujeito ou objeto). Resta ver se isso ocorre no espanhol e se o sujeito é preenchido mesmo com relativos de função não ambígua, como *en que*, *donde* e *cuyo*.

Todas as orações coordenadas não iniciais com o sujeito correferentes ao da oração anterior foram excluídas da codificação, pois nesse contexto o apagamento do pronome não é uma propriedade exclusiva das línguas de sujeito nulo. Nas orações relativas cujo sujeito é representado por um pronome relativo, tal pronome se move e passa a ocupar a posição de especificador do sintagma complementador, deixando sempre, em espanhol, a posição do sujeito vazia. Como não há variação nesses casos (o sujeito é sempre nulo), as orações com pronome relativo funcionando como sujeito também foram desconsideradas.

3.3.2.11 – *As condições de referência*

O antecedente do pronome é o último elemento correferente anterior a ele encontrado no discurso. Com este grupo de fatores, pretende-se confirmar duas afirmações de Luján (1999). A primeira delas diz que um antecedente distante ou em outra função ocasiona a expressão do sujeito; a segunda, a manutenção da função implica o uso do sujeito nulo.

Os quatro padrões sentenciais propostos por de Barbosa, Duarte & Kato (2001, 2005) permitem testar, detalhadamente, em análise de regra variável, essas duas afirmações (esses padrões foram propostos a partir da manutenção ou não da função do antecedente e de sua presença na mesma seqüência discursiva ou em outra seqüência). As autoras verificaram que há uma gradação no favorecimento do

sujeito nulo, que ocorre com mais freqüência no primeiro padrão. Para este trabalho, foi acrescentado um quinto padrão, o último que se pode ver na lista a seguir:

– **Padrão A:** o antecedente do pronome em análise é o sujeito da oração principal ou matriz (o sujeito e seu antecedente estão no mesmo período)

(53) Entonces yo fui difiriendo muchas cosas que a mí me gustaban; es decir, ___i no podía ni ir a hacer deporte, [porque yo_i un sá... un domingo a la mañana **estudiaba**, un sábado a la tarde estudiaba, salía a la noche]. (BA-01)

– **Padrão B:** o antecedente do pronome em análise é o sujeito da oração imediatamente anterior (em outro período)

(54) Básic... que yo_i me considere con aptitudes para ____i hacerla, ninguna. ____i Ya le **digo**, me hubiera gustado tocar la guitarra... (BA-02)

– **Padrão C:** o antecedente do sujeito está na oração anterior, mas com outra função

(55) Ahora... cuando en octubre del sesenta y siete, [cuando me_i faltaban todavía cuatro materias...] ____i **empecé** a trabajar, que acepté... este trabajo porque tenía la posibilidad de aprender bastante y, por otra parte, económicamente me convenía. (BA-01)

– **Padrão D:** o antecedente do sujeito em análise tem função de sujeito, mas há uma ou mais orações intervenientes entre ele e seu antecedente

(56) Esté... qué sé yo, me dolía la espalda a la mañana de estar así sentado... un problema de columna; tampoco ____i iba a ir a hacer deportes. *Y así una serie de cosas que uno lo va difiriendo, ¿no?* Ahora simultánea con... simultáneamente con eso, ____i me **metí** en una serie de deudas, ¿no?, que uno a veces se entusiasma un poco porque se ve con ingresos... un poco superiores a los que... a los que habitualmente estaba acostumbrado. (BA-01)

– **Padrão E:** o antecedente tem outra função e há oração ou orações intervenientes

(57) Pero es como materia optativa, pero que a nosotros_i nos sirve mucho *porque es la práctica real de la profesión en un centro de cómputos*. Nosotros_i **estamos** como un empleado cualquiera que trabaja ocho horas... cuatro horas por día, ¿no? (BA-04)

Espera-se encontrar um resultado semelhante ao de Barbosa, Duarte & Kato (2001, 2005), com pesos relativos gradativamente menores à medida que se observa o padrão seguinte, na ordem apresentada acima.

3.3.2.12 – O traço semântico do sujeito

Os estudos sobre o português, tanto para a variedade europeia quanto para a brasileira, mostraram um maior percentual de preenchimento dos sujeitos animados. Numa língua de sujeito nulo prototípica, como se acredita ser o espanhol, o esperado é não encontrar pronomes plenos com o traço [- animado] (Fernández Soriano, 1999), a não ser que esses pronomes sejam demonstrativos. Os dados foram codificados segundo o traço [+ animado], exemplificado em (58), e o traço [- animado], exemplificado em (59):

(58) Sí, sí, hay muy buenos toreros_i [aunque _____i **están** un poco comercializados] pero son... entienden muchísimo de toros. (MA-01)

(59) Todavía me estoy tocando los dedos_i [porque _____i me **duelen**]. (BA-01)

3.3.2.13 – A oração: declarativa x interrogativa

As orações que contêm as ocorrências de sujeito pronominal foram divididas em assertivas e interrogativas. As interrogativas se subdividem em globais e parciais, ficando o grupo com três fatores. No PE, que se comporta com língua de sujeito nulo, o apagamento é preferido em orações interrogativas (Duarte, 1995) – este grupo de fatores permite analisar se, no espanhol, as interrogativas têm o mesmo comportamento.

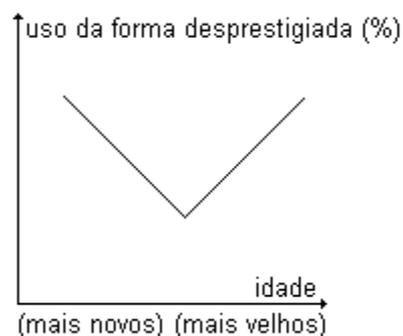
3.3.2.14 – As variáveis sociais

A **Tabela 3B** mostra como variáveis sociais o gênero do falante e três faixas etárias, que permitem fazer uma observação do fenômeno em tempo aparente. Se houver mudança em direção ao preenchimento do sujeito, a fala dos mais jovens será o contexto favorecedor à forma inovadora e a dos mais velhos, desfavorecedor, conforme a reta do **Gráfico 3A**, adaptado de Naro (1996). Se se tratar de um fenômeno estável, a faixa central deverá favorecer uma das variantes e as faixas extremas, a outra, apresentando este grupo um resultado parecido com a curva do **Gráfico 3B** – adaptado de Naro (1996) –, o que, segundo o autor, se deve à preocupação dos falantes em usar a forma mais prestigiada pela comunidade, dentre as que concorrem no fenômeno de variação, no período em que estão concorrendo para o mercado de trabalho.

Gráfico 3A – Mudança lingüística



Gráfico 3B – Variação estável



A variedade lingüística (européia e americana) também é um fator que pode revelar diferenças na escolha entre o sujeito nulo e o pleno (é possível que a variedade americana apresente uma taxa maior de sujeitos plenos, já que tem menos oposições tanto no paradigma pronominal como no flexional). Porém, será feita uma análise separada para cada localidade, cujos resultados serão comparados posteriormente. Assim, a cidade da entrevista não foi incluída, nas análises de regra variável, como um grupo de fatores.

3.4 – HIPÓTESES

Espera-se encontrar um comportamento evidente de língua de sujeito nulo para as duas variedades do espanhol: além de não apresentar sujeitos não animados representados por pronomes pessoais expressos, o sujeito nulo deve ser a opção preferida em todos os contextos, para todos os grupos de fatores controlados. Acredita-se que os índices gerais de sujeitos nulos sejam muito altos, próximos aos encontrados para o PE (conforme **CAPÍTULO 2**). Madri deve ter uma taxa de sujeito nulo maior que a de Buenos Aires, por ter maior distinção flexiva.

A expressão do sujeito pronominal deverá ser influenciada pela mudança de referência, conforme os padrões sentenciais apresentados no item **3.2.11** (com os primeiros padrões favorecendo o sujeito nulo e os últimos, o pleno. Deve atuar também a pessoa gramatical, sendo os contextos desfavorecedores do sujeito nulo a primeira (Duranti & Ochs, 1979) e a segunda pessoa indireta (Fernández Soriano, 1999); espera-se, ainda, que o sujeito nulo seja favorecido pelos tempos verbais com menor número de oposições flexivas. Não é esperada a atuação de fatores como a estrutura do sintagma complementador, a adjunção de elementos a SF e a ocorrência de elementos entre o sintagma flexional e F e de fatores extralingüísticos.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS RESULTADOS A COMPARAÇÃO COM O PORTUGUÊS

4.1 – RESULTADOS GERAIS

A **Tabela 4A** mostra as ocorrências e porcentagens de sujeitos nulos, plenos antepostos ao verbo e plenos pospostos, para Madri e Buenos Aires. De início, o que os números revelam é um comportamento esperado para uma língua de sujeito nulo: a preferência pelos sujeitos nulos tanto na variedade europeia como na americana. Comparando as duas cidades, vê-se que a fala de Madri e a de Buenos Aires exibem índices quase idênticos de sujeito nulo; a diferença mais significativa se encontra na distribuição dos sujeitos plenos: a fala de Madri apresenta mais a ordem VS (8%) do que a de Buenos Aires (2%).

Tabela 4A – Representação do sujeito pronominal em espanhol

SUJEITO PRONOMINAL	NULO	EXPRESSO		TOTAL
LOCALIDADE		ANTEPOSTO	POSPOSTO	
MADRI	1172 (73%)	301 (19%)	121 (8%)	1594
BUENOS AIRES	1006 (71%)	387 (27%)	27 (2%)	1420

Um primeira observação acerca dos grupos de fatores diz respeito à animacidade do referente de terceira pessoa. Como já era esperado, não foi encontrado nenhum caso de sujeito inanimado pleno, como se vê nas tabelas **4B** (para Madri) e **4C** (para Buenos Aires). A diferença entre as variedades europeia e americana do espanhol, nas tabelas, está na representação do sujeito animado de terceira pessoa (naturalmente, os dados em primeira e segunda pessoa não estão representados nas tabelas, já que tais pronomes são inerentemente animados), tendo Madri a maior taxa de apagamento (10% acima da taxa encontrada para Buenos Aires).

Tabela 4B – Animacidade do sujeito de terceira pessoa em Madri

SUJEITO PRONOMINAL	NULO	EXPRESSO		
ANIMACIDADE		ANTEPOSTO	POSPOSTO	TOTAL
SUJEITO [+ ANIMADO]	309 (88%)	39 (11%)	5 (1%)	353
SUJEITO [- ANIMADO]	229 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	229
TOTAL	538 (92%)	39 (7%)	5 (1%)	582

Tabela 4C – Animacidade do sujeito de terceira pessoa em Buenos Aires

SUJEITO PRONOMINAL	NULO	EXPRESSO		
ANIMACIDADE		ANTEPOSTO	POSPOSTO	TOTAL
SUJEITO [+ ANIMADO]	273 (78%)	69 (20%)	6 (2%)	348
SUJEITO [- ANIMADO]	172 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	172
TOTAL	445 (86%)	69 (13%)	6 (1%)	520

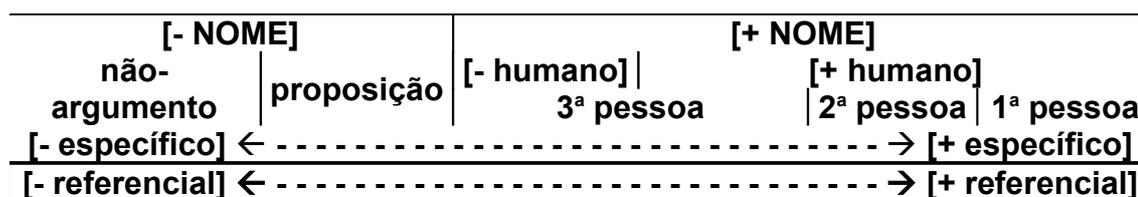
Pelas duas tabelas acima, vê-se que, em relação à animacidade do referente, o espanhol (tanto o de Madri como o de Buenos Aires) se diferencia do português europeu (também considerado de sujeito nulo): na variedade de Portugal, o resultado não foi categórico, tendo sido encontrados 7% de sujeitos inanimados preenchidos na fala (Duarte, 1995) e 9% na escrita padrão. De qualquer forma, apenas 7% do total de dados não é um número suficiente para afirmar que o PE não seja uma língua [+ *pro-drop*], mas é suficiente para levantar a hipótese de que há diferentes matizes de comportamento nas línguas de sujeito nulo – note-se, entretanto, que Barbosa, Duarte & Kato (2005) analisaram a fala de entrevistas transcritas em jornais e revistas e não encontraram qualquer ocorrência de sujeito expresso com o traço [- animado] – se o pronome expresso nas línguas de sujeito nulo é forte e se um pronome [- animado] não aparece como pronome forte, como no em (1), (2) e (3), explica-se o fato. Considerando que a ausência de sujeitos inanimados plenos é uma propriedade de línguas [+ *pro-drop*], pode-se dizer que o espanhol exhibe essa propriedade com mais freqüência ou com mais força que o PE.

- (1) [It is broken]./***It** [it is broken]. (inglês)
- (2) [____ Está quebrado]./***Ele/Él** [____ está quebrado]. (PE/espanhol)
- (3) [Ele tá quebrado]./***Ele** [ele tá quebrado]. (português brasileiro)

Pode-se concluir, ainda, que os sujeitos não argumentais e os sujeitos proposicionais também são nulos em espanhol, embora não tenham sido computados dados desse tipo. Segundo Cyrino, Duarte & Kato (2000), a ocorrência

categórica de sujeitos pronominais nulos em algum ponto da escala de referencialidade da **Figura 2A** (aqui repetida como **4A**) implica a ocorrência categórica de sujeitos pronominais nulos em toda a região à sua esquerda, dentro da escala; assim como a ocorrência categórica de sujeitos pronominais plenos em um ponto da escala pressupõe a ocorrência categórica de sujeitos plenos em toda a região à sua direita. Os sujeitos plenos só variam com os nulos, em espanhol, quando seu referente é [+ animado], ou seja, o fato de o sujeito nulo [- animado] ser categórico no ponto marcado como terceira pessoa [- humano] na figura explica a ocorrência categórica de sujeitos nulos em todos os tipos de sujeito à esquerda desse ponto.

Figura 4A – A escala de referencialidade de Cyrino, Duarte & Kato (2000)



4.1.1 – O pronome neutro

O pronome neutro *ello* apareceu 15 vezes (14 na função de oblíquo) em todas as entrevistas de Madri analisadas e nenhuma vez nas de Buenos Aires. Em seis delas, está retomando proposições, como exemplificado em (4), e nas outras nove ocorrências se refere a sintagmas nominais. Esses sintagmas nominais têm sempre o traço [- animado], como visto no exemplo (5).

- (4) Bueno, el torero está consciente [de que en los tendidos de la mayoría de las plazas existe un público desconocedor]_i. El torero se aprovecha **de ello**_i como se aprovechan todos los profesionales de los subterfugios que tienen a su mano. (MA-02)
- (5) Pero luego, llega el momento en que se da uno cuenta de... de que es conveniente administrar todo lo que tenemos y que en lo que se debe poner un especial empeño en administrar bien es en la propia libertad_i porque **de ello**_i depende nuestra vida. (MA-02)

As duas frases anteriores exemplificam a função mais comum de *ello*, segundo Fernández Soriano (1999): a de complemento de preposição. Apenas um caso apresenta outra função: na frase (6), o pronome *ello*, precedido do quantificador *todo*, funciona como sujeito, retomando uma estrutura de sintagmas nominais coordenados. A pouca quantidade de ocorrências desse pronome confirma o que diz Fernández Soriano (1999): o uso de *ello* é muito restrito, já que não aparece na fala de Buenos Aires e é raro na de Madri; *ello* é majoritariamente usado como complemento de preposição, não é usado com função sintática de objeto direto e é pouquíssimo usado com função de sujeito.

- (6) Me gusta la dimensión humana de... de las cosas, el problema de la cooperación, las relaciones sociales; **todo ello**; pues, posiblemente haya aumentado mi fondo de conocimientos. (MA-02)

Tudo indica que, quando preenchido, o sujeito inanimado é representado pelos demonstrativos *eso* e *esto*. Na função de sujeito, *esto* e *eso* são usados para se referir a sintagmas nominais inanimados e a proposições. Em Madri, o pronome *esto* sempre ocorre adjacente ao seu antecedente, seja um sintagma nominal, como em (7), seja uma proposição, como no exemplo (8); *eso* pode aparecer mais distante do antecedente, como mostram (9), com antecedente nominal, e (10), com antecedente proposicional:

- (7) Tenemos varias adaptaciones de... de clásicos, no solamente españoles sino de... mundialmente... adaptados a temas modernos. Esto; me parece buena idea, ya que se han conseguido grandes éxitos con ello y parecen bastante agradables al oído. (MA-01)
- (8) [El torero se aprovecha de ello como se aprovechan todos los profesionales de los subterfugios que tienen a su mano.]; Esto; es perfectamente comprensible. (MA-02)
- (9) Guerra y paz. ¡Qué bueno ha sido eso!, ¡qué bueno! (MA-14)
- (10) [Y a mí me gusta que me sirvan, y que me sirvan bien.]; Pero vamos, hay que conformarse con lo de ahora; eso no es, eso es un detalle como otro de tantos; es un detalle que no tiene importancia de ninguna clase. (MA-13)

Nas entrevistas de Buenos Aires não foi encontrada a forma *esto*. À semelhança do que ocorre no português brasileiro, o pronome *eso*, na fala culta de Buenos Aires, neutraliza as funções que são exercidas por *eso* e *esto* em Madri (distância e adjacência ao antecedente). No exemplo (11), abaixo, *eso* está adjacente ao seu antecedente; em (12), o pronome está distante do sintagma que retoma:

- (11) Es decir, que ella sepa que tiene que el primer cuatrimestre saber redactar... con sencillez, una narración y una descripción_i. Eso_i es lo que va a tener que saber. (BA-09)
- (12) De esa manera el profesor no solamente está profu... íntimamente compenetrado de todo lo que sucede en su cátedra, sino que es capaz de seguir los trabajos de investigación que se hacen en su... cátedra... de seguir los alumnos en todo momento, y él, a su vez, adquiere una mentalidad distinta que puede transmitir a sus alumnos_i, que es muy importante eso_i. (BA-05)

4.1.2 – O sujeito posposto

As ocorrências de sujeito posposto concentram-se na segunda pessoa indireta, como se vê na **Tabela 4D**²⁵. A taxa de posposição nessa pessoa gramatical, para Buenos Aires, é bem mais baixa que encontrada para Madri, o que está relacionado aos índices gerais de posposição (o de Buenos Aires é mais baixo, indicando que esta variedade do espanhol manifesta a inversão, que é uma propriedade das línguas de sujeito nulo, com menos intensidade). Ainda assim, a segunda pessoa indireta tem a maior taxa de posposição nas duas variedades, resultado que está de acordo com o que afirma Fernández Soriano (1999): segundo a autora, o pronome *usted/ustedes*, que representa a segunda pessoa indireta, é o que mais aparece expresso em espanhol.

²⁵ Os dados da tabela incluem sujeitos pospostos:

- a) entre o verbo auxiliar e o principal;
 - b) após o verbo, seguido de complemento ou adjunto (**VSX**);
 - c) no fim da oração, precedido de adjunto ou complemento (**VXS**);
 - d) localizados após o verbo, mas sem nenhum outro elemento (adjunto ou complemento), estando no fim da oração (**VS**), sendo, portanto, uma posição ambígua (**VSX** ou **VXS**).
- Não foram computados os sujeitos com o traço [- animado]. A análise que se segue é qualitativa, não quantitativa. A título de curiosidade, os dados de sujeito posposto foram submetidos a uma rodada do *VARBRUL*, para que se pudesse ver sua distribuição em relação aos mesmos grupos de fatores controlados na análise de regra variável (os resultados percentuais para alguns grupos de fatores podem ser vistos no **ANEXO I**).

Tabela 4D – Sujeitos pospostos em oposição a nulos e antepostos

LOCALIDADE	MADRI	BUENOS AIRES
PRIMEIRA PESSOA	28/646 (4%)	8/600 (1%)
SEGUNDA PESSOA DIRETA	7/157 (4%)	3/103 (3%)
SEGUNDA PESSOA INDIRETA	81/206 (39%)	10/197 (5%)
TERCEIRA PESSOA	5/356 (1%)	6/348 (2%)
TOTAL	121/1365 (9%)	27/1248 (2%)

Só foram encontradas três ocorrências de sujeito entre o verbo auxiliar e o principal, numa estrutura típica de língua V2, todas na fala de um mesmo informante de Madri. Um sujeito expresso nessa posição, segundo Fernández Soriano (1999), é desambiguador, e é isso que se vê nos exemplos (13) e (14): como o verbo não possui marca flexional distintiva, a expressão do pronome *usted* serve para desambiguar a referência do sujeito. A expressão do sujeito pronominal nessa posição em tempos verbais que têm, em seu paradigma, as seis marcas flexionais é, segundo Fernández Soriano (1999), agramatical; no entanto, o exemplo (15) mostra que isso ocorre em Madri: o pronome *yo* não é, porém, desambiguador, mas enfático, já que co-ocorrem a desinência distintiva e o pronome clítico *me*, que já servem para identificar a referência do sujeito.

(13) Está mal el decirlo, pero en fin, ya que me **está usted tirando** de la lengua se lo diré todo. (MA-09)

(14) Ahora, probablemente, en esta cinta [que me **está usted tomando**], no. (MA-09)

(15) Porque yendo todo el verano, pues, puedes sacar jugo un mes con otro de... de... de julio o junio, finales de junio, [que *me suelo yo ir* siempre alrededor de San Pedro hasta finales de septiembre], compensa. (MA-09)

Houve um caso de pronome no fim da oração (VXS). Nessa posição, segundo Fernández Soriano (1999), a presença do pronome é contrastiva. De fato, é isso que mostra a frase em (16), em que o pronome *yo* contrasta com o interlocutor, o entrevistador: **tenho que ficar com o microfone eu ou você?**

(16) ¿Tengo que tener el micrófono yo? (BA-05)

Na maioria das ocorrências de posposição, o pronome é realizado logo após o verbo (V), seguido de adjuntos ou complementos X (V**SX**). A maior parte desses casos é de primeira pessoa, como em (17), e o preenchimento pode ser interpretado como enfático; no exemplo (18), porém, o preenchimento denota individualização do sujeito. Na segunda pessoa indireta e na terceira pessoa, o preenchimento do sujeito pronominal nessa posição é desambiguador, como mostram, respectivamente, os exemplos em (19) e (20).

- (17) O sea, vemos partidos... fenómeno, ¿no?, y le voy a decir porque ayer **estuve yo** en una reunión del colegio de padres de familia y me hicieron caer en una cosa que yo no había pensado nunca, y es que... que hay que contar con la televisión; la televisión está ahí como estuvo la radio en sus tiempos y hay que contar con ella, y decían que la... la información visual, que es muy interesante, claro, si hubiese programas para distintas edades y todo esto, pues... no sé, programas culturales, programas deportivos... incluso solo para distraerse los dichos. (MA-10)
- (18) La **había hecho yo** para la colección Fernández-Villota. (MA-11)
- (19) Ahora... entonces... pero el tratamiento en sí... [que le **hace usted** al paciente]... digamos, el análisis que usted hace tiene en cuenta otros factores, pero el tratamiento en sí... veo por el diván... (BA-12)
- (20) Intoxicada por la infección [que **tenía ella** en su útero]... por las toxinas microbianas que... la estaban perturbando. (BA-12)

Não havendo nenhum elemento após o verbo além do sujeito expreso (V**S**), a posição do sujeito é ambígua, pois o pronome pode estar após o verbo (como V**SX**) ou no fim da oração (como V**XS**). Assim, nesse contexto, foram encontrados casos de preenchimento contrastivo, individualizador, enfático e desambiguador, como se vê, respectivamente, nas frases (21), (22), (23) e (24). O pronome individualizador do exemplo (22), segundo Fernández Soriano (1999), tem uma função “adverbial”: seu preenchimento equivale à presença do adjunto adverbial *sin ayuda* (**sem ajuda**) no fim da oração: *si no elabora sin ayuda*.

- (21) Pues a mí, como **el jefe** no me da vacaciones... este año me las he tenido que tomar yo, y... cerramos quince días la farmacia. (MA-07)
- (22) Bueno, ahora yo trato de mezquinarme un poquito porque me he dado cuenta también que el alumno no aprende si no **elabora** él. (BA-09)
- (23) ¿En qué lugares de Auvèrnia **estuviste** vos? (BA-11)
- (24) No es porque no **supiese** ella, es que no había aparato de rayos X, no había nada en absoluto, o sea, única y exclusivamente ella y una serie de enfermos... (MA-04)

As maiores taxas posposição do sujeito (em todas as posições) ocorre, tanto na fala de Madri como na de Buenos Aires, em orações relativas introduzidas pelo pronome *que*, como nas frases (14), (15), (19) e (20), acima, em que as relativas estão entre colchetes. Nas entrevistas analisadas não ocorreu nenhum caso de sujeito pleno em oração relativa quando o pronome relativo tem função sintática de sujeito, o que é um comportamento esperado, já que a duplicação de pronomes é típica de línguas de sujeito pleno. Isso sugere que o pronome relativo *que*, em espanhol, é naturalmente interpretado como o sujeito da oração relativa quando não há sujeito expresso em outro ponto da oração, e que um pronome sujeito posposto indica que o relativo *que* tem outra função – a não ocorrência de pronomes plenos pospostos com função sintática de sujeito em orações relativas introduzidas por relativos de função fixa (que não podem funcionar como sujeito), como *cuyo*, *donde*, *cuando*, e *en que*, vem a reforçar essa afirmação.

Os dados analisados aqui indicam que um sujeito expresso logo após o verbo tem a função de desambiguar a referência do sujeito, quando a flexão verbal não permite sua identificação. A função de desambiguar a função sintática do relativo **que**, exercida por um pronome pré-verbal no PE (Duarte, 1995), em espanhol também é exercida por um pronome sujeito logo após o verbo. Na posição final da oração, o pronome pode contrastar com um elemento presente no discurso ou na situação de fala, assim como ter valor “adverbial” (a expressão do sujeito equivale à presença do adjunto adverbial *sin ayuda* no fim da oração).

4.2 – ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL

Tendo analisado à parte os casos de posposição e excluído as ocorrências de sujeito com o traço [- animado], passemos à análise de regra variável. A **Tabela 4E** mostra que, nas duas variedades analisadas, o sujeito nulo é preferido em todas as pessoas gramaticais. Em todos os outros grupos de fatores controlados, o sujeito nulo também foi preferido com todos os fatores (o que pode ser verificado nas seções **4.2.1** e **4.2.2**, observando as tabelas que apresentam os resultados da análise de regra variável), resultado que já era esperado, por serem de sujeito nulo as variedades do espanhol em análise. Assim, a análise de pesos relativos deve ser vista como uma análise que aponta os contextos mais fortes na representação do sujeito pronominal nulo.

Tabela 4E – Ocorrências e taxas de sujeito nulo em Madri e Buenos Aires

PESSOA GRAMATICAL	MADRI	BUENOS AIRES
PRIMEIRA DO SINGULAR	336/517 (65%)	330/527 (63%)
PRIMEIRA DO PLURAL	90/101 (89%)	40/65 (62%)
SEGUNDA DIRETA DO SINGULAR	113/144 (78%)	78/100 (78%)
SEGUNDA DIRETA DO PLURAL	6/6 (100%)	–
SEGUNDA INDIRECTA DO SINGULAR	80/116 (69%)	101/168 (60%)
SEGUNDA INDIRECTA DO PLURAL	6/9 (67%)	12/19 (63%)
TERCEIRA DO SINGULAR	213/242 (88%)	208/258 (81%)
TERCEIRA DO PLURAL	99/109 (91%)	65/84 (77%)
TOTAL	943/1244 (76%)	834/1221 (68%)

O resultado categórico para a segunda pessoa direta do plural em Madri, com todas as ocorrências tendo o sujeito nulo, deve-se à pouca quantidade de dados encontrados e não significa que o pronome, eventualmente, não possa aparecer expresso. Para a obtenção de pesos relativos com a ajuda do pacote de programas do *VARBRUL*, que não funciona quando há resultados categóricos, esses seis dados serão excluídos. A exclusão de apenas seis dados de um universo total de 1244 não alterará, de forma estatisticamente relevante, os resultados.

A tabela a seguir apresenta os grupos de fatores selecionados para cada variedade, na ordem de relevância apontada pelo *VARBUL*. O valor de aplicação é o sujeito nulo. A maior quantidade de grupos selecionados como relevantes na análise

da fala de Buenos Aires (nove) pode sugerir uma maior instabilidade na realização da variável nessa variedade da língua em relação à de Madri, cuja análise selecionou apenas seis grupos de fatores.

Tabela 4F – Grupos de fatores selecionados em ordem de relevância

MADRI (input: 0,76)		BUENOS AIRES (input: 0,69)
Pessoa gramatical do sujeito	1º	Condição de referência
Condição de referência	2º	Pessoa gramatical do sujeito
Oração declarativa x interrogativa	3º	Faixa etária do informante
Faixa etária do informante	4º	Elementos entre o SC e o SF
Elementos entre esp. de SF e o verbo	5º	Elementos entre esp. de SF e o verbo
Forma verbal	6º	Função sintática da oração
	7º	Estrutura do sintagma complementador
	8º	Desinência número-pessoal
	9º	Gênero do informante

É comum às duas variedades a alta relevância dos grupos de fatores pessoa gramatical e condição de referência. Ambos foram selecionados em primeiro e segundo lugar nas duas variedades, embora em ordem diferente. Foram ainda selecionados em ambas as rodadas a presença ou ausência de elementos entre o especificador do sintagma flexional e o verbo, além de um grupo de fatores social: a faixa etária do informante.

A **Tabela 4G**, a seguir, mostra os percentuais gerais de sujeitos nulos em Madri e Buenos Aires. Percebe-se que a exclusão das seis ocorrências de segunda pessoa direta do plural dos dados de Madri não alterou a taxa de apagamento. Nos itens seguintes são mostradas, em separado, as análises de regra variável para Madri e para Buenos Aires, com base nos grupos de fatores selecionados²⁶, que estão ordenados do mais relevante para o menos relevante.

Tabela 4G – Sujeito pronominal nulo em Madri e Buenos Aires

SUJEITO PRONOMINAL NULO	OCORRÊNCIAS	%	TOTAL
MADRI	937 dados	76%	1238 dados
BUENOS AIRES	834 dados	68%	1221 dados

²⁶ Resultados percentuais para grupos de fatores não selecionados encontram-se no **ANEXO II**.

4.2.1 – O sujeito nulo em Madri

4.2.1.1 – A pessoa gramatical

A pessoa gramatical foi, na amostra da fala de Madri, o grupo de fatores selecionado como mais relevante. Num ponto extremo de favorecimento do sujeito nulo se encontram a primeira pessoa do plural e a terceira pessoa do singular e do plural, com pesos relativos que variam entre 0,76 e 0,71, como se vê na **Tabela 4H**. No outro extremo, desfavorecendo o sujeito nulo, está a segunda pessoa indireta, com pesos relativos de 0,23, para o singular, e 0,29, para o plural. A primeira pessoa do singular e a segunda direta do singular têm pesos relativos que se situam numa posição intermediária nessa escala.

Tabela 4H – Sujeito nulo de acordo com a pessoa gramatical em Madri

PESSOA GRAMATICAL	OCORRÊNCIAS/TOTAL	%	PR
PRIMEIRA DO SINGULAR	336/517	65%	0,38
PRIMEIRA DO PLURAL	90/101	89%	0,75
SEGUNDA DIRETA DO SINGULAR	113/144	78%	0,41
SEGUNDA INDIRETA DO SINGULAR	80/116	69%	0,23
SEGUNDA INDIRETA DO PLURAL	6/9	67%	0,19
TERCEIRA DO SINGULAR	213/242	88%	0,71
TERCEIRA DO PLURAL	99/109	91%	0,76
TOTAL	937/1238	76%	

Os resultados estão de acordo com Fernández Soriano (1999). A autora afirma que o pronome *usted* favorece o preenchimento pela necessidade de o falante reforçar a atitude de respeito (o que indica que, diferentemente do pronome **você** no PB, no espanhol peninsular *usted* não perdeu o caráter de pronome de tratamento). Segue um exemplo do pronome *usted* pleno:

(25) Si usted quiere preguntar, procuraré contestarle. (MA-11)

Assim como nas análises do português brasileiro culto e popular, a análise de regra variável da fala culta do espanhol peninsular não relevou influência do tipo de desinência utilizado na escolha entre o apagamento e o preenchimento do sujeito

pronominal (no PB, a desinência não influencia porque a mudança em direção ao preenchimento já está avançada, não sendo nem formal nem funcionalmente rico o paradigma flexional dessa variedade; no espanhol, a desinência não atua por ter essa língua um paradigma flexional formalmente rico). Para observar a relação entre desinência e pessoa gramatical, foi feito um cruzamento entre esses dois grupos de fatores, que pode ser visto na **Tabela 4I**. Os resultados permitem analisar a influência da ambigüidade flexional na escolha entre o sujeito nulo e o pleno.

Tabela 4I – Sujeito nulo: pessoa gramatical x desinência (em Madri)

NULO	EXCLUSIVAS	DUAS	<Ø>	TOTAL
1ª SING	298/452 (66%)	–	38/65 (58%)	336/517 (65%)
1ª PL	90/101 (89%)	–	–	90/101 (89%)
2ª DIR S	113/144 (78%)	–	–	113/144 (78%)
2ª IND S	–	10/15 (67%)	70/101 (69%)	80/116 (69%)
2ª IND PL	–	6/9 (67%)	–	6/9 (67%)
3ª S	–	35/38 (92%)	178/204 (87%)	213/242 (88%)
3ª PL	–	99/109 (91%)	–	99/109 (91%)
TOTAL	501/697 (72%)	153/171 (89%)	286/370 (77%)	940/1238 (76%)

A taxa geral de apagamento com as desinências exclusivas, de 72%, é a menor, o que demonstra não haver relação estrita entre desinência mais distintiva e sujeito nulo. Esse é um comportamento de língua de sujeito nulo. Em línguas de sujeito nulo, a expressão do pronome está ligada a fatores funcionais e pragmáticos.

Comparando as pessoas gramaticais que se associam, ao longo do *corpus*, a mais de um tipo de desinência, conclui-se que, de fato, o tipo de desinência não influi na escolha. Na primeira pessoa do singular, o percentual de apagamento com a desinência exclusiva é próximo ao percentual de apagamento com o morfema ambíguo <Ø>. Com a segunda indireta a terceira do singular acontece o mesmo: os percentuais de sujeito nulo associados às desinências que se utilizam para duas pessoas gramaticais são semelhantes aos associados ao morfema <Ø>, que se utiliza para referência a três pessoas gramaticais diferentes.

A primeira pessoa do plural (*nosotros*) só teve ocorrências associadas à desinência exclusiva <-mos>, diferentemente do português, língua em que essa pessoa gramatical também aparece associada ao morfema <Ø>. A terceira pessoa

do plural (*ellos/ellas*) só aparece associada à desinência produtiva para duas pessoas, assim como a segunda pessoa indireta do plural (*ustedes*). Sendo assim, não há, como ocorre em algumas variedades do PB, a primeira, a segunda e a terceira pessoa do plural sem marca número-pessoal distintiva, o que mostra que a variedade peninsular do espanhol não ultrapassa o limite de dois sincretismos estabelecido por Duarte (1995) com base em Roberts (1993), mantendo a riqueza funcional do sistema, capaz de licenciar e identificar o sujeito nulo, confirmando a hipótese, apresentada pela autora, de que a existência de até dois sincretismos associados a formas extras (no caso, às pessoas indiretas) não compromete a riqueza funcional do paradigma.

4.2.1.2 – As condições de referência

Os resultados para este grupo de fatores confirmam o que afirma Calabrese (1986): um antecedente em outra função sintática ou a presença de oração interveniente entre o sujeito em análise e o seu antecedente dificultam a identificação do sujeito nulo e favorecem o preenchimento do sujeito. Conforme os padrões apresentados na seção 3.3.2.11, como mostra a **Tabela 4J**, a seleção deste grupo de fatores confirma sua relevância: os padrões A e B favorecem o sujeito nulo e os padrões D e E desfavorecem-no. Essa situação é exatamente a descrita por Barbosa, Duarte & Kato (2005), que propuseram os primeiros quatro padrões, e reforça a afirmação de Paredes Silva (1988 e 2003), de que a necessidade de expressão fonética do sujeito pronominal é inversamente proporcional à predizibilidade da informação.

Tabela 4J – Sujeito nulo segundo o padrão sentencial em Madri

PADRÃO SENTENCIAL	OCORRÊNCIAS/TOTAL	%	PR
PADRÃO A	142/162	88%	0,71
PADRÃO B	290/342	85%	0,63
PADRÃO C	94/119	79%	0,51
PADRÃO D	321/464	69%	0,39
PADRÃO E	90/151	60%	0,30
TOTAL	937/1238	76%	

O padrões sentenciais A e B, que têm como antecedente um elemento com a mesma função sintática (referente esperado), favorecem o apagamento do sujeito pronominal, como mostram, (26) e (27), respectivamente, com pesos de 0,71 e 0,63. O padrão sentencial C, exemplificado em (28), apresentou um peso intermediário na escala obtida. Os padrões que prevêem uma ou mais orações intervenientes entre o sujeito em análise e o seu antecedente (D e E) tiveram os pesos mais baixos para o sujeito nulo (0,39 e 0,30), desfavorecendo-o, como mostram, respectivamente, (29b) e (30b).

- (26) Luego tenemos el oficial chusquero, que este_i siente de verdad el... el ejército, [puesto que _____i **es** capaz de estar aguantando una cantidad de años terrible para llegar a ser algo en la vida]. (MA-01)
- (27) Eso actualmente no lo puedo, _____i no lo puedo señalar. _____i **Creo** que depende de muchísimos factores. (MA-01)
- (28) a. A mí me_i tiemblan las piernas cada vez que _____i **veo** sangre. (MA-04)
b. Pues la última carta... bueno, a pedirme cosas, como siempre; "abuelo, que aquel cuaderno que me traje con doble espiral que se me está acabando, que si me has hecho el paquetito, ahora que nos mando... que le mando siempre un paquetito", pues, "méteme el cuaderno, ese, precisamente que es el... el Pegaso quinientos dos, de doble espiral", me da hasta el nombre y todo, claro, me acuerdo perfectamente, porque esos días que estuvo aquí mi nieto, pues, para mí_i fueron los días más alegres, porque yo_i **salía** con él todos los días; íbamos comprando cosas y pasando... y además me recuerda y dice: "Y abuelo, aquí en casa hay una discusión, no hay discusión, sino que hay apuestas y me acuerdo del póquer que jugábamos tú y yo en la mesa; así, que estamos apostando a ver si es niño o niña [Risas], te doy a elegir a... ¿tú por quién votas? y nos jugamos para el próximo año del setenta y nueve unas raciones de mejillones en La Oficina, al lado de donde para el microbús dos, que tan gratos recuerdos tuve cuando llegué ahí, que me convidaste ahí en la calle del Carmen"; digo: "Pues, nada no, cuenta... cuenta con otro establecimiento mejor que han abierto aquí en la calle Alcalá, La Unión Mejillonera que está ahí enfrente El Corte Inglés". (MA-12)
- (29) a. Pues sí, que _____i estudio tercero actualmente de ingeniero técnico de Obras Públicas, *como se ha venido llamando, pero que actualmente no sabemos*

cómo... cómo lo llamamos. _____i **Termino** este año, si es que se aclara esta situación, ya que actualmente estamos en huelga pendientes de unas reuniones de todos los colegios de las... escuelas técnicas y de arquitectos técnicos. (MA-01)

b. No; _____i creo que termina un porcentaje bastante pequeño. *Ese es otro gran problema, ¿no? De que dicen que son tres años y... no son tres años, son seis, siete o más.* Concretamente, cuando yo_i **fui** a la escuela pues éramos me parece que... alrededor de los mil quinientos o algo más, sin contar los libres. (MA-01)

(30) a. No he leído apenas elementos de... novelistas contemporáneos españoles ni extranjeros; a mí_i, las únicas aficiones de lectura fuera de la medicina, es la historia, la filosofía de la historia, la historia comparada y todo *lo que toque al tema de la biología y especialmente de la antropología.* _____i **Carezco** de elementos de juicio casi igual que en el arte. (MA-06)

b. Hay que tratarles_i un poco más y *ver por qué es eso, ¿no? Además, creo que ellos*_i **son** capaces de rebatir cualquier, cualquier intento de agresión sobre esto, ¿no?, que se les meta con el pelo, con el vestido, pues ellos siempre encuentran una salida favorable para... para ello. (MA-01)

Em (26), o sujeito nulo em análise tem como antecedente o pronome *este*, que tem a mesma função sintática (a de sujeito) na oração principal. Em (27), o sujeito nulo da oração com o verbo em negrito tem, como antecedente, o sujeito nulo assinalado na oração anterior, que faz parte do período anterior. Em (29b) e (30b), os antecedentes estão separados dos sujeitos plenos correferentes em análise *yo* e *ellos* pelas orações intervenientes em itálico: o antecedente em (29b) é o sujeito nulo co-indexado; em (30b), o antecedente correferente é o clítico *-les*, que tem função diferente de sujeito (sua função sintática é de complemento).

Os padrões sentenciais A e B, embora tenham as maiores taxas de sujeitos nulos, apresentam casos de sujeitos plenos (12% para o padrão A e 15% para o padrão B). A ocorrência de sujeito pleno correferente ao sujeito da oração imediatamente anterior não é esperada numa língua de sujeito nulo – Fernández Soriano (1999: 1227) afirma, inclusive, que o sujeito nulo é obrigatório nesse contexto, dando o exemplo agramatical apresentado no capítulo anterior desta Dissertação como (39) e aqui renumerado como (31). Nessa frase, tem-se três sujeitos pronominais

plenos correferentes sublinhados, todos eles retomando *Juan* (o primeiro pronome é um exemplo do padrão B; o terceiro, do padrão A) – a expressão desses pronomes seria impossível em espanhol, segundo a autora.

(31) *Juan_i es mi vecino de al lado. Él_i es estudiante de matemáticas, pero él_i se interesa también mucho por la filosofía [porque él_i tiene una nueva filosofía].

Uma observação mais atenta das ocorrências de sujeito pleno nos dois primeiros padrões sentenciais revela, porém, que há uma motivação funcional para o preenchimento de cada pronome. Em apenas um dos casos encontrados, o do exemplo (32), o pronome pleno pode ser considerado neutral; as outras ocorrências de sujeitos plenos nos padrões sentenciais A e B são contrastivas, individualizadoras ou desambiguadoras, como mostram os exemplos (33) a (35). Além do mais, como mostram os exemplos, quase todos os casos de preenchimento nos padrões A e B são do pronome *yo*, de primeira pessoa, o que pode estar relacionado à tendência à expressão do sujeito de primeira pessoa, que se manifesta também em línguas de sujeito nulo (Duranti & Ochs, 1979).

(32) Total, que yo escribí a los padres de mi, entonces mi novia, que hoy es mi mujer, que... quería casarme; escribí a la familia mía, a un tío carnal, hermano de mi madre, también le escribí; me puso ciertos reparos, porque era muy joven; pero en fin, yo_i creí... me creía ya [que yo_i **había** ganado ya el cielo [Risas] estándome yo ya allí en África], entonces, y teníamos la... además del sueldo, teníamos una bonificación del cincuenta por ciento del sueldo por... por permanecer allí en África; total, que el veintidós de mayo de mil novecientos veintidós, celebramos la boda con mi mujer, en la iglesia de San Sebastián. (MA-12)

(33) No solamente en pueblos, sino en tientes, en distintas ganaderías; en fin, ∅ decían que _____i tenía estilo, pero que _____i tenía un poco de miedo. Yo_i no sé lo que sería, en realidad. (MA-01)

(34) _____i Me declaro totalmente nulo sobre las artes. Yo_i **tengo** una teoría y es que el *logos* y el *pathos*, la inteligencia y el sentimiento se contraponen. (MA-06)

(35) Yo me lo creí un poco; han pasado los años y la verdad es que _____i sigo recordando aquel bicho, aquel animal, aquella rapaz, como una de las piezas [que_j yo_i le_j he dado un poquín de vida]. (MA-11)

No exemplo (33), o pronome *Yo* é correferente do sujeito nulo da oração anterior e seu preenchimento pode ser explicado pelo contraste em relação ao sujeito nulo de terceira pessoa do verbo *decían*, que pode ser interpretado como **eles diziam que eu tinha estilo, mas eu não sei o que seria** (os sujeitos nulos correferentes a *yo* assinalados estão em orações encaixadas não contrastam com o sujeito da principal; o contraste se dá entre o sujeito nulo identificado pelo símbolo \emptyset e o sujeito *yo*, que pertencem a orações que estão no mesmo nível hierárquico). O preenchimento de *yo*, correferente do sujeito nulo co-indexado em (34), pode ser explicado pela ênfase, que marca a individualização do sujeito: **eu (e não você/ele) tenho uma teoria**. Em (35), o preenchimento do pronome *yo*, correferente do sujeito nulo da oração principal, ocorre numa relativa, servindo para eliminar a ambigüidade da função sintática do pronome relativo *que*, que, na relativa copiadora entre colchetes, não é sujeito, mas objeto indireto.

4.2.1.3 – A oração: declarativa x interrogativa

A análise de Duarte (1995) para o português europeu revelou as orações interrogativas como favorecedoras do sujeito nulo. No espanhol de Madri, apenas as orações interrogativas parciais favorecem o apagamento, como mostra (36), tendo um peso relativo de 0,95. Esse peso é bastante expressivo visto em relação aos encontrados para as interrogativas globais (0,49) e as assertivas (0,43), que desfavorecem o preenchimento do sujeito pronominal, como se vê na **Tabela 4L**.

(36) ¿Qué ____ piensas de los toros y el turismo? (MA-01)

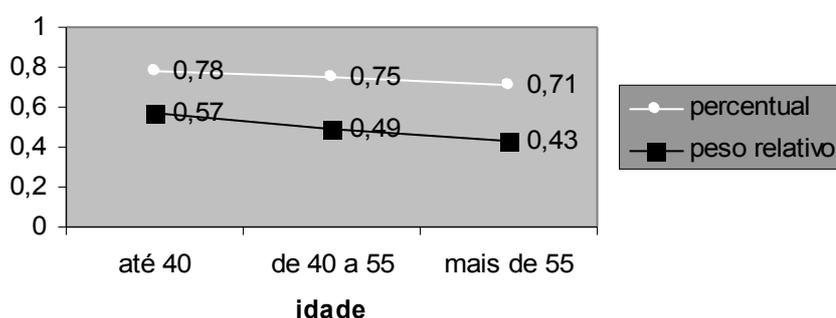
Tabela 4L – Sujeito nulo: oração declarativa x interrogativa (em Madri)

ORAÇÃO	OCORRÊNCIAS/TOTAL	%	PR
INTERROGATIVA PARCIAL	93/95	98%	0,95
INTERROGATIVA GLOBAL	89/124	72%	0,49
DECLARATIVA	755/1019	74%	0,43
TOTAL	937/1238	76%	

4.2.1.4 – A faixa etária do informante

A faixa etária dos mais jovens, que reúne os falantes que têm de 25 a 40 anos, favorece o sujeito nulo e a faixa dos mais velhos, com mais de 55 anos, desfavorece o sujeito nulo, favorecendo o pleno, de acordo com o **Gráfico 4A**, enquanto a faixa central apresenta um peso relativo intermediário. A pequena diferença entre os percentuais e entre os pesos relativos sugere estabilidade na representação do sujeito pronominal. Por serem quase horizontais as linhas do gráfico, que não apresenta a curva do **Gráfico 3B** – adaptado de Naro (1996) e apresentado na seção **3.3.2.14** (no capítulo anterior) –, e por não ter sido selecionado o gênero do informante (o outro grupo de fatores social controlado), não se nota qualquer tipo de sinal de mudança em tempo aparente nem um comportamento diferenciado da faixa etária central.

Gráfico 4A – Sujeito nulo segundo a faixa etária do informante em Madri



4.2.1.5 – Os elementos entre o especificador de SF e o verbo

O efeito prosódico de um elemento entre o especificador do sintagma flexional e o verbo (Duarte, 1995), apresentado como uma restrição fonológica em Kato & Duarte (2005), foi confirmado pelos resultados da **Tabela 4M**. A presença de um advérbio aspectual, de um elemento negativo ou de um clítico, exemplificada, respectivamente, em (37), (38) e (39), favorece o sujeito nulo. A ausência de um elemento na posição desfavorece o nulo, como em (40).

Tabela 4M – Elementos entre o especificador de SF e o verbo (em Madri)

ELEMENTO NA POSIÇÃO	OCORRÊNCIAS/TOTAL	%	PR
ADVÉRBIO ASPECTUAL	37/48	77%	0,64
NEGAÇÃO	114/148	77%	0,60
CLÍTICO	170/211	81%	0,58
NENHUM ELEMENTO	616/831	74%	0,45
TOTAL	937/1238	76%	

- (37) ¡Ay!, esto ____ **ya** lo encuentro, lo encuentro regular. (MA-09)
- (38) Eso actualmente ____ **no** lo puedo, no lo puedo señalar. (MA-01)
- (39) ¿____ **Me** puedes hablar de lo que piensas hacer en el futuro con tu carrera?
(MA-01)
- (40) Concretamente, cuando yo fui a la escuela pues éramos me parece que...
alrededor de los mil quinientos o algo más, sin contar los libres. (MA-01)

Foram encontrados poucos casos como o do exemplo (40), de sujeito pleno numa oração subordinada com um elemento expresso na posição do sintagma complementador e sem nenhum elemento entre o sujeito e o verbo. Na maioria das ocorrências de preenchimento do sujeito sem elementos entre o SF e o verbo, o pronome pleno aparece em posição inicial. É o que mostram os exemplos abaixo:

- (41) Yo creo que... un porcentaje muy grande de esa gente viven aun más miserablemente aunque tengan una apariencia de... de vivir mejor que en el pueblo. (MA-02)
- (42) ¿Tú crees que hay hoy día buenos toreros en España? (MA-01)

4.2.1.6 – A forma verbal

A hipótese de que as formas complexas favoreceriam o sujeito nulo no português brasileiro não foi confirmada por Duarte (1995). Na fala culta do espanhol de Madri, porém, como mostra **Tabela 4N**, as locuções verbais favorecem o sujeito nulo, como exemplificado em (43), e as formas simples desfavorecem o sujeito nulo, o que pode ser visto no exemplo (44). A seleção deste grupo de fatores está

relacionada à do anterior: a presença do verbo auxiliar atuaria da mesma forma que a presença de elementos leves, favorecendo o sujeito nulo.

Tabela 4N – Sujeito nulo de acordo com a forma verbal em Madri

FORMA VERBAL	OCORRÊNCIAS/TOTAL	%	PR
COMPLEXA	223/281	79%	0,57
SIMPLES	714/957	75%	0,48
TOTAL	937/1238	76%	

- (43) Siempre, siempre he partido de un eje, de un eje, de un centro; he salido por distintos radios, y al final, cuando ____ **he ido** a dar la vuelta, pues ha sido para volver al mismo eje. (MA-11)
- (44) Y, posiblemente, esas formas que ellos **adoptan**, no son reveladoras de un fondo muy positivo. (MA-02)

4.2.1.7 – Comentários

A não seleção do grupo de fatores desinência número-pessoal revela que a pessoa gramatical tem uma atuação muito mais forte na escolha entre o apagamento e o preenchimento do sujeito do que o morfema usado, o tipo de desinência (exclusiva ou não exclusiva) ou, até mesmo, a saliência fônica. A escolha entre o sujeito nulo e o sujeito pleno é muito mais influenciada pelo padrão sentencial (aqui chamado de condições de referência, conforme o item **4.2.1.2**), relacionado à previsibilidade do referente (Paredes Silva, 2003), e pela pessoa gramatical (conforme **4.2.1.1**) do que por fatores como a ambigüidade. Isso indica que, realmente, a função de desambiguar a referência do sujeito é exercida por um pronome pós-verbal, como descrito em **4.1.2**, e não por um pronome pré-verbal.

Elementos entre o sujeito e o verbo têm um efeito prosódico que acaba favorecendo o sujeito pronominal nulo, conforme Duarte (1995). As locuções verbais, diferentemente dos resultados que Duarte (1995) encontrou para o PB, favorecem o sujeito nulo no espanhol culto de Madri. Por fim, os resultados para a variável faixa etária, a não seleção do gênero do informante, a seleção de apenas seis grupos de fatores e a preferência pelo sujeito nulo em todos os fatores de todos

os grupos revela estabilidade: não parece haver mudança em curso na fala do espanhol de Madri no que se refere à representação do sujeito pronominal.

4.2.2 – O sujeito nulo em Buenos Aires

4.2.2.1 – As condições de referência

Assim como na análise dos dados da fala de Madri, a **Tabela 40**, para Buenos Aires, está de acordo com o que apresentam os trabalhos realizados sobre línguas de sujeito nulo: Calabrese (1986); Barbosa, Duarte & Kato (2005) e Paredes Silva (1988 e 2003). Mais uma vez, vê-se que os dois primeiros padrões sentenciais favorecem o sujeito nulo, com pesos relativos de 0,67 e 0,65, e que os dois últimos desfavorecem o sujeito nulo, com pesos relativos de 0,35 e 0,32. O padrão sentencial C teve um peso relativo intermediário nessa escala: de 0,50.

Tabela 40 – Sujeito nulo segundo o padrão sentencial em Buenos Aires

PADRÃO SENTENCIAL	OCORRÊNCIAS/TOTAL	%	PR
PADRÃO A	153/186	82%	0,67
PADRÃO B	298/373	80%	0,65
PADRÃO C	80/114	70%	0,50
PADRÃO D	242/437	55%	0,35
PADRÃO E	61/111	55%	0,32
TOTAL	834/1221	68%	

Na frase em (45), o sujeito da oração em análise tem, como correferente, o sujeito nulo da oração principal, situação que favorece o apagamento. O exemplo (46) também mostra um contexto favorecedor do sujeito nulo: o antecedente do sujeito da oração com o verbo em negrito está na oração imediatamente anterior, com a mesma função sintática (sujeito). O padrão C está exemplificado em (47).

(45) ...no puedo... _____i no puedo juzgarla [porque en realidad _____i no... no **conozco**], ¿no? (BA-01)

(46) Ahora, en este momento, la verdad es que... utilidad de... así como para la facultad _____i no... no le veo en forma inmediata. No, _____i **tendría** que seguir con la facultad, pero tengo ganas de descansar un poquito ahora. (BA-01)

- (47) a. Todos los días, qué sé yo; en este momento me, encuentra en un momento que ____; **estoy** excesivamente, usando un término porteño... deportivo... filtrado. (BA-02)
- b. Bueno, vos preguntáme algo, dame, lugar para que yo **cuente** algo. (BA-09)

Nos trechos (48) e (49), há oração(ões) interveniente(s), em itálico, entre o sujeito pleno em análise e o seu antecedente. No trecho em (48b), o antecedente de *yo*, sujeito do verbo em negrito, é o sujeito nulo do verbo (*no*) *creo*, que está na primeira oração do fragmento. Em (49b), o antecedente de *nosotros* (sujeito de *estamos*) é o pronome sublinhado *nosotros*, que funciona como complemento do verbo *sirve* (a função sintática do antecedente não é sujeito, sendo, portanto, diferente da função sintática do pronome em análise).

- (48) a. Es muy difícil de definir un porteño; y yo pienso *que es la dificultad máxima que puede existir; es el drama de nuestra literatura y el drama de toda nuestra sociología, definir un porteño. Porque siendo una ciudad de aluvión... esté... donde en el alto porcentaje somos en segunda, en primera o en tercera generación, hijos de gringos, se ha dado algo que es el porteño. Ahora cómo se puede definir el porteño. No ____; **encuentro** palabras para definir el porteño.* (BA-02)
- b. Por otra parte, este Madrid de hoy... ____; no creo *que haya ofrecido a todas esas gentes lo que verdaderamente esperaban de él. En este Madrid de hoy, existe muchísima miseria. Yo, **creo** que... un porcentaje muy grande de esa gente viven aun más miserablemente aunque tengan una apariencia de... de vivir mejor que en el pueblo.* (BA-04)
- (49) a. Porque fijáte que vos estabas rompiendo una estructura, y es muy difícil destruirla. Como me pasa a mí, cuando me... me, dicen que... que el río corre cristalino y *verdeante son circunstanciales de modo; lo dicen después que lo han aprendido el predicativo, enloquecidas, y lo saben, y eso que sel... si lo saben mal de la primaria para enseñar es más... es más difícil de... de quebrar eso. ____; **Preferiría** que vinieran las mentes blancas, sin ninguna idea, digo yo, que llegaran vírgenes.* (BA-09)
- b. Pero es como materia optativa, pero que a nosotros, nos sirve mucho *porque es la práctica real de la profesión en un centro de cómputos. Nosotros,*

estamos como un empleado cualquiera que trabaja ocho horas... cuatro horas por día, ¿no? (BA-04)

Foram encontrados cerca de 20% de ocorrências de sujeitos plenos nos padrões A e B. Assim como nos exemplos (33) a (35), de Madri, mostrados na seção **4.2.1.2**, há motivação funcional para o preenchimento de alguns sujeitos, nos dois primeiros padrões, em Buenos Aires. Foi encontrado um caso de preenchimento marcando contraste – o pronome *ella*, em (50), que retoma o nome *Valeria* e contrasta com *Sonia* –, um pleno denotando individualização do sujeito, em (51), dois pronomes plenos desambiguando a função do *que*, como o do exemplo (52), em que o relativo é objeto direto, e um pronome em sua função adverbial, em (53):

- (50) Valeria_i insistía en que ella_i **dominaba** perfectamente y *Sonia* modestamente decía que... bueno, que... iba a hacer unos cuantos papelones porque ella hacía tantos años que no hacía esquí. (BA-03)
- (51) Yo_i creo que sí. Yo_i **creo** que no tenemos las técnicas, no tenemos el dinero, no tenemos quizás muchas veces el... la... la... pero el espíritu nuestro es muy generoso. (BA-13) [**eu (e não você/ele/ela/Maria) acho...**]
- (52) Claro, todo eso se terminó un poquito, y _____i me vi con un ingreso bastante superior al [*que* normalmente yo_i **tenía**], ¿no? (BA-01)
- (53) Ellas_i van a aprender más [si ellas_i **buscan**]. (BA-09) [**si buscan sin ayuda**]

Fora esses casos, todas as outras ocorrências de sujeito pronominal pleno nos padrões A e B são neutrais. Isso pode ser observado nos exemplos abaixo, em que os sujeitos *yo* sublinhados – dois no trecho (54), o primeiro exemplificando o padrão B e o segundo exemplificando o A; um no trecho (55), exemplificando o padrão B – têm seu antecedente na oração anterior e com a mesma função sintática, de sujeito. O preenchimento desses pronomes não é motivado por ênfase, contraste, individualização ou ambigüidade.

- (54) Claro, cuando _____i volví a retomar. Yo_i **volví** a retomar la... la facultad [porque yo_i **empecé** cu... hice curso de ingreso y rendí dos materias y dejé]. (BA-04)
- (55) Sí, y después _____i me especialicé en cartografía. Yo_i **trabajé** mucho tiempo de... de cartógrafa. (BA-10)

A maioria dos casos de preenchimento de pronome neutral nos padrões sentenciais A e B se dá com o pronome *yo*, que é de primeira pessoa. Apenas uma das ocorrências encontradas nesse padrão tem um pronome pleno de terceira pessoa. É o exemplo abaixo, com o pronome pleno *ella*, no padrão B:

(56) Es una chica joven y muy mona, tiene una vida social grande también, pero ha podido organizarse de tal manera que se le puede decir que la obra le debe enormemente en la tarea que _____, está desempeñando. Ella, **ha integrado** su secretaría con cuatro responsables, que tienen diferentes turnos de mañana, para acompañarla en... en los trámites que hay que hacer y en las notas y en la correspondencia y demás. (BA-13)

Nota-se, nos dados de preenchimento do sujeito pronominal nos padrões A e B em Buenos Aires, um comportamento diferente em relação à variedade de Madri. Enquanto nas entrevistas de Madri só foi encontrado um pronome neutral pleno nos dois primeiros padrões, sendo todos os outros casos de preenchimento motivados funcionalmente, nas de Buenos Aires só foram encontrados cinco preenchimentos motivados, sendo todos os outros neutrais (tal uso, porém, parece muito ligado à primeira pessoa, sendo sua ocorrência pouco expressiva). Dessa forma, não se pode contestar a afirmação de Fernández Soriano (1999), segundo a qual o preenchimento desses pronomes é agramatical.

4.2.2.2 – A pessoa gramatical

A terceira pessoa, com peso relativo de 0,69 para o singular e 0,63 para o plural, favorece o sujeito nulo, como se vê na frase em (57). Diferentemente dos resultados encontrados na análise de Madri, a **Tabela 4P** mostra que, em Buenos Aires, não há diferença relevante entre os pesos da primeira pessoa do singular (0,46) e do plural (0,40), que são próximos ao encontrado para a segunda direta do singular (0,44). Desfavorecendo o sujeito nulo, como no exemplo em (58), com 0,35 e 0,26, e, portanto, favorecendo o sujeito pleno, está a segunda indireta, resultado que é semelhante ao encontrado para Madri.

Tabela 4P – Sujeito nulo segundo a pessoa gramatical em Buenos Aires

PESSOA GRAMATICAL	OCORRÊNCIAS/TOTAL	%	PR
PRIMEIRA DO SINGULAR	330/527	63%	0,46
PRIMEIRA DO PLURAL	40/65	62%	0,40
SEGUNDA DIRETA DO SINGULAR	78/100	78%	0,44
SEGUNDA INDIRETA DO SINGULAR	101/168	60%	0,35
SEGUNDA INDIRETA DO PLURAL	12/19	63%	0,26
TERCEIRA DO SINGULAR	208/258	81%	0,69
TERCEIRA DO PLURAL	65/84	77%	0,63
TOTAL	834/1221	68%	

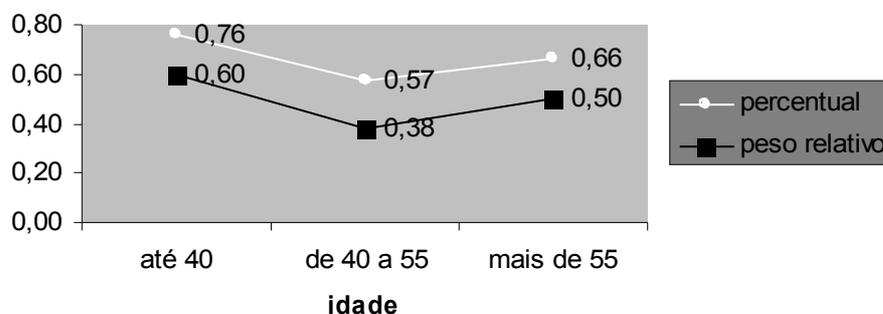
(57) ____ Estarán... muy inferiormente remunerados quizá. (BA-02)

(58) ¿Usted trabajabaØ en esa época? (BA-04)

4.2.2.3 – A faixa etária do informante

Os resultados mostram a faixa etária dos mais jovens favorecendo o uso do sujeito nulo (peso: 0,60), seguida da fala dos mais velhos (0,50), enquanto a faixa etária central desfavorece o nulo, com 0,38. O gráfico de linhas **4B** mostra que se trata de uma curva de variação estável, semelhante à apresentada no **Gráfico 3B**, adaptado de Naro (1996) e apresentado na seção **3.3.2.14**: a faixa intermediária preenche mais do que as extremas. Segundo Naro (1996), essa curva indica que os falantes alteram a maneira de falar ao longo da vida, o que exclui a possibilidade de mudança em curso na variedade de Buenos Aires.

Gráfico 4B – Sujeito nulo de acordo com a faixa etária em Buenos Aires



Embora a curva do **Gráfico 4B** seja semelhante, no formato, à do **Gráfico 3B**, adaptado de Naro (1996) e apresentado no capítulo anterior, não se pode dizer que

o sujeito nulo seja uma escolha desprestigiada, embora tenha sido usado com mais frequência na faixa etária central. Naro (1996) afirma que a menor frequência de uso de uma variante na faixa etária intermediária indica que essa variante é desprestigiada, já que os falantes tendem a evitar usos estigmatizados na época em que concorrem para o mercado de trabalho. No entanto, a faixa etária intermediária, aqui, não se refere à época da disputa por emprego: os falantes da faixa central são mais velhos, com idade entre 40 e 55 anos, e essa diferença metodológica de estratificação não permite a comparação destes resultados com os de Naro (1996).

4.2.2.4 – Os elementos entre o sintagma complementador e o flexional

No PB, um elemento adjunto ao sintagma flexional, localizado após o SC, favorece o sujeito pronominal pleno. Os resultados da **Tabela 4Q** mostram que, na fala de Buenos Aires, ocorre o contrário. A presença de um complemento topicalizado, como em (59), ou de um outro adjunto nessa posição, como em (60), favorece o apagamento do sujeito, enquanto a ausência de qualquer elemento nessa posição desfavorece o uso do sujeito pronominal nulo, como mostra (61).

Tabela 4Q – Sujeito nulo segundo a adjunção a SF em Buenos Aires

ELEMENTO NA POSIÇÃO	OCORRÊNCIAS/TOTAL	%	PR
COMPLEMENTO TOPICALIZADO	36/46	78%	0,65
OUTRO ADJUNTO A SF	132/172	77%	0,65
NENHUM ELEMENTO	666/1003	66%	0,47
TOTAL	834/1221	68%	

(59) Sí, **algo** ____ he visto. (BA-01)

(60) **Ahora** ____ tenés un coche muy lindo. (BA-09)

(61) Ø Yo tengo referencias de una profesora que fue a enseñar creo que a la Universidad Z., fue a enseñar latín, me parece, o no recuerdo qué, y me dijo que realmente era impresionante lo bajo del nivel del alumnado. (BA-01)

4.2.2.5 – Os elementos entre o especificador de SF e o verbo

De todos os elementos que podem figurar entre o sujeito e o verbo, parece que só os negativos têm o efeito prosódico proposto por Duarte (1995), que favorece o sujeito nulo. A presença de uma negação nessa posição apresenta um peso relativo de 0,66, conforme a **Tabela 4R**, favorecendo o pronome nulo, como mostra a frase (62). A presença de um clítico ou um advérbio aspectual e a ausência de elementos, embora com diferença pouco expressiva em relação à negação, desfavorecem o sujeito nulo e favorecem o pleno – como mostram, respectivamente, os exemplos (63), (64) e (65) –, destacando-se a presença de um advérbio e a ausência de elementos, com pesos relativos de 0,49 e 0,47.

Tabela 4R – Elementos entre especificador de SF e verbo (Buenos Aires)

ELEMENTO NA POSIÇÃO	OCORRÊNCIAS/TOTAL	%	PR
NEGAÇÃO	111/141	79%	0,66
CLÍTICO	168/239	70%	0,52
ADVÉRPIO ASPECTUAL	26/39	67%	0,49
NENHUM ELEMENTO	529/802	66%	0,47
TOTAL	834/1221	68%	

- (62) El problema es de cuánto lo remuneran; es decir, ust... la administración pública evidentemente absorbe los economistas. Decir que ____i **no** tienen porvenir porque ____i **no** ganan lo que tienen que ganar en Francia es otro aspecto, pero la posibilidad de trabajar en eso la tienen. (BA-02)
- (63) Yo **me** he preguntado a veces por qué. (BA-07)
- (64) Vos **también** tenés tus intereses cuando vas a buscar una chica. (BA-01)
- (65) Yo tengo referencias de una profesora que fue a enseñar creo que a la Universidad Z., fue a enseñar latín, me parece, o no recuerdo qué, y me dijo que realmente era impresionante lo bajo del nivel del alumnado. (BA-01)

4.2.2.6 – A função sintática da oração

As orações relativas desfavorecem fortemente o sujeito pronominal nulo, apresentando um peso relativo de 0,15, que é baixíssimo em comparação com os

pesos relativos encontrados para os outros fatores, conforme a **Tabela 4S**, o que está relacionado ao fato, já detectado por Duarte (1995) em sua análise sobre o português europeu, de que o pronome expresso serve para desambiguar a função sintática do pronome relativo *que*, que, no exemplo (66), não é sujeito, mas objeto direto. As orações não subordinadas e as subordinadas que não são relativas favorecem o apagamento. Merece destaque o peso relativo encontrado para as completivas, de 0,69: é o mais alto, sendo esse o tipo de oração que mais favorece o sujeito pronominal nulo, como mostra o exemplo (67).

Tabela 4S – Sujeito nulo x função sintática da oração (em Buenos Aires)

FUNÇÃO SINTÁTICA DA ORAÇÃO	OCORRÊNCIAS/TOTAL	%	PR
SUBORDINADA COMPLETIVA	82/104	79%	0,69
ORAÇÃO NÃO SUBORDINADA	533/798	67%	0,55
ADVERBIAL ANTEPOSTA	46/64	72%	0,47
ADVERBIAL POSPOSTA	85/120	71%	0,47
RELATIVA	88/135	65%	0,15
TOTAL	834/1221	68%	

(66) Claro, todo eso se terminó un poquito, y me vi con un ingreso bastante superior al [que normalmente yo tenía], ¿no? (BA-01)

(67) Le hicieron indicaciones [de que ____ **bajara** un poco el nivel porque no la podían seguir...] (BA-01)

4.2.2.7 – A estrutura do sintagma complementador

Conforme a **Tabela 4T**, um elemento na posição de especificador do sintagma complementador favorece o sujeito nulo, como se vê em (68). Esse resultado parece contraditório, já que, nos resultados da **Tabela 4S**, para o grupo de fatores anterior, as orações relativas, que têm sempre essa posição preenchida, se mostraram fortemente desfavorecedores do sujeito nulo. Porém, tanto o peso mais baixo para as relativas como o mais alto para o especificador de SC são compatíveis (mas não proporcionais) com os percentuais encontrados e com os pesos relativos obtidos em todos os níveis da rodada do VARBRUL, o que leva a crer que o favorecimento do sujeito nulo em orações com o especificador de SC ocupado tem relação com o alto índice de sujeitos nulos nas interrogativas.

Tabela 4T – Sujeito nulo segundo a estrutura de SC em Buenos Aires

SINTAGMA COMPLEMENTADOR	OCORRÊNCIAS/TOTAL	%	PR
ESPECIFICADOR PREENCHIDO	153/200	76%	0,87
NÚCLEO PREENCHIDO	206/280	74%	0,49
ESPECIFICADOR E NÚCLEO VAZIOS	475/741	64%	0,38
TOTAL	834/1221	68%	

(68) ¿**Qué** ____ pensás hacer? (BA-01)

No português brasileiro, o sintagma complementador vazio favorece o sujeito nulo. Na fala culta do espanhol de Buenos Aires, porém, a ausência de elementos nessa posição desfavorece o nulo, como mostra o exemplo em (69). Uma conjunção expressa no núcleo do SC também desfavorece o sujeito pronominal nulo.

(69) Ø Yo dormía... plácidamente. (BA-03)

4.2.2.8 – A desinência número-pessoal

Diferentemente do resultado encontrado para Madri, na análise de regra variável sobre a fala culta de Buenos Aires o tipo de desinência foi considerado relevante. As desinências exclusivas e as desinências produtivas para duas pessoas gramaticais favorecem o sujeito pronominal nulo, com pesos relativos de 0,56 e 0,54, respectivamente, como se vê na **Tabela 4U**. O morfema <Ø> (ausência de desinência) desfavorece o sujeito pronominal nulo, com um peso de 0,40, o que indica que, em Buenos Aires, a ambigüidade atua na escolha entre o sujeito pronominal nulo e o pleno. Note-se, porém, que a diferença entre o peso relativo mais alto e o mais baixo é pouco significativa: de 0,16.

Tabela 4U – Sujeito nulo de acordo com a desinência em Buenos Aires

DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL	OCORRÊNCIAS/TOTAL	%	PR
EXCLUSIVA	393/594	66%	0,56
DUAS PESSOAS GRAMATICAIS	153/196	78%	0,54
MORFEMA <Ø>	288/431	67%	0,40
TOTAL	834/1221	68%	

A **Tabela 4V** cruza os resultados para os grupos de fatores pessoa gramatical e desinência número-pessoal do verbo, a exemplo do que foi feito na análise da fala de Madri. Observando a tabela horizontalmente, vê-se que as pessoas gramaticais que se associam a mais de um tipo de desinência apresentam freqüências de uso do sujeito nulo menores quando a desinência utilizada é o morfema <Ø>. O percentual de sujeito nulo com o morfema <Ø>, para essas pessoas gramaticais, é, em média, 10% mais baixo que o percentual de apagamento do sujeito pronominal com o outro tipo de desinência possível.

Tabela 4V – Sujeito nulo: pessoa gramatical x desinência (Buenos Aires)

NULO	EXCLUSIVAS	DUAS	<Ø>	TOTAL
1ª SING	275/429 (64%)	–	55/98 (56%)	330/527 (63%)
1ª PL	40/65 (62%)	–	–	40/65 (62%)
2ª DIR S	78/100 (78%)	–	–	78/100 (78%)
2ª IND S	–	25/35 (71%)	76/133 (57%)	101/168 (60%)
2ª IND PL	–	12/19 (63%)	–	12/19 (63%)
3ª S	–	51/58 (88%)	157/200 (79%)	208/258 (81%)
3ª PL	–	65/84 (77%)	–	65/84 (77%)
TOTAL	393/594 (66%)	153/196 (78%)	288/431 (67%)	834/1221 (68%)

O sujeito pleno, então, é privilegiado com o uso do morfema <Ø> nas três pessoas gramaticais que podem associar-se a esse tipo de desinência (embora a taxa de sujeitos nulos de terceira pessoa do singular com esse morfema seja alta). As frases a seguir exemplificam o sujeito pleno nesse contexto: a primeira pessoa do singular é mostrada em (70); a segunda pessoa indireta do singular, em (71); a terceira pessoa do singular, em (72). As taxas gerais de sujeitos pronominais nulos para cada desinência, mostradas na última linha da tabela acima, mostram que a atuação do morfema <Ø> em si é menos relevante do que sua atuação combinada com a pessoa gramatical.

(70) Sí, yo te **había** dicho. (BA-03)

(71) ¿Usted **trabajaba** en esa época? (BA-04)

(72) Me parece realmente original Piazzola; me parece que él **está** tratando de encontrarle un nuevo ritmo a la ciudad; porque yo, lo digo esto con el más

profundo dolor de mi corazón... debo admitir que el tango ya no representa a la ciudad. (BA-02)

4.2.2.9 – O gênero do informante

A **Tabela 4X** apresenta uma quantidade de dados menor que a das outras tabelas, porque os grupos de fatores sociais não foram aplicados à fala dos entrevistadores, já que não há informações sobre idade e gênero dos mesmos. Os resultados mostram que as mulheres favorecem o uso do sujeito nulo (com um peso relativo de 0,54), enquanto os homens o desfavorecem. É muito baixa, porém, a diferença entre os pesos relativos (de 0,09) e os percentuais (de 5%).

Tabela 4X – Sujeito nulo segundo o gênero do informante em Buenos Aires

GÊNERO DO INFORMANTE	OCORRÊNCIAS/TOTAL	%	PR
MULHER	298/433	69%	0,54
HOMEM	266/414	64%	0,45
TOTAL	564/847	67%	

4.2.2.10 – Comentários

Assim como na análise da fala de Madri, na de Buenos Aires o padrão sentencial e a pessoa gramatical demonstram forte atuação na escolha entre o apagamento e o preenchimento. Confirma-se, então, a relevância das condições de referência (Barbosa, Duarte & Kato, 2005) e da predizibilidade da informação (Paredes Silva, 2003). Porém, os resultados para a desinência indicam que há na fala de Buenos Aires, diferentemente do que ocorre na de Madri, atuação da ambigüidade da flexão e da pessoa na realização do sujeito.

Nem todos os elementos que podem aparecer entre o sujeito e o verbo têm um efeito prosódico que favoreça o sujeito nulo: esse efeito foi notado somente com a negação, diferentemente do que ocorre no português brasileiro (Duarte, 1995) e no espanhol peninsular. As orações relativas favorecem fortemente o sujeito pleno, evidenciando que, também em Buenos Aires, a presença do pronome sujeito serve para eliminar a ambigüidade da função do pronome relativo *que*: a expressão do pronome indica que o relativo, na mesma oração, não é sujeito, tendo, portanto,

outra função. Os resultados para a faixa etária revelam que não há mudança em curso na fala de Buenos Aires.

4.3 – O PORTUGUÊS E OS RESULTADOS PARA O ESPANHOL

Os pesos relativos encontrados para as condições de referência mostram que esse grupo de fatores tem uma atuação geral, independentemente de a língua estar ou não em mudança. Um antecedente em outra função sintática ou a ocorrência de orações intervenientes entre um sujeito e seu antecedente dificultam a identificação do sujeito nulo, favorecendo seu preenchimento (Duarte, 1995; Barbosa, Duarte & Kato, 2001, 2005). Os percentuais para esse grupo de fatores, porém, são reveladores, já que a ocorrência de preenchimento nos padrões sentenciais A e B (excluídos os casos de ênfase ou contraste) sinalizam mudança em relação à marcação do parâmetro: as taxas de preenchimento do sujeito nos padrões sentenciais A e B serão maiores quanto mais avançada estiver a mudança, como se observa na evolução do PB.

A **Tabela 4Z** mostra os percentuais de sujeito nulo no português e no espanhol. No PE, no português moçambicano (PM) e nas duas variedades do espanhol analisadas neste trabalho, que são línguas de sujeito nulo, a preferência é pelo apagamento do sujeito. No PB, por outro lado, o sujeito pleno é privilegiado, motivo pelo qual não se pode afirmar que esta variedade ainda seja *pro-drop*.

Tabela 4Z – Taxas de sujeitos nulos no português e no espanhol (fala culta)

	PB (Duarte, 1995)	PE (Duarte, 1995)	Português moçambicano (Bravin dos Santos, 2006)	BA	MA
Gera I	29%	73%	72%	71%	73%
[- A]	44%	94%	100%	100 %	100%

O português europeu, o português moçambicano e as duas variedades do espanhol analisadas nesta Dissertação apresentam taxas gerais de sujeito nulo praticamente idênticas, evidenciando o comportamento de língua de sujeito nulo dessas variedades. A ausência total de sujeitos plenos com o traço [- animado] no

português moçambicano e no espanhol de Madri e Buenos Aires aproxima essas variedades do que seria uma língua de sujeito nulo prototípica.²⁷ As ocorrências de sujeito [- animado] pleno no PE, embora pouco freqüentes, afastam um pouco essa variedade de uma língua [+ *pro-drop*] prototípica dentro do grupo românico.

Em relação aos percentuais de sujeito nulo para o PE, o português moçambicano e o espanhol, conforme a tabela, o português brasileiro tem índices muito baixos, tanto os gerais quanto no caso dos sujeitos com o traço [- animado]. Nos dois casos, a preferência é pelo sujeito pleno. Isso, aliado à ausência da ordem VS no PB, afasta bastante essa variedade das línguas de sujeito nulo.

Isso tudo sugere que não há apenas dois comportamentos possíveis em relação ao parâmetro: [+ *pro-drop*] e [- *pro-drop*]. Na verdade, há uma escala contínua, com a língua de sujeito nulo e a de sujeito pleno prototípicas nos dois extremos. Além de detectar as propriedades que cada língua exhibe, as análises de caráter variacionista ajudam a identificar a freqüência com que cada uma dessas propriedades se manifesta, permitindo localizar as línguas dentro dessa escala, que está representada na figura abaixo, para as variedades da **Tabela 4Z**:

Figura 4B – Escala contínua para o parâmetro do sujeito nulo



Pode-se dizer que, das quatro línguas que aparecem na figura acima, o espanhol de Madri é a única que apresenta um comportamento prototípico de língua de sujeito nulo. A porcentagem de sujeitos nulos nessa variedade é muito alta. Além do mais, foi observada a distribuição complementar apontada por Fernández Soriano (1999) e Luján (1999): as taxas de sujeito nulo são mais baixas com referentes não esperado (padrões sentenciais C, D e E) e, com referentes esperados (padrões A e B), o pronome é expresso em situações de contraste, ênfase ou ambigüidade.

O espanhol de Buenos Aires, embora com um percentual de sujeitos nulos praticamente idêntico ao de Madri, não demonstra um comportamento prototípico.

²⁷ As amostras utilizadas por Bravin dos Santos (2006), entretanto, por serem muito pequenas, não permitem essa generalização.

Além de ter uma taxa de ordem VS menor que a da variedade peninsular, o sujeito nulo e o pleno não estão em distribuição complementar, mas apresentam pequena variação: diferentemente da variedade de Madri, na de Buenos Aires há sujeitos plenos sem aparente motivação funcional nos padrões sentenciais A e B, principalmente na primeira pessoa. Embora não se tenha feito, para o PM, análises como as feitas aqui para o espanhol que permitam uma comparação mais detalhada, o percentual geral de sujeitos nulos e o índice de 100% de sujeitos com o traço [- animado] nulos permitem localizar o português moçambicano, na escala da **Figura 4B**, num ponto próximo à localização das variedades do espanhol (cf. nota 27).

A taxa de sujeitos nulos no português europeu é próxima aos percentuais do espanhol. Considerando a ausência de sujeitos plenos com o traço [- animado] uma propriedade das línguas de sujeito nulo, o português europeu se afasta um pouco mais do ideal de língua [+ *pro-drop*], já que, embora com um percentual próximo de 100%, a ocorrência de sujeitos nulos com o traço [- animado] não é categórica, como ocorre no espanhol; além do mais, em alguns contextos os índices de sujeitos nulos são muito baixos no português europeu, chegando até, com a primeira e a terceira pessoa em orações relativas, a haver preferência pelos plenos, diferentemente do que ocorre nas variedades do espanhol analisadas aqui, nas quais se observou a preferência pelo sujeito nulo em todos os contextos controlados. Daí a importância de estender a outras línguas as observações de Kato (2000a: 14) sobre o português brasileiro quanto ao comportamento diferenciado das línguas de sujeito nulo e ao comportamento diferenciado das pessoas gramaticais.

O percentual de sujeito nulo no português brasileiro revela um comportamento inverso ao do espanhol e das outras variedades do português citadas: preferência pelo sujeito pleno (o sujeito nulo atinge apenas 29% dos dados). Esse índice, aliado à baixa taxa de sujeitos nulos com o traço [- animado] e à ausência da ordem VS, afasta o PB das propriedades das línguas de sujeito nulo e o aproxima do protótipo de língua de sujeito pleno. A seta sobre o PB na **Figura 4B** indica a mudança em direção ao preenchimento pela qual essa variedade do português está passando.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÃO CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs comparar duas variedades do espanhol representadas por amostras da fala culta da variedade de Madri e da variedade de Buenos Aires, à luz de uma das propriedades que caracterizam as línguas positivamente marcadas em relação ao parâmetro do sujeito nulo: a presença (e obrigatoriedade em certos contextos) de sujeitos nulos referenciais – objetivando observar como se comportam um sistema genuinamente *pro-drop*. De cada uma das duas variedades, foram analisados 12 inquéritos, que fazem parte do *Macrocorpus de la norma lingüística culta de las principales ciudades de España y América*.

Partiu-se da hipótese de que os índices de sujeitos nulos seriam muito altos nas duas variedades e de que não ocorreriam sujeitos plenos com o traço [- animado], evidenciando um comportamento típico de língua [+ *pro-drop*]. Acreditava-se, também, que desfavoreceriam o sujeito nulo a primeira pessoa (Duranti & Ochs, 1979) e a segunda indireta (Fernández Soriano, 1999). Esperava-se encontrar, na fala de Buenos Aires, menores taxas de sujeitos plenos em relação à de Madri, já que aquela variedade apresenta um quadro flexional com um número levemente menor de desinências exclusivas do que esta, mas sem qualquer indício de mudança paramétrica em progresso.

Os resultados da análise variacionista revelam mais semelhanças do que diferenças. Os índices de sujeito nulo são quase idênticos, não há sujeitos plenos com o traço [- animado] e a ordem VS se faz presente nas duas variedades. Além disso, os resultados para os fatores sociais mostram que não há indícios de mudança em progresso em nenhuma das duas variedades, confirmando a hipótese.

Os resultados para a pessoa gramatical nas duas variedades são semelhantes, com *usted(es)* desfavorecendo o sujeito nulo, como já havia apontado Fernández Soriano (1999); porém, analisando esse grupo de fatores em conjunto com o tipo de desinência, percebe-se uma diferença: em Madri não há influência da desinência na realização do sujeito; em Buenos Aires, o sujeito nulo é desfavorecido com a desinência <∅> nas pessoas gramaticais que podem associar-se tanto a esse

morfema como a outro tipo de desinência, ou seja, a ambigüidade flexiva atua favorecendo a expressão do sujeito, o que está de acordo com Fernández Soriano (1999) e Luján (1999) – mas apenas em Buenos Aires. Também foram semelhantes os resultados para as condições de referência: foram graduais nas duas variedades, com os primeiros padrões favorecendo o sujeito nulo e os últimos, desfavorecendo-o. A observação dos casos de preenchimento nos padrões A e B, entretanto, indica que em Madri há uma distribuição complementar (as ocorrências de preenchimento nesses dois padrões expressam ênfase, contraste ou individualização, ou seja, o sujeito pronominal só é expresso quando é motivado por ênfase ou contraste e quando seu antecedente tem outra função sintática ou há orações intervenientes entre o antecedente e o pronome em análise), enquanto em Buenos Aires parece haver variação entre sujeito nulo e pleno nos cinco padrões sentenciais, o que faz com que a fala culta de Madri esteja mais próxima do que seria uma língua de sujeito nulo prototípica do que a de Buenos Aires, que se mostrou menos estável.

A hipótese de que as formas verbais complexas favoreceriam o sujeito nulo, levantada por Duarte (1995) e não confirmada em sua análise sobre o PB, foi confirmada pela análise da fala de Madri, mas não pela de Buenos Aires, em que a forma verbal não atua (como no PB). A expectativa de que o sujeito nulo seria desfavorecido nos tempos verbais com menos oposições flexivas, levantada no **CAPÍTULO 3** desta Dissertação, não foi confirmada: o tempo e o modo verbal se mostraram irrelevantes nas duas variedades analisadas. Quanto à transitividade verbal, esperava-se que os verbos de ligação favorecessem o sujeito nulo, tal como observou Bravin dos Santos (2006) para o português brasileiro, mas esse grupo de fatores não se mostrou atuante na fala de Madri nem na de Buenos Aires.

Elementos entre o sujeito e o verbo parecem ter, segundo Duarte (1995), um efeito prosódico, intercambiando-se com o sujeito expresso, motivo pelo qual a presença de elementos negativos, advérbios aspectuais ou focalizadores e clíticos nessa posição favoreceriam o sujeito nulo no português brasileiro. Esse efeito prosódico foi confirmado pela análise de Madri, que mostrou a presença desses elementos como um contexto favorecedor do sujeito nulo. Em Buenos Aires, porém, apenas a negação parece favorecer o sujeito nulo.

Como esperado, a estrutura do sintagma complementador não é um grupo de fatores atuante na escolha entre o sujeito nulo e o pleno em Madri. Em Buenos Aires, entretanto, a presença de um pronome interrogativo ou relativo na posição de

especificador de SC favorece o sujeito nulo (essa situação é diferente da constatada para o PB, em que o SC vazio é que favorece o sujeito nulo). A presença de elementos adjuntos a SF favorece o sujeito nulo em Buenos Aires (diferentemente do que ocorre no PB, em que a presença de elementos nessa posição favorece o nulo), mas não atua na escolha entre o sujeito nulo e o pleno na fala de Madri.

Em Buenos Aires, as orações relativas desfavorecem fortemente o sujeito nulo, mas o sujeito pleno não chega a ser preferido nesse contexto, como ocorre no PE (Duarte, 1995), o que pode estar relacionado à ambigüidade do relativo *que* (a posição de sujeito fica sempre vazia quando *que* é sujeito e é preenchida quando *que* é objeto direto), já que o sujeito não é expresso com a mesma freqüência em orações introduzidas por relativos que não podem ser sujeito. Em Madri, este grupo de fatores não foi atuante, mas a análise qualitativa dos sujeitos pospostos mostrou que a ambigüidade da função do relativo é eliminada por um pronome pós-verbal. O sujeito nulo também é favorecido, em Madri, pelas orações interrogativas parciais, à semelhança do que ocorre no português europeu (no PE, porém, as interrogativas, independentemente de ser parciais ou globais, favorecem o sujeito nulo), enquanto em Buenos Aires não é relevante o fato de a oração ser assertiva ou interrogativa.

A comparação dessas variedades com estudos sobre o português europeu revela algumas diferenças: o português europeu apresenta, embora com um índice de apenas 6%, sujeitos plenos com o traço [- animado]. Além disso, o sujeito pleno é preferido em pelo menos um contexto: nas orações relativas (com sujeito de primeira ou terceira pessoa). Essas diferenças indicam que o português europeu exibe as propriedades das línguas de sujeito nulo com menos intensidade que as duas variedades do espanhol analisadas neste trabalho, o que permite localizá-lo, numa escala que vai desde a o protótipo de língua [- sujeito nulo] até o de língua [+ sujeito nulo], numa posição mais afastada de [+ sujeito nulo] em relação ao espanhol.

Percebe-se, então, que as diversas línguas naturais apresentam comportamentos diferentes em relação ao parâmetro do sujeito nulo, podendo estar mais próximas do protótipo [+ sujeito nulo] ou do protótipo [- sujeito nulo], sendo difícil classificá-las apenas com a marcação positiva ou negativa em relação ao parâmetro. Isso fica evidente quando se observa o PB, que está passando por uma mudança paramétrica em direção ao preenchimento: embora não se possa mais dizer que é uma língua de sujeito nulo, já que o preenchimento é preferido (inclusive quando o referente é [- animado]) e não há ordem VS, as taxas de sujeito nulo ainda

são altas para que se afirme que o PB é uma língua de sujeito pleno prototípica. O PB fica, então, localizado, na escala, em uma posição entre a marcação positiva e a negativa do parâmetro, estando mais próxima do que seria uma língua [- sujeito nulo] prototípica e bem afastada do PE e das variedades espanhol aqui analisadas.

Figura 5A – Escala contínua para o parâmetro do sujeito nulo



Na **Figura 4B**, aqui repetida como **5A**, está representada uma escala linear que permite localizar as variedades do espanhol analisadas neste trabalho, além do PE e do PB, num *continuum* que vai desde o protótipo de língua [- sujeito nulo] até o de língua [+ sujeito nulo], já que as línguas de sujeito nulo podem apresentar comportamentos diferenciados (Kato, 1999a), sendo difícil classificá-las apenas com as duas marcações do parâmetro. Pelas considerações acima, pode-se localizar que o espanhol de Madri bem próximo ao extremo que representa uma língua de sujeito nulo prototípica, estando o de Buenos Aires um pouco mais afastado, seguido do PE. O PB estaria localizado, na escala, mais próximo do extremo [- sujeito nulo].

Algumas variedades do espanhol americano, como a de Porto Rico, da República Dominicana e da Venezuela, entre outras, têm um comportamento bem diferente do apresentado pelas variedades de Madri e Buenos Aires em relação ao parâmetro do sujeito nulo. As variedades do português africano devem ter um comportamento semelhante ao do português europeu e das variedades de Madri e Buenos Aires do espanhol, como foi verificado no português moçambicano, com base nos resultados de Bravin dos Santos (2006).

Este trabalho pode contribuir, então, para ampliar o que se conhece sobre o comportamento e as especificidades das línguas românicas de sujeito nulo. Excetuando os trabalhos sobre o português brasileiro, são pouco numerosos os trabalhos variacionistas que focalizam as línguas românicas à luz de propriedades associadas ao parâmetro do sujeito nulo. Espera-se, pois, poder continuar a pesquisa, realizando uma análise comparativa que investigue outras variedades do espanhol americano e europeu e do português europeu, brasileiro e africano nessa mesma perspectiva teórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TEXTOS CITADOS

ALBA, Orlando de. "Función del acento en el proceso de elisión de la /s/ en la República Dominicana". In: _____ (org.). *El español del Caribe*. Santiago: Universidad Católica Madre y Maestra, 1982. P. 17-26.

BADÍA MARGARIT, Antoni M. "La omisión del sujeto en español". In: *Homenaje a Alonso Zamora Vicente* (volume 1). Madrid: Castalia, 1988. P. 361-7.

BARBOSA, Pilar; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia & KATO, Mary Aizawa. "A distribuição do sujeito nulo no português europeu e no português brasileiro." In: *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, 2001. P. 539-50.

_____. "Null Subjects in European and Brazilian Portuguese". In: *Journal of Portuguese Linguistics*, volume 4, n. 2. 2005. P. 11-52.

BARNES, B. K. "An Empirical Study of the Syntax and Pragmatics of Left dislocations in Spoken French". In: JAEGGLI, Osvaldo & SILVA-CORVALÁN, C. (orgs.). *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986. P. 207-224.

BENTIVOGLIO, Paola A. *Why 'canto' and not 'yo canto'? The problem of first person subject pronoun in spoken Venezuelan Spanish*. M. of Arts thesis. University of California, 1980.

BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*, I e II. Paris: Gallimard, 1996.

BERLINCK, Rosane de A. "A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem". In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989. P. 95-112.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire. *Quelques caractéristiques grammaticales des "sujets" employés dans le français parlé des conversations*. 1993.

BORER, Hagit. "Anaphoric AGR". In: JAEGGLI, Osvaldo & SAFIR, Kenneth J. (orgs.). *The null subject parameter*. Dordrecht: Kluwer, 1989. P. 69-110.

BRAVIN DOS SANTOS, Ângela Maria. *O sujeito anafórico de 3ª pessoa na fala culta carioca: um estudo em tempo real*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. FL/UFRJ, 2006.

CALABRESE, A. "Pronomina: some properties of the Italian pronominal system". In: FUKUI, N., RAPOPORT, T. & SAGEY, E. (orgs.). *MIT Working Papers in Linguistics*, 8. 1986. P. 1-46.

CHANGEUX, J. "Determinismo genético e epigenia das redes de neurônios: existirá a possibilidade de um compromisso biológico entre Chomsky e Piaget". In: PIATTELLI-PALMARINI. *Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem: o debate entre Jean Piaget & Noam Chomsky* (tradução de 1983). Cultrix, 1979.

_____. *L'homme neuronal*. Fayard, 1983.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. 2ª edição (1982). Dordrecht: Foris, 1981.

_____. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. Nova Iorque: Praeger, 1986.

CYRINO, Sônia M. L. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 1994.

CYRINO, Sônia M. L.; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia & KATO, Mary Aizawa. "Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese". In: KATO, Mary Aizawa & NEGRÃO, Esmeralda. V. (orgs.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-IberoAmericana, 2000. P. 55-73.

DUARTE, I. *A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre movimento*. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa, 1987.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. "A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas qu- no português do Brasil". *DELTA* 8, n. especial. 1992. P. 37-52.

_____. "Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil". In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary Aizawa (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. "Left-Dislocated Subjects and Parametric Change in Brazilian Portuguese". In: *Proceedings of the 16th International Congress of Linguists*. Paris: Syntax, 1998. CD-ROM.

_____. "Sociolingüística Paramétrica: Perspectivas". In: HORA, D. da & CHRISTIANO, E. (orgs.). *Estudos Lingüísticos: Realidade Brasileira*. João Pessoa: Idéia, 1999. P. 107-14.

_____. "A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos". In: PAIVA, Maria da Conceição & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

_____. "On the embedding of a syntactic change". In: *Language Variation in Europe: Papers from ICLaVE2*. Uppsala (Suécia): Universitetstryckeriet, 2004. P. 145-55.

DURANTI, A. & OCHS, E. "Left-dislocation in Italian conversation". In: GIVÓN, T. (org.). *Syntax and Semantics, vol. 12: Discourse and Syntax*. Nova Iorque: Academic Press, 1979. P. 377-415.

FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. "El pronombre personal: formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos". In: BOSQUE, Ignacio & DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española: sintaxis básica de las clases de palabras* (vol. 1). Madrid: Espasa, 1999. P. 1209-73.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. *La position sujet en portugais brésilien (dans les phrases finies et infinitives)*. Tese de Doutorado. Université de Genève, 1994.

FISCHER, J. L. "Social influences on the choice of a linguistic variant". *Word*, 14. 1958. P. 47-56.

GARDNER, H. *The mind's new science: a history of the cognitive revolution*. Nova Iorque: Basic Books, 1985.

GAUCHAT, L. "L'unité phonétique dans le patois d'une commune". *Aus romanischen Sprachen und Literaturen*. Festschrift Heinrich Mort, Halle: Max Niemeyer, 1905. P. 175-232.

GILI GAYA, Samuel. *Curso superior de sintaxis española*. Barcelona: Bibliograf, 1943.

HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. "Ello". *RFE* 1:3. 1939. P. 209-29.

HERMANN, M. E. "The ethnography of speaking". In: GLADWIN, T. & STURTEVANT, W. C. (orgs.). *Anthropology of human behavior*. Washington: Anthropological Society of Washington, 1929. P. 100-38.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUANG, C. T. James. "On the distribution and reference of the empty categories". *Linguistic Inquiry*, 15. 1984. P. 531-74.

JAEGGLI, Osvaldo & SAFIR, Kenneth J. The Null Subject Parameter and Parametric Theory. In: _____ (orgs.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer, 1989. P. 1-44.

KANY, Charles. *Sintaxis hispanoamericana*. Madrid: Gredos, 1969.

KATO, Mary Aizawa. "Os frutos de um projeto herético: parâmetros na variação". In: HORA, D. da & CHRISTIANO, E. (orgs.). *Estudos Lingüísticos: Realidade Brasileira*. João Pessoa: Idéia, 1999a. P. 95-106.

_____. "Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter". *PROBUS* 11. 1999b. P. 1-37.

_____. "Preface". In: KATO, Mary Aizawa & NEGRÃO, E. V. (orgs.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2000a. P. 7-16.

_____. "The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese". In: KATO, Mary Aizawa & NEGRÃO, E. V. (orgs.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2000b. P. 223-58.

KATO, Mary Aizawa & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *A gramática do português brasileiro: aspectos diacrônicos e sincrônicos*. ABRALIN, 2003.

_____. *(Micro)parametric variation between European (EP) and Brazilian Portuguese (BP): similarities and differences related to ongoing changes in Latin American Spanish*. Comunicação apresentada no XIV Congresso Internacional da ALFAL. Monterrey (México), 2005.

KEMP, W. "L'histoire récente de ce que, qu'est-ce que et qu'osque à Montréal". In: *Le français parlé: études sociolinguistiques*. Edmonton: Linguistic Research Inc., 1979. P. 53-74.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAVANDERA, B. *Variación e significación*. Buenos Aires: Hachette, 1984.

LENNEBERG, E. *Biological foundations of language*. Nova Iorque: John Wiley & Sons, 1967.

LIGHTFOOT, David. *How to set parameters*. Cambridge: The MIT Press, 1991.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Vol. 18. Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, 2003.

LOPES, Célia Regina dos Santos & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. "De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas". In: BRANDÃO, S. & MOTA, M. A. (orgs.). *Análise Contrastiva de Variedades do Português: Primeiros Estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003. P. 61-76.

LOPES ROSSI, M. Aparecida G. "Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil". In: ROBERTS, Ian & KATO, M. Aizawa. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993. P. 307-42.

LUJÁN, Marta. "Expresión y omisión del pronombre personal". In: BOSQUE, Ignacio & DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española: sintaxis básica de las clases de palabras* (vol. 1). Madrid: Espasa, 1999. P. 1276-315.

MIRA MATEUS, Maria Helena & VILLALVA, Alina. *O essencial sobre linguística*. Lisboa: Caminho, 2006.

MOINO, Ruth E. L. *Passivas nos discursos oral e escrito*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 1987.

MORALES, Amparo. "La expresión de sujeto pronominal, primera persona, en el español de Puerto Rico". *Boletín de la Academia Puertorriqueña de la Lengua Española*, 8. 1980. P. 91-102.

NARO, Anthony J. "Idade". In: MOLLICA, Maria Cecília (org). *Introdução à sociolinguística variacionista* (Cadernos didáticos UFRJ 4, 3 ed.). Rio de Janeiro: SR-1/UFRJ, 1996. P. 13-5.

NOVAES, Celso Vieira. *Representação mental de categorias vazias: o caso do sujeito nulo no português do Brasil*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1996.

NUNES, Jairo M. *O famigerado SE: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1990.

OLIVEIRA, Marilza de. "The pronominal subject in Italian and Brazilian Portuguese". In: KATO, Mary Aizawa & NEGRÃO, Esmeralda Vailati (orgs.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt: Vervuer/Madri: Iberoamericana, 2000.

PAGOTTO, Emílio G. *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1992.

PAIVA, Maria da Conceição. "Sexo". In: MOLLICA, Maria Cecília (org). *Introdução à sociolinguística variacionista* (Cadernos didáticos UFRJ 4, 3 ed.). Rio de Janeiro: SR-1/UFRJ, 1996. P. 69-73.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. *Cartas cariocas: A variação do sujeito na escrita informal*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

_____. "A relevância dos fatores internos". In: MOLLICA, Maria Cecília (org). *Introdução à sociolinguística variacionista* (Cadernos didáticos UFRJ 4, 3 ed.). Rio de Janeiro: SR-1/UFRJ, 1996. P. 33-7.

_____. "Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real". In: PAIVA, M. da Conceição & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003. P. 97-114.

RAMOS, Jânia. *Marcação de caso e mudança sintática no português do Brasil*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 1992.

_____. "Sociolinguística paramétrica ou variação paramétrica?". In: HORA, D. da & CHRISTIANO, E. (orgs.) *Estudos Linguísticos: Realidade Brasileira*. João Pessoa: Idéia, 1999. P. 83-94.

RAPOSO, Eduardo Paiva. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

REAL Academia Española. *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1973.

RIBEIRO, Ilza M. de O. *A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 1995.

RIVERO, M. L. "On Left-Dislocation and topicalization in Spanish". In: *Linguistic Inquiry*, 2. 1980. P. 363-393.

RIZZI, Luigi. *The new comparative syntax: principles and parameters of universal grammar*. 1988.

ROBERTS, Ian. *Verbs and Diachronic Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1993.

SAMPER PADILLA, José Antonio. "Macrocorpus de la norma lingüística culta de las principales ciudades de España y América". In: *Lingüística*, 7. 1995. P. 263-93.

SCHERRE, M. M. P. "A regra de concordância de número entre os elementos dos SNs". In: NARO, Anthony J. *et alii*. *Relatório final de pesquisa apresentado ao INEP*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1985.

_____. "Análise da estratificação social: concordância de número entre os elementos do sintagma nominal". In: NARO, Anthony J. *et alii*. *Relatório final de pesquisa: Projeto Subsídios Sociolingüísticos do Projeto Censo à Educação* (volume 1). Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1986. P. 58-75.

SECCO, Rafael. *Manual de gramática española*. Madrid: Aguilar, 1988.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. "Subject expression and placement in Mexican-American Spanish". In: AMASTAE, Y. & ELIAS OLIVARES, L. (orgs.). *Spanish in the United States: sociolinguistics aspects*. Cambridge University Press, 1982. P. 93-120.

_____. *On the problem of meaning in sociolinguistic studies of syntactic variation*. In: KASTOVSKY, D. & SZWEDEK, A. (orgs.). 1986. P. 11-23.

TARALLO, Fernando & KATO, Mary A. "Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística". In: *Preedição 5*. Campinas: UNICAMP, 1989. P. 315-53.

TORIBIO, Almeida Jacqueline. "Dialectal variation in the licensing of null referential and expletive subjects". In: PARODI, Claudia *et alii* (orgs.). *Aspects of romance linguistics*. Washington: Georgetown University Press, 1994.

VASCO, S. L. *Construções de tópico no português: as falas brasileira e portuguesa*. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 1999.

VOTRE, Sebastião. "Escolaridade". In: MOLLICA, Maria Cecília (org). *Introdução à sociolingüística variacionista* (Cadernos didáticos UFRJ 4, 3 ed.). Rio de Janeiro: SR-1/UFRJ, 1996. P. 75-79.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin. "Empirical foundations for a theory of language change". In: LEHMAN, W. & MALKIEL, Y. (orgs.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. P. 97-195.

WOLFRAN, W. *A sociolinguistic description of Detroit negro speech*. Washington: Center for Applied Linguistics, 1969.

ANEXO I

A DISTRIBUIÇÃO DA ORDEM VS EM MADRI E BUENOS AIRES SUJEITO POSPOSTO x SUJEITO ANIMADO NULO OU ANTEPOSTO

Tabela IA – Sujeito posposto segundo o tipo de desinência

DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL	MADRI	BUENOS AIRES
MORFEMA <Ø>	83/454 (18%)	14/445 (3%)
DUAS PESSOAS	13/182 (7%)	3/199 (2%)
EXCLUSIVA	25/729 (3%)	10/604 (2%)
TOTAL	121/1365 (9%)	27/1248 (2%)

Tabela IB – Sujeito posposto de acordo com o tempo e o modo verbal

TEMPO VERBAL	MADRI	BUENOS AIRES
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO	8/18 (44%)	2/29 (7%)
PRESENTE DO INDICATIVO	80/907 (9%)	18/669 (3%)
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	13/169 (8%)	5/310 (2%)
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	14/196 (7%)	2/192 (1%)
FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	1/23 (4%)	0/6 (0%)
TODOS OS TEMPOS DO SUBJUNTIVO	5/52 (10%)	0/42 (0%)
TOTAL	121/1365 (9%)	27/1248 (2%)

Tabela IC – Sujeito posposto segundo a oração: assertiva x interrogativa

ORAÇÃO	MADRI	BUENOS AIRES
INTERROGATIVA PARCIAL	55/151 (36%)	5/70 (7%)
INTERROGATIVA GLOBAL	19/145 (13%)	6/120 (5%)
ASSERTIVA	47/1069 (4%)	16/1058 (2%)
TOTAL	121/1365 (9%)	27/1248 (2%)

Tabela ID – Sujeito posposto x estrutura do sintagma complementador

SINTAGMA COMPLEMENTADOR	MADRI	BUENOS AIRES
ESPECIFICADOR PREENCHIDO	69/270 (26%)	15/215 (7%)
NÚCLEO PREENCHIDO	14/338 (4%)	3/283 (1%)
ESPECIFICADOR E NÚCLEO VAZIOS	38/757 (5%)	9/750 (1%)
TOTAL	121/1365 (9%)	27/1248 (2%)

ANEXO II

GRUPOS DE FATORES NÃO SELECIONADOS RESULTADOS PERCENTUAIS PARA ALGUNS GRUPOS DE FATORES

Tabela IIA – Sujeito nulo de acordo com o tempo verbal em Madri

TEMPO VERBAL	OCORRÊNCIAS	%	TOTAL
TODOS OS TEMPOS DO SUBJUNTIVO	39	83%	47
PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	127	81%	156
PRESENTE DO INDICATIVO	617	75%	823
PRETÉRITO IMPERFEITO INDICATIVO	133	73%	181
FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	15	71%	21
FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO	6	60%	10
TOTAL	937	76%	1238

Tabela IIB – Sujeito nulo x adjunção ao sintagma flexional (em Madri)

ELEMENTO NA POSIÇÃO	OCORRÊNCIAS	%	TOTAL
NENHUM ELEMENTO	746	76%	985
COMPLEMENTO TOPICALIZADO	45	70%	64
OUTRO ADJUNTO A SF	146	77%	189
TOTAL	937	76%	1238

Tabela IIC – Oração: declarativa x interrogativa (em Buenos Aires)

ORAÇÃO	OCORRÊNCIAS	%	TOTAL
INTERROGATIVA PARCIAL	62	95%	65
INTERROGATIVA GLOBAL	78	68%	114
DECLARATIVA	694	67%	1042
TOTAL	834	68%	1221

Tabela IID – Sujeito nulo segundo a forma verbal em Buenos Aires

FORMA VERBAL	OCORRÊNCIAS	%	TOTAL
COMPLEXA	153	68%	226
SILPLES	681	68%	995
TOTAL	834	68%	1221